

**RIL**



revista literária

**10**

revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**



NOVEMBRO DE 1975

\*

ANO X — NÚMERO 10

# Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

ORLANDO BIANCHINI

MARIA ANTONIETA ANTUNES CUNHA



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

## CONCURSO DE ILUSTRAÇÕES

O Concurso de Ilustrações para a Revista Literária do Corpo Discente da UFMG nº 10 teve a participação de doze alunos da Universidade Federal de Minas Gerais, que enviaram um total de 33 trabalhos. Foram dez alunos da Escola de Belas Artes, um do Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e um do Curso de Engenharia Elétrica da Escola de Engenharia.

Os trabalhos foram julgados observando-se a qualidade gráfica, a abordagem do texto escolhido e as exigências fixadas no regulamento do concurso. A Comissão Julgadora foi formada pelos professores Júlio Espíndola de Castro Netto e Sandra Maria Bianchi, da Escola de Belas Artes, e Maria Antonieta Antunes Cunha, da Faculdade de Letras.

O primeiro prêmio foi para Maria José Boaventura Leite, da EBA, ilustrando o trabalho "O Coronel Não Verá Jamais os Seus Filhos"; o segundo para Lina Isabel Cristina de Azevedo Passos, da EBA, ilustrando o trabalho "O Ventre da Terra"; o terceiro para Elizabeth Netto Calil Zarur, também da EBA, ilustrando o trabalho "Carrinho de Rolimã".

As menções honrosas: Sandra Cristina de Oliveira Castro, da EBA, trabalho "Cotidiano"; Sérgio Nunes de Moraes, da EBA, trabalho "Retrato"; Maria José Boaventura Leite, da EBA, trabalhos "Retrato" e "Lágrima de Urso"; Gérson Flávio Lopes Boson, da EBA, trabalho "O Ventre da Terra".

A coordenação do concurso foi da profª Maria do Carmo Vivacqua Martins, do Centro de Extensão da Escola de Belas Artes.



Endereço para correspondência:

**SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG**

8º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Rua Carangola, 288

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**



**PUBLICAÇÃO Nº 635**

**IMPrensa UNIVERSITÁRIA**

**Caixa Postal 1.621 — 30.000 - Belo Horizonte, MG — Brasil**

**Edições da**

**REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

## RL: DEZ ANOS

*A Revista Literária do Corpo Discente da UFMG completa, com este número, dez anos.*

*Cremos que este marco não é muito comum: nem mesmo para a Universidade torna-se fácil manter uma revista com os objetivos desta, e as dificuldades enfrentadas são de diversos tipos.*

*Contudo, algumas coincidências se têm juntado para possibilitar que a publicação, a cada ano, cresça. Antes de mais nada, não tem faltado o interesse e o apoio da Reitoria da UFMG, especialmente do Reitor Eduardo Osório Cisalpino e da diretora da Faculdade de Letras, Prof<sup>a</sup> Iria Maria Renault de Castro Silva, desde que a Revista, em 1974, foi vinculada ao Centro de Extensão da FALÉ.*

*Esse apoio, naturalmente, é o reconhecimento do excelente nível que a Revista tem logrado manter (foi uma das três selecionadas numa triagem de revistas da UFMG, realizada em 1974 pelo Conselho de Pesquisa da Universidade) através do concurso literário anual entre os universitários e a colaboração de professores da UFMG.*

*Mas, num balanço da vida da Revista, o Centro de Extensão da Faculdade de Letras sente-se no dever de agradecer o desprendimento de professores, como Orlando Bianchini, que paciente e generosamente têm participado da comissão julgadora dos concursos. E, acima de tudo, deve a Revista prestar uma homenagem ao Prof. Plínio Carneiro, que, desde o primeiro número, vem sendo o principal responsável pela sobrevivência da Revista. Não fosse seu empenho e seu*



*entusiasmo, em mais de uma ocasião, a publicação teria sucumbido.*

*Nos dois últimos anos, foram realizados concursos de ilustração, organizados pelo Centro de Extensão da Escola de Belas Artes.*

*Assim, a Revista vai procurando alargar seu programa e tornar-se, cada vez mais, um fator de união da Universidade.*

MARIA ANTONIETA ANTUNES CUNHA

## ÍNDICE

### CONCURSO DE CONTOS

O Coronel Não Verá Jamais os Seus Filhos — <i>Luiz Fernando de Souza Emediato</i> .....	11
O Ventre da Terra — <i>Sandra Lyon</i> .....	17
O Verdadeiro Profeta do Apocalipse — <i>Antônio de Pádua Barreto Carvalho</i> .....	22

#### *Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa*

Eufrásio — <i>José Liberato Costa Póvoa</i> .....	39
Cotidiano — <i>Sílvia Rubião Resende</i> .....	48
O Sol Por Testemunha — <i>Hugo de Almeida Souza</i> .....	52
Das Breves Notas de Um Desaparecido — <i>Ostias Ribeiro Neves</i> ....	56
Lágrima de Urso — <i>Lúcia Castelo Branco</i> .....	72

### CONCURSO DE POEMAS

Liturgia da Palavra — <i>Antônio de Pádua Barreto Carvalho</i> .....	79
Ópera do Verde e do Sal — <i>Sônia Maria de Melo Queiroz</i> .....	80
O Medo — <i>Luiz Fernando de Souza Emediato</i> .....	82

#### *Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa*

Brasília — <i>Antônio Carlos Gomes da Costa</i> .....	85
Considerações Latinas — <i>Ostias Ribeiro Neves</i> .....	86
Retrato — <i>Liana Vale</i> .....	88
Peltoral de Janela — <i>Sandra Mansur Froes</i> .....	91
Carrinho de Rolimã — <i>Maria de Fátima Rocha</i> .....	92

## SEGUNDA SEÇÃO

### POEMAS

(H)era — <i>Moacyr Laterza</i> .....	101
Congonhas — <i>Luís Carlos Alves</i> .....	102
Ressurreição de Fantasmas — <i>Luís Carlos Alves</i> .....	103
Rosa (João Guimarães) — <i>Valéria Furtado Azevedo</i> .....	104
A Saga dos Homens — <i>Daniilo dos Santos Pereira</i> .....	106
Poema Bula — <i>Ronald Claver</i> .....	107

## CONTOS

Starville — <i>Duílio Gomes</i> .....	117
Dois Pequenos Esboços — <i>Walden Camilo de Carvalho</i> .....	119
Las Cien Perlas — <i>Gabriela Arciniegas</i> .....	122
O Semeador — <i>Ana Maria de Almeida</i> .....	125
Uma Loura Gostosa — <i>Sérgio Bittencourt Almeida</i> .....	131
Adeus, Corvetinha — <i>Daniilo Gomes</i> .....	135
Sinfonia Número Quarenta — <i>Plínio Carneiro</i> .....	142

## ENSAIOS

Alina Reyes — <i>A Traição do Anagrama</i> — <i>Cleonice Paes Barreto Mourão</i> .....	149
A Representação e o Ritual em Final do Jogo, de Júlio Cortazar — <i>Vera Lúcia Andrade</i> .....	160

## RESENHA

Estatística da Revista Literária.....	193
Relação dos Contos Recebidos.....	194
Relação dos Poemas Recebidos.....	197
Publicações Recebidas.....	203
Críticas à Revista Literária.....	205

**RL**

revista literária

---

CONCURSO  
DE  
CONTOS



# O CORONEL NÃO VERÁ JAMAIS OS SEUS FILHOS

HUR

**Luiz Fernando de Souza Emediato**  
Curso de Comunicação Social da FAFICH

As vésperas dos oitenta anos o coronel Salustiano pediu à mulher, com voz cansada e fraca, que escrevesse aos filhos e netos. Acordara sobressaltado, um infeliz presentimento atravessando-lhe na garganta angústias e terrores.

O coronel Salustiano tinha onze filhos e cinquenta e três netos, todos casados, e ainda cento e oito bisnetos, dos quais guardava, num pequeno álbum de capa preta, os pequenos e amarelos retratos. Há anos e anos, porém, não os via, pois recusavam-se a visitá-los, os velhos tristes e cansados a esperar a morte solitários e esquecidos.

Restava-lhe o consolo, todavia, de comunicar-se com os entes queridos através de longas cartas que ditava a Dorotéia, rouco e nostálgico, ao longo de noites e mais noites de desespero e insônia.

Naquela manhã insuportavelmente calorenta o coronel Salustiano não conseguira beber o seu costumeiro chá com torradas, e embora Dorotéia insistisse para que tomasse pelo menos o mingau de aveia, ele enredou-se na teia do silêncio, mantendo-se mudo enquanto a mulher não abriu a gaveta da cômoda e de lá extraiu folhas e mais folhas de papel de linho.

Salustiano, quase feliz, apoderou-se do canapé e de lá ditou frases que ela, um triste sorriso torcendo os lábios, alinhavava em parágrafos e parágrafos de recordações.

O coronel insistia em relembrar o passado, embora os filhos e os netos não quisessem e sequer suportassem viver de lembranças escassas e fugidias.

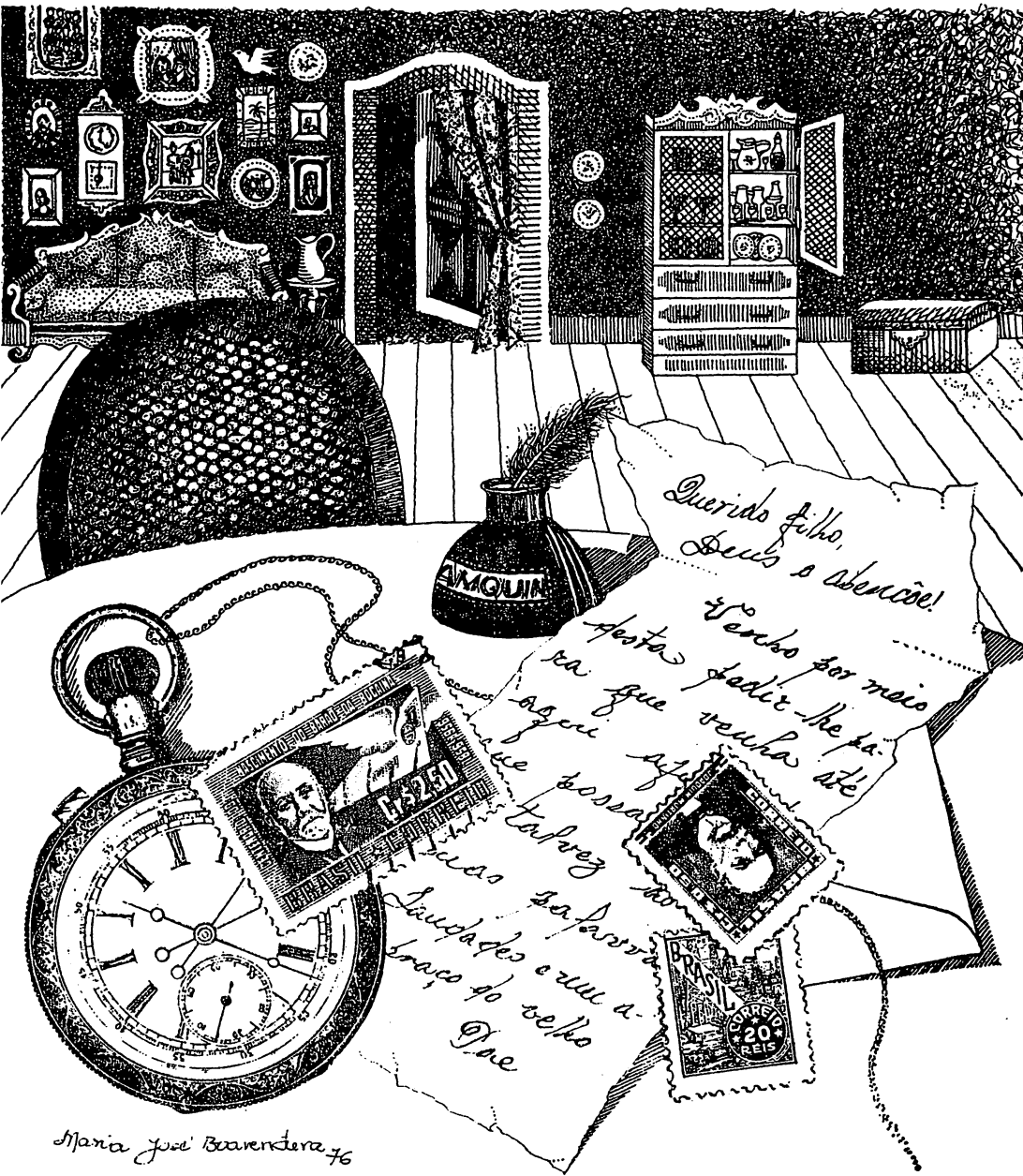
O coronel Salustiano tornou-se novamente criança, e Dorotéia ria e ria quando ele, as cartas já escritas e cuidadosamente dobradas, ajudou-a a colocá-las nos sessenta e quatro envelopes impecavelmente brancos. Quando saiu com o grande maço de papéis para depositá-los nos Correios, o coronel Salustiano beijou-a na face, e ela transpôs as ensolaradas ruas arrastando um cansaço satisfeito e sorridente.

Ao voltar, entretanto, entristeceu-se ao ver o marido ereto e hirto sobre o canapé, os olhos embaçados torturadamente fixos na parede em frente. Descascada e enverdecida pelo musgo, a parede guardava o antigo retrato empergaminhado que, há tempos e tempos, um fotógrafo atrevido insistira em vender-lhes após tê-los surpreendido, jovens e confiantes, à saída da igreja.

Acostumada às esquisitices do marido, foi para o quarto bordar. À noite, rolou horas e horas sobre a cama, desacostumada com a ausência do companheiro. De manhã, o rosto exausto por não ter dormido, levou-lhe chá com torradas, e ele sorveu o líquido ainda quente sem tirar os olhos do retrato. Mastigou as torradas com lentidão e desembaraço, sem permitir que partículas de pão se espalhassem pelo piso, e só então perguntou à mulher se remetera as cartas.

Durante o dia inteiro não arredou pé do lugar, e novamente Dorotéia torturou-se, no leito, recordando antigos tempos em que o marido, forte e soberbo, extinguiu-lhe no corpo o medo dos fantasmas da infância.

O coronel Salustiano descendia de uma estirpe nobre e orgulhosa do nome, mas no fim da vida sofria com o fato de ser o último de uma raça gloriosa e rica de vitórias. Seu pai, o Major, nascido em Ponta Porã, obtivera medalhas de ouro e prata por atos de bravura nas batalhas de Tuiuti e Campo Grande, mas há muito nem sequer os netos vinham mais vê-las, brilhantes e bem polidas, no armário antigo onde testemunhavam uma longínqua Guerra do Paraguai.



Maria José Beavendera 76



Passava os dias a lembrar com Dorotéia épocas arcaicas e perdidas, e quando lia os jornais comentava os fatos cotidianos como se os visse de fora. Não aceitava o mundo e as coisas da vida, e quando via o presidente no quadrado estreito do televisor soltava imprecações e dizia à mulher da bondade extrema do Imperador D. Pedro II.

Dorotéia ouvia a tudo submissa e paciente, receosa de enervá-lo com palavras duras. Na velhice, amava-o ainda como nos primeiros dias, sendo-lhe doloroso contrariar os menores desejos de quem, à noite, acolhia-a dócil e serena nos magros, porém ainda fortes e rijos braços.

Os dias foram passando e o coronel Salustiano, cada vez mais magro e mais triste, não conseguia desviar os olhos amarelos do retrato em que, sorridente, abraçava os ombros estreitos e frágeis da esposa jovem e cheia de viço. E Dorotéia, ainda sem se acostumar com a largura imensa do leito em que passara a dormir sozinha, entristecia-se a ponto de permitir que pelas faces enrugadas deslizesse, de minuto a minuto, uma tímida lágrima logo roubada aos olhos do marido.

Inquieta, transitava pela casa sem cessar, e quando passava pela sala olhava para o velho como se sua presença fosse um acontecimento fantástico e extraordinário. O coronel agora recusava-se a receber sua costumeira ração de chá com torradas, e sequer se movia quando ela, cansada de andar sem rumo pelo casarão vazio, sentava-se à sua frente para fazer tricô.

Somente uma vez ele tirou os olhos do gasto retrato para perguntar-lhe, a voz temendo a resposta, se alguém respondera às cartas. Dorotéia, reprimindo uma lágrima para que ele não visse que sofria, respondeu-lhe com o silêncio, e ele entendeu então que ninguém atenderia a seu último e desesperado apelo.

A cada dia envelhecia um ano, mas Dorotéia já não se assustava quando, de manhã, ao levar-lhe o chá que ele recusaria como sempre, olhava sem compreender as novas rugas que lhe nasciam na face.

Certa manhã, um canário amarelo penetrou na sala pela janela, pousou no ombro do coronel e entoou um estridente e cortante lamento. Salustiano, surpreendido, tirou pela primeira vez, em muitos dias os cansados olhos do retrato. Seguindo o vôo do pássaro através dos quatro cantos da sala, sentiu-se triste e abandonado ao se descobrir sozinho na sala, o canário tendo fugido pela janela.

Quando Dorotéia chegou à sala pediu-lhe que comprasse, no mercado, todos os canários que encontrasse. Durante dias e dias maravilhou-se a ouvir, enquanto olhava o retrato, o canto de dezenas e dezenas de pássaros aprisionados em gaiolas e mais gaiolas espalhadas como quadros pelas paredes cobertas de musgo verde.

Julgou Dorotéia então que Salustiano retornaria ao convívio dos homens, mas tão logo os pássaros começaram a fazer parte da rotina o coronel voltou ao seu martírio. Não quis abandonar o canapé em que erigira seu reino, e Dorotéia, decepcionada, acostumou-se afinal com a tortura de passar noites e mais noites sozinha no grande e largo leito vazio.

No décimo-sétimo dia após o envio das cartas o coronel Salustiano manifestou o desejo de folhear o álbum de fotografias da família, e neste afazer passou toda a longa noite de um chuvoso sábado cinzento. Na manhã de domingo, ao sair para a missa, Dorotéia recolheu no piso estragado da sala centenas e centenas de papeizinhos meticulosamente rasgados. Lá fora a chuva cessara e o sol queimava a terra como se quisesse rachá-la em milhares e milhares de pedaços.

Salustiano, rígido, contemplava o retrato na parede, a pele enrugada molhada de lágrimas aflitas. Pela primeira vez em toda a sua vida Dorotéia falhou à missa dominical para, solícita e amargurada, consolar o marido. Das gaiolas, os canários entoavam uma sinfonia alegre e estridente. Através das brancas cortinas da janela o sol penetrava radiante, desenhando no piso curiosas figuras coloridas.

Junto com o sol, atravessavam a cortina desnorteadas mariposas que insistiam em perder no tapete as pequeninas e débeis asas translúcidas.

“Eles não virão jamais”, disse então o coronel com a voz entrecortada de soluços. “Sim, eles não virão”, concordou Dorotéia, e também ela soluçava, velha e encarquilhada sob o peso de sua amarga impotência. Sabia que a eles, os dois velhos condenados a morrer na solidão, nada mais restava que aguardar a morte.

Não foi sem surpresa, todavia, que, na manhã seguinte, ao acordar após uma noite de sobressaltos e suores, encontrou o marido com o queixo afundado no peito, uma das mãos caída ao longo do corpo e a outra apertada rigidamente contra a garganta.

O coronel Salustiano encontrara afinal apaziguamento para suas torturas, e ela o invejava agora, tomando-se de apreensão e medo ao pensar que, até o final dos dias, sofreria não só com o leito vazio, mas com a sala e todos os quartos da casa silenciosos e irremediavelmente mortos.

Nas gaiolas, os canários entoavam, sombrios e graves, um triste e desesperado réquiem.

No cemitério, Dorotéia sorriu com dificuldade para o padre e para os dois coveiros, agradecendo-lhes comovida a caridade de não a terem abandonado. Transpôs o caminho até o portão negro e enferrujado com surpreendente dignidade e até chegar à casa vazia, onde na sala os canários abstinham-se de cantar, não baixou por um só momento a altiva cabeça.

Os filhos e netos começaram a chegar na manhã seguinte, trazendo, em seus carros brilhantes, estridentes e irrequietas crianças magras. Entravam um a um pela porta escancarada e, impassíveis, ficavam a ouvir, dominadas pelo silêncio, o vago tiquetaquear do relógio sobre a cômoda. Nas paredes, dezenas de gaiolas vazias. Na parede em frente ao canapé, o antigo retrato partido em pedaços. E no canapé, magra e abandonada, uma mecha de cabelos cobrindo a face, Dorotéia e seu fracasso, o queixo afundado no peito, uma das mãos caída ao longo do corpo e a outra apertada, rigidamente, contra a garganta.

## O VENTRE DA TERRA

DAGMAR ANGELINA

**Sandra Lyon**

Faculdade de Medicina

Dentro do quarto o homem abriu a pesada arca de cedro, a um canto da parede, onde guardava as ferramentas. E revirou foices, machados, enxós, facões, estrovengas enferrujadas. É tempo de semear, ele pensa em voz alta, enquanto remove a ferrugem do arado. O querosene desemperraria porcas, parafusos e molas.

Ali perto da casa a ingazeira vergou-se sobre a fonte derramando em suas águas, folhas enferrujadas como se contaminadas pela cor ocre que a umidade colocara na lâmina do arado. As folhas caíam quando o vento soprava selvagem o seu bafo morno, sacudindo as penas das jandaias. E nas manhãs as jandaias faziam algazarra em voos rasteiros da ingazeira à cerca de arame farpado: e as suas penas abriam-se como leques na ventania.

Sem olhar para trás, a moça apanhou a lata de flandres a caminho da fonte. Voltava minutos depois a equilibrar a lata no alto da cabeça sobre a rodilha de pano. Num andar gingado, ela recebe nos ombros e peitos grossos pingos d'água como se fossem beijos cálidos e úmidos.

Pirraça ou não, terra ruim, teimosa aquela ali onde nada vingava. Campos que se espreguiçavam até o horizonte, espetados de palmeiras catulés. Só erva rasteira, carrapicho,



tucum e urtiga. O adubo colocado na intimidade do seu corpo talvez fermentasse e enfurecesse os campos.

O sol havia torrado o capim dos pastos, mas, agora, os campos abriam-se em largas feridas sob o relho do arado. E assim o chão nu e de ventre aberto revelava uma terra dura, grudada como coágulos de sangue. O homem chegou, concentrado no seu trabalho, calculou distâncias e jogou certo em pequenas covas alinhadas as sementes de cor amarelo ouro. Na mesma obstinação ele voltava para renovar a provisão de sementes desfazendo com os pés aqueles bolos pesados de terra que abrigariam essas sementes num cálido aconchego.

Depois o homem saiu do capinzal e debruçou-se sob a fonte para beber água no côncavo da mão e voltou ao barranco. Foi então que deparou com a moça ajoelhada na tábua de bater roupa, batendo roupa. No susto ela endireitou a saia cobrindo a pele branca acostumada ao silêncio e sombra dos panos. E tapava com a mão suja de sabão, o peito sustentando dois carços redondos e arfantes que aguçavam o instinto do homem. O suor escorrendo em bagas pelo rosto, ele arriscou, avançando-se. A moça deixou que ele chegasse perto, então suas unhas feriram-lhe o rosto. O homem guardou a certeza de que aqueles riscos vermelhos jamais iriam se apagar enquanto a fonte gravava no seu leito úmido os pés da moça em fuga. E mais adiante, o rastro apagava-se junto à terra seca da encosta.

Muitas foram as vezes que a moça voltou à fonte. E os seus olhos dançavam, examinavam de viés em lances rápidos o homem cavando o solo com a lâmina afiada do arado. Silenciosamente deixou mergulhar o corpo na água: nua, a espuma do sabão a coroar-lhe os montes gêmeos e escorrendo pelo corpo. O olhar do homem cruzou as distâncias, atravessou a ingazeira e caiu como bolas de chumbo e desejo dentro da água, entre o pismo e o riso.

Os seus olhos nadam e mergulham nos olhos dela. A pele da moça rescende a silêncio, teimosia e hortelã. Então, o homem aproxima a sua boca foraz e trinca a pele do ombro



dela, cerrando os dentes como se apertasse um parafuso pouco a pouco. A mão calosa desceu pelo corpo numa carícia morna. Abraçaram-se ferozes, jogando-se no chão num baque surdo sobre as folhas e sombra da ingazeira.

Choveu. As nuvens intumescidas rasgaram o seu ventre cor de chumbo e irrigaram o chão fofo. As dobras secretas do ventre da terra expulsaram daí a alguns dias tenras folhas verdes que se vergavam ao sabor da brisa. Para que tanto cuidado? Depois de semeada, a planta nasce e vinga, pensava o homem, resignado. E encostava o ouvido junto ao ventre da mulher como se quisesse escutar palpitações germinativas da marca de sua contaminação. Semeara ali numa estação propícia, regando todos os dias com o seu estrume. Vingaria, acreditassem.

Depois da estação chuvosa, o sol chegou cruzando réstias poeirentas através das frinchas da janela. A mulher dirigiu-se a passos trôpegos para o quarto. E com as mãos sobre o ventre empinado como arco de barril, mordida o travesseiro de pãina como se quisesse sufocar ali, as suas dores e grito. Os galos arrebetando os peitos dentro do quarto, acordaram o homem. Sonolento, ele arreja o cavalo: vai à cidade buscar a parteira, talvez não demorasse muito a nascer.

Sentado sobre o arção da sela, o rosto e cabelos entregues ao vento, o homem esporeia o cavalo no ventre. O tropel de passos se afasta depois que a porteira range e bate a cancela. À beira da estrada as espigas de milho mostram-se carnudas, prestes a despencarem-se do caule. E o mato cresceu nestes últimos tempos estrangulando as folhas verde-gaio do milharal. É tempo de colheita.



# O VERDADEIRO PROFETA DO APOCALIPSE

ARCANJO GABRIEL

**Antônio de Pádua Barreto Carvalho**  
Faculdade de Letras

(Baseado nos manuscritos de Salustiano Camargos, historiador-mór, que fugiu numa mula ruana no dia em que quase todos morreram em Agonília.)

(Qualquer semelhança com nomes e personagens aqui ressuscitados é mera comparação.)

*"Livro das Gerações" — fls. 4*

— Citado por Normélio Camargos,  
pai de Salustiano, antes de falecer.

**PRIMEIROS DADOS HISTÓRICOS FORNECIDOS POR  
SALUSTIANO CAMARGOS ou DE COMO TENÓRIO, O  
DEPRAVADO, RESOLVEU CONHECER A AMÉRICA  
DO NORTE**

8.666 domingos depois de Pentecostes

Nas altiplanícies do Vale de Agonília o dia ruminava durante 28 horas as bordas dos chapéus do eito, do pasto e do rio. Mateus trabalhava vinte e quatro, fechando a madrugada com a construção de um cigarro de palha na soleira da porta, não sem antes reservar duas horas para aumentar a prole e

xingar a patroa e mais duas para beber, comer e dormir. Tinha tantos filhos que apenas duas vezes por ano se detinha para contá-los — como contava o gado da bondosa alma do Coronel Valburga, ladrão de um terço das terras da Província. — O mais velho, conforme os ainda vivos descendentes da família Camargos, uma geração de grandes historiadores, chamava-se Afonso, de alcunha Centitanto, cuja origem é até hoje desconhecida, assim também seu paradeiro. Sabe-se que fugiu para a capital quando lhe espetou o primeiro fio de barba, dizendo que iria entrar para a Milícia. Contam os distintos historiadores que houve até quem chorasse por sua partida. A de nome Rosalva andara ameaçando passar a faca no pulso de tanta desilusão. O seguinte era Argimiro, magrelo, com asma desde moleque. Depois, por ordem decrescente, talvez viessem: Arcanjo, Nastácio, Tonho, Pantaleão, Alberico, Juca, Raimundo, Azarias, Filoleu, Genésio, Astolpho, Arceu e Tenório. Das mulheres, as ainda vivas: Dodosa, a mais velha porque usava umas muletas de pau-de-são-jorge (madeira já extinta na região), Dolores, Dinha, banguela mas de umas tranças tão compridas que se algum dia ela se deitasse nas moitas de beira-trilho de Tenório, o mais novo da tropa, este as confundiria, no pressentimento e no faro, com duas jibóias gêmeas e as cortaria a pedradas de bodoque, mesmo com os olhinhos fechados. Dália e Dasdores, morenas e compridas. Os olhos de Dália pareciam duas pitangas roxas, os de Dasdores bosta-de-cabrito: a diferença entre elas.

\*

Mateus andava se esquecendo das coisas muito facilmente. Quando queria ordenar: “Arceu, carrega daqui este mei’saco de milho, desgraçado!”, ele dizia: “Dolores, vai buscar pinga no Simeão e manda botar na conta!”. Sua mulher, Dorvinda, a doida, vez por outra temperava a comida com rapadura e quirela e tratava dos porcos com pó-de-café, chamando-os da manga como se fossem galinhas.

Tenório, o mais novo, carregava no rosto duas crateras sardentas, a pele rugosa. Parecia um velho. Quando andava,

sempre de olhos fechados, as coisas ficavam estacionadas num escuro enorme e ele ia tateando com mãos e pés firmes as paredes do mundo. Seu maior divertimento era deitar-se na clareira da Serra dos Ventos e fingir-se de morto.

Certa manhã, como de costume, caminhou meia légua adentro e começou a subir a serra. Depois, cansado, estirou-se na clareira de barriga para cima e braços abertos em cruz. Esperou os abutres formarem círculos sobre sua cabeça. Alguns chegaram mesmo há uns dez metros de altura para observá-lo. Então abriu a boca devagarinho como se desejasse engulir o céu e deixou transparecer dois dentes encardidos que exalaram um hálito quente nas árvores. E assim teve, pela primeira vez, a sensação de conseguir enganar os urubus. Além disso gostava de trançar argolinhas de cipó para depois de várias prontas enfiá-las numa forquilha e fazer movimentos circulares com o braço até que saíssem girando no ar feito disco-voador. Toda vez que caminhava para a clareira passava por um dos precipícios do Rio Conquista, sobre o qual, há muitos séculos, se construía uma pinguela de peroba vermelha. Aquele dia ficou ali, ele, Tenório, no meio do mundo, inventando diálogos com os peixes. Depois de muito tempo descobriu também que podia abrir os olhos para mirar-se nas águas profundas do poço. A partir desse dia nunca mais entendeu o que significava para ele a morte. Sentir sua presença era como caçar passarinho: se demorasse muito no galho ou tentasse afinar o canto, a pontaria não necessitava de ajuste: era um tiro só, certo, infalível.

Ali o silêncio, o verde, o azul, o azul e o verde se fundindo no coração como um pássaro em agonia. Dali arrebatava seu mundo convulsivo e atmosférico. O chão exalava cheiros e manhã e cada silêncio era um monólogo no escuro. Por todos os lados entradas e saídas e de noite o vento vinha vindo da lua em feição de vendaval. A clareira era um mistério de duas pernas solto no mato. Sair de noite nas trilhas e ficar observando as estrelas que falavam. A lua era habitada por gigantes redondos e brancos que usavam grandes argolas de

ferro no nariz, possuíam uma língua estranha e às vezes desciam nas redondezas para brincar de fazer pecado.

\*

- / Quando Dália estava sentada num moirão de cerca caído, folheando uma revista de amor.
- / Tenório, sem que ela percebesse, chegou-se pra perto.
- / Ficou olhando.
- / Dália estava de pernas abertas e sem calça, a revista na frente dos olhos.
- / Quando soltava risadinhas histéricas enfiava o indicador no sexo.
- / Tenório ficou com medo de ser descoberto, delirava. Escondeu-se numa moita de bambu e ali mesmo masturbou-se.
- / Então pensou que devia de estar virando homem adulto e, durante a noite.
- / Desejou possuir sua irmã.
- / Não dormia pensando no corpo branco que ela não tinha, aquela morenez nua, terna, compassiva como uma égua...

Então, como tivera horríveis pesadelos naquela noite, para espantá-los da consciência resolveu ir embora, ganhar uma estrada qualquer que fosse para o Norte, atravessando matas, rios, cordilheiras nevadas, campos de petróleo, milharais, canais, desertos, barranquilhas e cafezais. Que atravessasse toda a América-de-baixo, até em cima, rasgaria a barriga da América, essa grávida mulher, com seu punhal de coragem...

(De acordo com os dados históricos fornecidos por Salustiano Camargos, o seu intento era conhecer os Estados Unidos, tirar proveito disso e um dia voltar com a consciência tranqüila, já esquecido dos desejos carnis que o remoíam por dentro. Ele voltaria com idéias novas, pregando a paz e a união entre os homens, a depravação da carne e do dinheiro. Tenório no fundo queria ser um santo, um santo que desse grandes gargalhadas ao invés de perdoar os pecados).

\* \* \*

DA MANEIRA COMO TENÓRIO, O FILHO-PRÓDIGO,  
VOLTA À CASA PATERNA VESTIDO DE SANTO E  
MATEUS RESOLVE CONTAR QUANTOS FILHOS TINHA

fls. 445 do "Livro das Gerações", cap. XXIII  
.....  
conforme registra Salustiano Camargos nos seus  
.....  
arcaicos arquivos sobre a tão pequena história  
.....  
de Agonília.  
.....

Convenhamos que o estranho tenha surgido na curva do caminho onde acabava a estrada de pedras que ia dar na porta do Coronel Valburga, tenha se arrastado até a casa de Mateus e batido na porta. Mas a mulher Dorvinda foi quem o viu primeiro, diz a fls. 445. Era um gigante todo sujo e esfarrapado, vestindo uns trastes de flanela branca pingada de bolinhas encardidas de azul. Trazia um colar de barbante penduricado no pescoço (mesmo naquela época ali era o lugar dos colares), em cuja extremidade havia uma moeda de um dólar que brilhava como o sol. A doida Dorvinda, dias depois, disse para seu marido Mateus que a primeira impressão era a de que o estranho fosse caçador, mas consideremos que ele trazia consigo apenas a fome e o destino, nenhuma espingarda, nem ao menos um canivete e, por outro lado, naquele um terço de província a caça era proibida pelo Coronel Valburga que afixara uma tabuleta na margem da estrada de pedras dizendo que "*quem arrancar minhoca da minha terra, assassina MEMBRO DA FAMILIA*". E a mulher Dorvinda disse que o desconhecido pediu um copo d'água por favor e, ao mesmo tempo, percebendo um temor camuflado nas rugas dela falou que a senhora pode ficar sossegada que não tou fugindo dos soldados não e de mais ninguém, só tou de passagem... E ainda contou que estava com fome e quem sabe a dona não tem um prato de sopa de lentilhas para oferecer a um andarilho que não come

há três anos. A mulher Dorvinda então olhou para Mateus mastigando qualquer coisa no rabo do fogão e como que lhe suplicasse fitou-o tão docemente que o marido — depois não soube explicar como acontecera — falou que ela podia convidar o moço pra comer que senão o grude esfria e sinceramente Mateus não sabia porque tinha feito isso e depois nem se lembrava (esse seu maior defeito) se Dorvinda tinha cozinhado lentilhas naquele sábado porque naquela casa, LEMBROU-SE, ninguém, a não ser seu menino menor, Tenório, gostava de lentilhas. Fizera uma pausa e franzira o cenho pra se lembrar do nome do menino mais novo e continuou assim até à morte, porque nunca o soube e mais, esquecera-se de desapertar os olhos e abaixar novamente as sobranceiras.

Quando o homem entrou pela casa adentro, o olhar fixo no teto, Mateus ergueu-se do rabo do fogão e foi ordenando à Dorvinda a arrumação da mesa pro moço, pro senhor não reparar que em casa de pobre não tem cerimônia e espantou Dinha e Dasdores espiando pelo vão da porta do quarto e continuou dizendo que ele podia ficar à vontade, a casa era sua, mas tudo simples assim do jeito que Deus quis graças a Deus.

Anos depois, na soleira da porta, pensando, Mateus tornaria a não entender porque dissera aquilo. Havia alguma coisa lhe cochichando aos ouvidos que o moço era gente fina, talvez um destes reis da tal de Noruega disfarçado de mendigo ou sabia lá dessas muitas estórias de fotonovela que sua mulher, antes da loucura, lhe contava. E só disso lembrar Mateus esquentava o sangue e precisava ir na bica molhar a cabeça e depois sacudir-se como um vira-lata. Era o destino. E tentava esquecer:

— Mas uma talagada, Simeão.

No entanto, numa dessas noites de insônia em que a memória estala como um copo que vai ao chão, Mateus lembrou-se de contar quantos filhos tinha. Quando notou a falta de Tenório chorou de desconsolo, mas não perguntou a ninguém, nem mesmo à mulher, o que fora feito dele. Era

melhor esquecer novamente... Era melhor tê-lo como morto, mas guardado no coração.

— Bota na conta. Simeão.

\* \* \*

## COMO VEREMOS O ESTRANHO COMER ESMERALDAS COM LENTILHAS E FAZER AMIZADE COM SEU IRMÃO, O MAIS NOVO...

O visitante parecia ter idade incerta e falava com um sotaque estrangeiro. Quando a mulher Dorvinda trouxe a toalha de xaderz vermelho<sup>1</sup> e a moringa d'água fresca, a visita enfiou a mão esquerda por dentro dos trastes de bolinhas azuis e retirou de lá um monte de pedras redondas, compridas, brilhantes, pontudas, estreladas, rugosas, lisas, oleosas, secas, rombudas, estriadas, esféricas, quadradas, cúbicas, retangulares e todas pareciam estranhas porque eram verdes e, quando dias depois Mateus tocou uma delas esta pulverizou-se ao contato de seus dedos. E a visita foi colocando-as sobre a mesa, ao mesmo tempo em que, com a outra mão despejava um pouco d'água na panela e bebia a sopa de lentilhas na própria vasilha, erguendo-a pelo cabo até à boca. Depois escolhia algumas pedrinhas e mastigava-as como sobremesa, sob as faces de espanto de Mateus, Dorvinda e os filhos homens que chegavam naquele instante do eito.

Argimiro e Arcanjo escorregaram do alto de sis e entreolharam Nastácio e Tonho, esfregando seus quatro olhos de incredulidade. Os dedos rudes desenharam o ar num só tempo e por instantes Argimiro fitou a terra da janela, espalhando a vista nos longes da Serra dos Ventos. Pressentia. Tentou decifrar dali o mistério do desconhecido mas, depois, voltando os olhos, descobriu o pai rindo para a visita e pensou que ele já fosse amigo da casa, talvez um tio que viera de longe...

---

1. Presente de sua bisavó que morava na capital da Província e que só era usada para receber pessoas importantes da época.

Tonho já o achara com ares de mágico e esperava presenciar a qualquer momento a metamorfose das pedras em porcos e galinhas ou que de suas mãos saíssem pombos em revôo. Percebeu, pela primeira vez, que existia para além da janela o rangido do moinho d'água. Nastácio, desconfiado, recolhia-se das regiões do sonho, perguntava-se se o Coronel já sabia da presença do estranho. Sempre achara aquilo tudo um deserto imenso, povoado apenas por vacas magras e homens raquíticos, animais se consolando na desgraça comum. Teve raiva do Coronel e mordendo os lábios ajuntou o rabo entre as pernas e continuou perscrutando a cara de bicho roedor do visitante...

Oito horas da noite, o homem refestelado na mesa e babando pelos cantos da boca resolveu conversar. Mateus chegara a pensar que os cômodos de sua casa começavam a parecer-lhe estranhos. Era uma força inacessível que o roía por dentro, tirando-lhe, aos pouquinhos, os sentimentos de posse. Percebia que na realidade que mandava era o homem-da-moeda-de-ouro. A FORÇA o impelia a concordar plenamente com isso e até a considerá-lo um sujeito muito simpático, meio calado vá lá, mas "em boca fechada não entra mosquito" e sempre repetia isto como a máxima da dignidade humana a ser louvada nas pessoas estrangeiras.

\*

Mais vinte sábados se passaram até que a visita fizesse amizade com Piriá, o atual menino menor.<sup>2</sup>

— De manhã eles saíam procurando pedras pela estrada e chegavam até a clareira da Serra dos Ventos.<sup>3</sup>

---

2. Desde que Tenório ganhara o mundo, tornara-se santo americano e agora filho-pródigo, a prole de Mateus triplicara. Salustiano, o historiador, nesta parte confunde os nomes e vê-se apenas uma? nos seus arcaicos arquivos.

3. E novamente Salustiano, o historiador-mór de Agonília, narra que daí começaram a surgir os mistérios mais indecifráveis de todos os tempos. As lendas rezam que neste local o menino Piriá tomava partes com o diabo.



— Mateus capinava o arroz e limpava os pastos do Coronel Valburga, o doce, desde a madrugada.

..... (passa-se à fl. 446).....

— Quase ao anoitecer Dodoca chegava na janela, arriava as muletas e observava os dois amigos, alegres, cantando uma música monótona, de igreja (às vezes tinha a impressão de que um órgão escondido no meio do mato os acompanhava), mas Dodoca no fundo gostava da música porque dava-lhe sono e por várias vezes tentara acompanhá-los, mas não sabia cantar em inglês.

— Nestas mesmas tardes Piriá vinha montado no pescoço do brutamontes e este chegava até à porta da casa dizendo que eu estar novamente aprendendo virar cavalo, imitar dog, cock-a-doodle-doo, rangido de porteira e canto do carro-de-boi

E como Dodoca se sentisse muito feliz com isso, nem chegava a pensar que o estranho mister X pudesse ser louco, ou quem sabe, um enviado de Deus.

\* \* \*

### DA HOSPITALIDADE DO CORONEL VALBURGA E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES MENORES SOBRE SEUS OLHINHOS MOLHADOS TALVEZ DE EMOÇÃO.

Entre o claro e o escuro a bondade do Coronel Valburga não conhecia vacilações atrás dos bigodes espetados. Ao final de seiscentos sóis fora informado da presença do viajante e apressou-se em retirá-lo do fedor da casa de Mateus.

— O senhor parece ser gente de bem. Não pode ficar vivendo num chiqueiro de loucos, doutor!?

O velhinho conhecia, pelo olho das pessoas, a dignidade que se escondia em suas entranhas. Quando olhou pela segunda vez o homem-amarelo e viu o um dólar dependurado em seu pescoço não teve palavras para demonstrar sua emoção em hospedar um americano em seu modesto lar, as lágrimas rolaram densas, compactas, e por muitos dias ficaram salgando os restos de charuto no cinzeiro de prata até que, com a voz

rouca e olhinhos ainda molhados, curvou-se respeitosamente apoiando a amarrotada mão esquerda na bengala pintadinha de azul e vermelho com estrelinhas brancas verticalmente enfileiradas e disse que era descendente de conquistadores espanhóis<sup>4</sup> e que sua pessoa was feeling himself emotioned, taking in so inteligent and important visit e que ele podia ficar ali hospedado até quando bem quisesse, colocaria os empregados à sua disposição e os jornais, os livros e foi logo chamando a cozinheira que veio sorrindo e pedindo licença para entrar na ante-sala, tirou os chinelos de pneu para pisar no tapete persa e falou pois não meu senhor, estou às ordens e o velhinho virou-se para o americano já com um charuto na boca:

— O doutor aceita torradas com “bacon”?

\* \* \*

## DE COMO TENÓRIO, O SANTO, ASSUME SUAS FUNÇÕES E INSTALA-SE NAS RUAS DE AGONILIA ANGARIANDO FIÉIS COM SEU CANTO.

O Coronel conseguiu hospedar Tenório durante duas luas e dois sóis, período em que trocaram idéias mis, debateram problemas do país, gargalharam e beberam. Os assuntos variavam entre Gregory Peck e Neil Armstrong, Frank Sinatra e Clark Gable e, vez e outra, para dar tom à conversa, a cozinheira entrava na sala com o breakfast, contando nos dedos one, two, three, four, five, six, seven eight nine ten.

Depois disto, o santo, o ex-filho-pródigo, resolve sair de mansinho pela janela de seus aposentos e como um avestruz em lua-de-mel ganha a estrada e sobe as primeiras ladeiras do lugarejo. Nisto o boato já corria pela cidade. Como narra

---

4. Aqui a História se confunde. Alguns afirmam que o Coronel, por ter olhos azuis e a barba ruiva, era descendente de ingleses colonizadores, outros, estes talvez os mais certos, atribuem ao Coronel um galho na árvore genealógica cujo tronco chamava-se Salomão, o sábio.

Salustiano, naquele território o tempo não tinha freio nos pés nem estribos na boca. Agonília era uma noite de vento colada no céu. Os viajantes cortavam os caminhos e diziam que o SANTO usava uns trastes de flanela branca pingada de bolinhas sujas de azul e trazia um colar de barbante penduricado no pescoço, em cuja extremidade balouçava (este o termo) uma moeda de um dólar que brilhava como o sol. Odorico, quando chegou para vender suas mercadorias, contou que há quinze dias passara por Dorenópolis e que lá as pessoas murmuravam olhando para o céu vermelho, à espera do SANTO. Os velhos e os meninos não mais apascentavam os rebanhos, que o ferreiro Gaspar esquecera a fomalha acesa, um ferro vivo escorregou até as sacas de estopa e que o resto o vento se encarregara de fazer. Outro viajante, Santiago das Rendas, contou que os pássaros e os peixes enlouqueciam e cavavam buracos na terra, como tatus, as árvores se retorciam, coitadas, se encolhiam, coitadinhas, como se fossem crianças com frio se abraçando. A trinta e seis quilômetros de Pasto Grande os cavalos investiam contra as águas do Conquista e talvez pensassem que tivessem chifres e alguns arrebentavam as cabeças nas pedras do fundo e o céu era verde, verde como o capim que crescia na Serra dos Ventos. E estes ventos que dela saíam eram fortíssimos, esquizofrênicos, mas o capim apodrecia-se aos poucos e soltava um melão roxo nas pedras e as pedras, as pedrinhas pareciam corações verdes se estufando e se contraindo, como o céu, como a serra. E Santiago terminou falando que era o fim do mundo, que o SANTO chegara para o tribunal dos tempos, cercando o mundo, sem itinerário.

\*

Os cachorros espantavam o ar quando ele, sentado no meio-fio, frente ao Forum Municipal, começou a cantigação de reza de igreja e nem mais, que os habitantes contavam de amiúdo o caso e sabiam de cor encarrear a conversa.

Assim de por-perto foram chegando as outras pessoas, de necessidades por perguntar e cenho levantado, mas que

ao final de certo tempo acompanharam o SANTO no canto. E só.

Primeiro vieram os meninos, os cachorros e as mulheres. Depois os homens que negociavam gado na porta do Bar do Odulfo, nas rodas de venda e "snoocker". E era de se ver que mesmo de sis desconfiados se arrumaram em fila de procissão e enrabicharam por detrás do santinho. Como era meigo!

— Ara! Não houve por cá quem não pusesse credencial no que ele fazia, seresteiro assim que nem coração de cachorro desarrefece! — narrou Salustiano.

Depois de sete dias, de sete noites, sete crepúsculos, o vento dormitou no ar. Tudo parou em Agonília. É certo que houvera rumores de desatino e sofrimento por outras bandas, mas agora o mundo estava calmo. Mateus acordou com a boca esfarelada, levantou-se e foi até à bica beber água. Molhou os cabelos compridos e depois sacudiu-se como um vira-lata. Ainda não amanhecia. Tateou o escuro e descobriu novamente a porta da cosinha. Bocejou. Outro cachorro deu sinal de vida em algum lugar e ele dormiu outra vez, agachado na soleira da porta.

\* \* \*

## DO MISTERIOSO DIA EM QUE (TENÓRIO?) O HYPPIE MORREU ELETROCUTADO QUANDO QUIS ELEVAR-SE AOS CÉUS E ENTROU PARA A HISTÓRIA.

De manhãzinha ouviu-se o primeiro murmúrio. Os olhos sonados e incrédulos se procuravam para uma explicação. Era domingo e o povaréu se juntava na praça. Na igreja de Santa Cocota o padre andava de um lado para o outro, preocupado com a demora dos fiéis, o missal na mão esquerda e a direita coçando a cabeça. A verdade é que o SANTO estava ali, na esquina da venda de Simeão, dependurado pelos fios elétricos de um poste. Parecia morto, os olhos vidrados, a pele tostada. Usava agora uma calça de brim azul e uma

camiseta vermelha com listras brancas, trazendo no peito um crucifixo enorme.

— Será que o SANTO morreu eletrocutado?

— Quéde a moeda-de-ouro dele?

— Isso é santo coisa nenhuma, cadê a argolinha em cima da cabeça?

— Padrenossoquestaisnocéurogaipornós...

O vento soprava com força e ele balouçava como um fantoche.

— ...perdoaiasnossasdívidas assimcomonósperdoamos quemnostemdividido...

Quando o Coronel Valburga percebeu o que estava acontecendo (viera à cidade para uns negocinhos de gado, registra Salustiano Camargos), reuniu seus empregados no meio da rua e mandou que fossem lá tirar o homem dos fios.

— Não pode estar morto, não pode! E seus olhinhos transbordaram-se de lágrimas.

— Onde já se viu deixar um ser humano, um visitante, um compatriota morrer assim? Aos pouquinhos...

O Coronel sabia porque os cabelos dele cresciam e iam enrolando-se no corpo, como um pé-de-gavinha. Mas os capangas, com medo de levar choque, não obedeceram às ordens do patrão.

— Mas isto é um desacato! — berrou o velho, desmontando de seu cavalo. — Eu mesmo tiro o homem daí!

Mas assim que encostou o cabo de seu chicote na mão do SANTO e com a outra tentava puxá-lo pelos cabelos, faíscas chisparam de seu corpo e um barulho esquisito reboou no espaço da praça. As mãos ficaram agarradas. Estava sendo sugado para dentro de suas carnes.

Foi aí que a tragédia aconteceu.

.....(passa-se à fl. 447 do "Livro das Gerações").....

Dona Zizinha, ex-mulher do Coronel, no desespero de ver o antigo amado em perigo, veio acudí-lo mas também ficou agarrada. Daí vieram as comadres de Dona Zizinha, os maridos das comadres dela, os filhos, os netos, os sobrinhos, os empregados que por encanto perderam o medo, Simeão, que deixou a venda pra retirar a sogra que estava presa, Bento Santino, Euzébio Padeiro, Custódio Pentefino, Waldemar Carapina, todos os alunos de D. Elvirinha Vieira, Lili da Bunda Roxa, Rita Fubá, Rosalva Gelatina, Dália e Dasdores, Tonho e Nastácio, Raimundo e Genésio, Dorvinda e Dolores, Piriá e seu bodoque, a avó do Prefeito, os parentes até a 5ª geração, os mortos do cemitério; enfim, Agonília inteira acabou se prendendo, direta ou indiretamente ao SANTO, numa terna demonstração de amor e fraternidade municipais.

Agora, todos os dias é assim. Agonília não mais desperta às cinco da manhã com o tocar dos sinos da igreja. Um tocar abafado e rouco, porque os cabelos do SANTO dependurado nos fios cresceram tanto que encobriram toda a cidade e as redondezas, se confundindo com o capim das invernadas. Apenas Mateus, o varão do mundo, acorda com a boca esfarelada, levanta-se e vai até à bica beber água. Molha os cabelos brancos compridos e sacode-se como um vira-lata. Tateia o escuro e descobre novamente a porta da cosinha. Boceja. Outro cachorro dá sinal de vida em algum lugar e ele dorme outra vez, agachado na soleira da porta.



CONCURSO  
DE  
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS  
MENÇÃO HONROSA





# EUFRÁSIO

CHICO MULATO

**José Liberato Costa Póvoa**

Faculdade de Direito

Morava na Boa Esperança. Vaqueiro, e dos bons, Eufrásio desconhecia cavalo que o cuspiisse da sela. Vinha gente de longe trazer animal xucro pra ele botar na linha. De sorte que sempre estava bem montado, pois o costume rezava que o pagamento da amansa eram dois anos de serviço do animal, no que o domador achasse melhor empregá-lo.

Quando a fama do animal soía chamar gente para assuntar Eufrásio em cima do bicho brabo, ele se entusiasmava, diante do povo trepado na cerca do curral olhando a montaria pinotear no pátio da fazenda Boa Esperança.

— Gostei de ver, Ofraso! — incentivavam.

— Quebra a cisma desse maludo, Ofraso véio!

E por muitos anos Eufrásio, além das labutas de vaqueirice, amansava os animais das redondezas em troca de dois anos de amansa. E a tal ponto era conceituado nessa especialidade, que já se tornara o ponto de referência:

— Este burrinho meu já tá quase no ponto de ir on'tá Ofraso! — dizia um e outro.

Mas a vaidade de Eufrásio esbarrava no batente da porta do casebre, onde morava com seu irmão Macedônio. Este, casado, quatro filhos, mulher enjoada e uma roça cheia de mantimentos que o irmão adjutorava na limpa e na vigia.

Dentro de casa, Eufrásio, não abria a boca para falar de montaria, que a cunhada mastigava uns gungunados de desaprovação. Às vezes, queixava-se ao marido:

— Olha, Macedo, dá um jeito de Ofraso não brear a roupa com suor de animal, que ando cansada de esfregar fundo de calça chuja e encardida.

Macedônio ficava desacorçoado para falar uma insignificância daquelas com o irmão mais novo. Afinal, para o irmão, cavalo e burro, jegue e poldro, eram tudo. Dava a vida para andar em cima de um animal qualquer. De preferência, em pelo. Nem namorada procurava arranjar. Nascera pra viver escanchado. Maceda temia que, na conversa, usasse palavras mal medidas e ofendesse o mano. Era o único irmão. E, mais do que irmão, uma espécie de filho. Quando os vinte e poucos anos de Eufrásio pulavam agarrados à crina de um burro bravo ou esquipavam com altivez em cima de um cavalo medindo o pátio com os pés de argolas levantando poeira. Macedônio sentia-se orgulhoso; sentia-se orgulhoso quando alguém, trazendo um animal, escoteiro, chegava à sua porta:

— Maceda, o Ofraso taí?

— Tá não. Tá na roça. Só ele?

— Bom... é. Vim trazer este alazão mode ele mansá.

— De quem?

— De Zé da Vitória, lá do Guarani.

— Tá recebido. Ele amansa.

E sempre havia um animal para Eufrásio amansar. E sempre havia mancha de suor nas calças, pra mulher de Macedo ruminar implicâncias.

E o correr do tempo, e as proezas de Eufrásio não fizeram a cunhada esquecer as manchas de suor. Ela ficava azucrinando a paciência do marido, por causa do cunhado. Dizia que não iria mais lavar a roupa suja de suor. Macedônio, coitado, que tanta estima dedicava ao irmão, não achava uma saída. Não iria dizer o que a mulher ameaçara. De jeito maneira! O irmão não iria dizer nada e era capaz de sair com a trouxa debaixo

do braço pra lavar a roupa no brejo. Mas, e o povo? Era capaz de dizer que a mulher andava com ele pelo cabresto; que ele era um zé-mulher; que isto, que aquilo. E agora? Tentou rebater a mulher:

— Mas, o que é isto, mulher? Então ele é de ir lavar a roupa? Parece até que a gente anda entrevado, que não pode lavar a porqueira de uma roupa na fonte!

— Então vai você! — a mulher não era boa bisca.

— Eu?

— Eu é que não vou mais lavar suor de cavalo. Se ele quiser que arranje mulher pra lavar roupa, porque eu mesmo, não! Manda ele casar!

Ah, isto mesmo. Casar, Macedônio pensou um pouco e achou que a mulher até que enfim tinha tido uma idéia boa na vida. Afinal Eufrásio, com seus vinte e tantos anos, estava no ponto de se casar. A arte e a especialidade de Eufrásio trouxeram-lhe fama, prestígio. Nas festas, era quem bebia a pinga da cabeça da cana, reservada para gente muito especial; era quem figurava qualquer moça sem receio de levar taboca; era quem tinha força de mandar o tocador soletrar o baião que queria no fole da concertina. Moça não lhe faltava. Escolhia, até. Mas não trocava uma sela e um cabeção por moça nenhuma. Nem namorada tinha, para não comprometer suas amansas de animal. Mas Macedônio iria tentar. Caso Eufrásio resolvesse, estaria tudo solucionado sem despertar suspeitas.

— Eufrásio, você não vá pensar que eu estou me queixando de nada. Mas você está na idade de procurar uma namorada direita que no futuro lhe dê uma boa mulher. Sua idade é de casar.

— Deus que me livre e guarde. Maceda! Não vou dar certo com casamento, não! Eu nasci foi pra viver livre.

Foi uma cuia água fria na alma de Macedônio. O irmão não aprovava — ou por outra, parecia até detestar — a idéia de casamento. Mas não custava nada tentar de novo.

— Falou com ele? — a mulher resmungava.

— Falei. — Maceda mentia. Tinha um medo excomungado da mulher.

— E então?

Ele disse que ia pensar — Maceda mentia, para se evadir da mulher. Era difícil Eufrásio voltar atrás, pois sua decisão vinha desde o segurar na rédea do animal brabo até às palavras e ações.

Maceda, apesar de a mulher mantê-lo pelo barbicacho, aproveitava-se de ser bem aparecido e, nas festas, era danado pra namorar filha dos outros, escondido da mulher. De vez em quando, estava oferecendo uma galinha gorda ou meia dúzia de queijo para fulano ou sicrano, em troca do silêncio. E assim, a intolerante nunca desconfiara da tramóia.

Enquanto Eufrásio dividia a vida entre o puxar da enxada e o pular das brabezas, Maceda campeava a filha de Tió, da Vereda Alegre, onde se encontrava juntando gado. Moça bonita, corpo fornido, peitos rijos e salientes furando com os bicos finos a chita rala em cima da pele, Chiquita, sem querer, mexia com o sangue de Maceda, que vivia dançando as vistas nas formas da moça. E naqueles cinco dias que passou juntando gado na Vereda Alegre, arranchado na casa de Tió, pouco dormiu, pensando na moça, que, brejeira e inocente, dava conversa ao vaqueiro, aumentando mais ainda a ansiedade de Maceda.

Um dia, vai Tió de dormida ao comércio, ficando em casa Chiquita e a mãe, esta muito atarefada torrando coco pra fazer gordura. E Maceda, aproveitando a ida da moça à cacimba, foi cercá-la na enseada do córrego seco. Quando ela chegou à enseada, ele já estava lá, desapeado e com o animal amarrado a um pé de sambaíba. Ela, alma de criança, abriu-lhe um sorriso que acabou de desmoronar o resto de freio que teimava em conter os instintos do vaqueiro. E, acostumado às conquistas em qualquer bate-chinelo, não foi difícil desviar Chiquita da estrada, com uma conversa cheia de sonhos e

de promessas; ela, que no correr dos seus dezoito anos nunca ouvira um galanteio, foi ao céu e voltou, com as palavras do Maceda.

— Ocê conversa um bando de lindreza.

E entraram num trieiro, sumindo no mato.

Depois de ver que não podia mais desmanchar o que fizera, Maceda, se apertou. Honra de moça é como palito de fósforo: queima-se uma só vez, e para sempre. Tió era nervoso e tinha sangue na guelra. Podia até matá-lo numa tocaia ou mesmo na frente de todos, pois tinha natureza até para mais. O diabo é que uma coisa dessa não apresenta desculpa. Um braço quebrado ou até uma facada podem ser disfarçados num acidente ou coisa parecida, ainda que haja testemunha. Mas para o que Maceda fizera, escondido e sem testemunhas, não havia escapatória. Se fosse solteiro, menos mal; se não tivesse coragem de enfrentar a cara de Tió, poderia fugir com Chiquita e depois voltar casado, a coisa tinha outros piores; casar, não podia, largar a mulher, também não, pois além daquele temor que guardava daquela enfarenta, quem iria cuidar dos brugue-los? correr? pra onde? e a peixeira do Tió, que — dizia o povo debaixo de sete capas — tinha feito o funeral de Bispo, da Lavandeira? Pois é, Macedônio começou a esquentar a cabeça e dali mesmo da enseada voltou, arrebanhou o gadinho pelas metades e açoitou para Boa Esperança, deixando o resto do gado por juntar.

— Já vai, Maceda? — era a mulher de Tió.

— Já, “Sá” Dona.

— E o resto do gado que Tió entrega amanhã?

— Amanhã eu volto. O patrão tem trato de entregar este hoje aos boiadeiros.

E saiu tocando o gado estrada afora. Na primeira curva, topou com Chiquita, que voltava da fonte:

— Já vai?

— Já. Té logo! — Maceda procurava esconder o aperto.

— E eu? — A moça fecha a cara.

— Que é que tem?

— Vai me deixar aqui?

— E o que é que tem? — Maceda parecia não entender.

— E sua promessa?

Maceda se esquecia de que prometera fugir com a moça, de largar mulher e filhos para dedicar a vida a ela.

— Que promessa?

— Fugir. Não lembra mais?

Aí é que Maceda se lembrou. Coçou a cabeça e gelou o corpo. Pediu tempo pra pensar. A moça botou o pé na parede e pedia pressa. Ele tentava dissuadir, olhando para os lados, sujeito a ser encontrado discutindo com a moça, pois decerto iriam perguntar e ela iria dizer mesmo. Que não, que tinha de ser aquele dia, pois no outro cedo o pai voltava e ela ia contar tudo, se ele não cumprisse a promessa. Desesperado, o vaqueiro, para se livrar da situação do momento, prometeu voltar aquela noite para apanhá-la debaixo do pé de juá da enseada. E imaginou que a moça não iria ter coragem de enfrentar o pai, com aquela cara amarga que nem jarrinha e zangada que nem vaca parida de novo, para contar uma coisa que poderia até custar-lhe uma surra com cipó de veludo. Isto, se não lhe custasse a morte, que Tió era capaz de tudo.

A moça, ante a promessa, seguiu faceira, enquanto Maceda galopava para alcançar o gado, umas três ou quatro tarefas adiante.

Chegou a Boa Esperança ainda cedo. De cara amarrada. Eufrásio arreava o alazão de Zé de Vitória no curral, e estranhou a cara fechada do irmão, quando este encurralava o gado.

— Esguaritou algum, Maceda?

— Não. O resto vou buscar depois. Só trouxe este mesmo.

— Tou falando é porque você está com uma cara...

— Nada não. Cabeça doendo, só.

Eufrásio preocupava-se muito com o irmão, a quem considerava pai, que o criara desde que haviam perdido os

pais, de maleita, e dava sua vida para vê-lo alegre e sem problemas. Mas Macedônio, com um problema que não tinha solução e cuja divulgação, por mais reservada, iria complicar mais ainda, não queria colocar o irmão a par.

Veio a noite. Maceda não foi. E nem era doido. A moça mornou na enseada até o pender da lua. Maceda, tombando na cama de varas. Eufrásio, roncando.

O dia amanhece. — Com a cara de ontem, Maceda rumina a angústia e a incerteza. Será que Chiquita ia ter coragem de contar ao pai? Capaz de não.

Quase meio dia, chega um pretinho, montado num jegue, com um positivo de Tió. Quer ver Macedônio imediatamente na Vereda Alegre, ou então Tió vem cá. A mulher estranha:

— Pra que é, Lioba?

— É...

— É pra trazer o resto do gado que ele tava campeando ontem, — atalhou Maceda, e virando-se para o menino — pode ir e diz que vou já.

O pretinho manobrou o bogue e pinicou de volta.

Foi ao curral, trouxe o cavalo, dando graças a Deus porque a mulher não encompridara a conversa, e pediu a Eufrásio:

— Vamos também, que o gado é mais e pode dar trabalho.

Eufrásio, que comprava caro uma oportunidade de ajudar ao irmão, num instante selou um animal também e saíram juntos. Mas na estrada Eufrásio notava que a cara do irmão não era de quem ia buscar gado. Ainda mais a cinco contos por cabeça, ótimo preço por sinal, naquele lugar de dinheiro raro. E após tentar debalde decifrar aquela apreensão, parou o animal e disse:

— Ôi, Maceda, cê quer me enganar, mas não engana não, pois te conheço muito. Se ocê tem confiança e eu posso te ajudar, conta o que é que tá te aporrinhando!

— Quá! Ninguém pode me ajudar, não!

— Uai, e por que é?



Aí, Maceda teve de contar tudo. E disse estar receoso da reação de Tió. Isto sem falar na sua mulher, quando soubesse. Eufrásio, então, mandou que Maceda ficasse escondido perto da Vereda Alegre, enquanto ele, que tinha mais jeito e não estava nervoso, ia se entender com Tió. Maceda concordou. Que remédio!...

Eufrásio apertou o animal nas esporas e daí a pouco riscava no terreiro de Tió, que estava esperando com uma cara amarrada e um revólver na cintura.

— Bom dia, “seu” Tió.

— Cadê seu irmão? — Tió veio valente — Quero falar é com ele!

— Ele...

— ... ele tá pensando que honra de filha minha é pra jogar no mato?

— “Seu” Tió, vamos resolver do melhor jeito.

— Ofraso, tenho você na conta de gente muito direita, mas o seu irmão é um capadócio, tá ouvino?

E parlamentaram muito tempo, sem chegar a uma solução. Macedônio, escondido no vaquejador, estava angustiado. Nem queria pensar se o irmão fracassasse nas negociações. E o sigilo que estava ameaçado pela raiva de Tió e pela cegueira da filha em se casar de qualquer jeito? Estava sujeito a botar o caso no mato.

— “Seu” Tió — Eufrásio propunha — às vezes a gente pagando o senhor...

— Que mané-pagando, que nada! Ele tem é de casar, pra aprender a não dar mais consumo em honra de filha dos outros?

— Mas ele é casado — ponderava Eufrásio.

— Então pra que foi que fez o que fez?

— Mas isto acontece, “seu” Tió.

— Mas vai acontecer justamente na minha casa? Sou lá palmatória do mundo?

— E qual é a solução, “seu” Tió.

— Casar, — Tió voltava à eterna cantilena.

— Mas ele...

— ... casar, ou então...

— então... — Eufrásio vislumbrou uma solução.

— ... cadeia, e ainda vai pagar. E se ele resolver agora, o caso vai ficar entre eu, você, ele e Chiquita, pois nem a mãe dela sabe...

— É, tá difícil, mas vou falar com ele...

— ... e se ele arresistir, eu ainda espalho neste sertão todinho a fama dele, pra moça nenhuma desprevenir.

— Tá bom, “seu” Tió. Ele vai ter que resolver. Ele é só amancebado e não se casou no padre nem no juiz. Chiquita quer é casar, né?

— É! É o jeito. O que não pode é ela virar guenga assim por causa de gente à toa.

— Se o caso dela é casar...

— ... é só casar — Tió confirmava.

— Então ela pode preparar, pois ela vai casar. Isto eu garanto.

— Assim tá direito! — sorriu Tió, por ver que a honra de sua filha não iria parar na boca do povo.

E Chiquita, jogada naquele sertão onde ninguém se casa, amasiando-se com qualquer um, brilhou os olhos radiante. Ia casar-se no comércio, como gente rica, de véu e grinalda e tudo. Eufrásio garantia.

— Amanhã a gente passa aqui pra ir no comércio comprar o vestido de noiva e acertar com o doutor juiz a data.

E saiu, deixando dois sorrisos largos na cara de pai e filha.

Uma semana depois, uma caravana esquipou da Vereda Alegre, levando Tió com a comitiva para o casamento de Chiquita. À noite, festança até de madrugada. A honra da filha estava salva mesmo. A cara de Tió era de um sorriso só. E a de Chiquita, também, pois não era qualquer moça que tinha como marido o melhor vaqueiro e o maior amansador de animal do sertão.

# COTIDIANO

PALAMO

**Sílvia Rubião Resende**

Curso de Comunicação Social da FAFICH

São duas horas. As paredes quentes guardam a calma do início da tarde. A sala enfumaçada, o sol desbotando as cortinas, os móveis recebendo a poeira do dia seguinte. Um pouco cansada, Helena recosta-se no sofá. Não há mais nada para fazer. A casa arrumada, as crianças na escola, Jorge no trabalho. Acende um cigarro e fixa os olhos no tempo. Os minutos arrastam-se indolentes. A hora é perigosa. Tudo funciona regularmente, mas na preguiça do ar Helena percebe o fim dos dias iguais.

Como era mesmo antes de se casar? Esforça-se. Não alcança o passado ainda próximo. Ela própria erguera uma barreira nebulosa, que turva as imagens perturbadoras. Lágrimas quentes, brotando nos últimos acordes de íntimas gargalhadas. A felicidade sem limites, esmagando a dor profunda das desgraças frágeis. Não. Não se lembrava mais. A sua vida era esta. Segura e sólida, raízes emaranhadas em terreno firme. O apartamento comprado com sacrifício, o homem que amava, as crianças que sempre quis ter. Uma vida racional e coerente, que tecera com fios de amor e vontade. Em cada canto do pequeno apartamento, a forma de suas mãos ásperas, pedaços do corpo deformado, restos da entrega permanente e voluntária. Aos poucos o rosto readquire a serenidade de quem vive em paz. Paz duradoura de momentos

SACAI



plenos, buscados em cada minuto das horas idênticas. Desconhece o inesperado e o surpreendente. Não importa, teme-os na verdade.

Seis horas. Helena já havia buscado as crianças no colégio. No caminho de volta, ouvira paciente o que cada uma tinha para contar: o botão da jardineira que caíra, o dinheiro para a excursão (não pode esquecer, mãe), a boneca que chora e faz xixi que a colega ganhou (no meu aniversário quero uma igual), a pesquisa de ciências, já havia respondido sim a todas as perguntas, trocado os uniformes das crianças por roupas de brincar, e estas já se encontravam no pátio do edifício. Agora os gritos de ô mãeeê entram pela janela. Sorri. Dali mesmo, resolve de quem é a vez de andar de bicicleta. Não. Não podem comprar chocolate. Já está quase na hora do jantar. Deixa-se ficar ali ainda alguns instantes, debruçada sobre os gerânios que ela mesma plantara. Com as mãos férteis revolve as raízes grudadas na terra fofa. As cabecinhas lá embaixo vão e voltam como pequenos brinquedos de corda. A perfeição existe e está ao seu alcance: mágica ingênua das coisas mais simples. Procura uma estrela no céu, mas ainda é cedo. Fecha as cortinas. Na boca, leite e mel. Volta para o livro deixado no sofá. Estranha as palavras do texto. Onde mesmo havia parado? Seus olhos oscilam entre o relógio e a porta. Daqui a pouco, a chave girando na fechadura. Mesmo assim Jorge chega de repente. O rosto suado, a gravata na mão. Um beijo, o paletó e a pasta sobre a poltrona. Helena pergunta como foi o dia. Ele responde qualquer coisa que ela não se esforça para entender. Perguntou só por perguntar; talvez para certificar-se de que tudo corria normalmente. Os olhos agora se espalham sobre Jorge. Balançam serenos, ancorados em terra firme. Recosta a cabeça nos ombros fortes e respira fundo. Ao toque das mãos pesadas, suas células despertam refeitas, plenas de calor e força.

As crianças irrompem na sala sujas e famintas. O jantar está servido. Todos estão cansados, e Helena cada vez mais desperta, atenta ao escoar do tempo. Os olhos tensos exalam uma energia iluminada. Um, dois, três, quatro. Os quatro

rostos refletidos nas travessas de aço inoxidável. Helena ergue a mão devagar, espanta a mosca que ronda os pratos e tenta segurar o momento. Espreme-o, e ele escorre entre os dedos trêmulos. Tenta contê-lo. Esfumaça-se, engrossando o vapor do feijão. Não, ninguém quer mais nada. Todos estão satisfeitos. As crianças já estão à espera do elevador. Começa o telejornal.

Meia-noite. Lá fora a lua alta desvenda os mistérios da noite. Dentro a casa dorme. Deitada, os olhos fixos no teto, Helena morde os lábios com força. Está próximo o fim dos dias iguais. Momentos breves, alados, fugidios. Já não consegue captá-los. Torna-se cada vez mais difícil emendar os retalhos de sua essência. A monotonia em pedaços, a constância esfarelada no chão. O medo está em cada dobra do lençol. Dorme.

Um ruflar de asas desperta-a eriçada de pavor. O corpo molhado, os dedos crispados no travesseiro. Amassadas e úmidas, grudadas em suas mãos, as penas macias de uma ave gigantesca. Nas costas o sangue escorre gelado. Ainda pode sentir as garras que há pouco penetraram a escuridão de sua carne adormecida. Vira-se e olha em torno. Não enxerga as paredes do quarto. Pelo teto entram ralos fios de luz. Mas alguns minutos e percebe a copa fechada de uma árvore. Um teto de folhas suspenso por galhos rígidos. Uma brisa fina refresca-lhe o corpo. Helena relaxa os músculos tesos. O ninho é macio e quente.

# O SOL POR TESTEMUNHA

HEER

Hugo de Almeida Souza

Curso de Comunicação Social da FAFICH

*Eu desenvolvia uma velocidade normal, moderada, porque nessas pequenas cidades do litoral há sempre algum desprevenido atravessando a rua sem o devido cuidado. O movimento estava um pouco grande e não havia nenhuma vaga para eu estacionar, por isso parei em fila dupla para papai descer. Mal parei o carro, naturalmente com o braço do lado de fora, e começou aquele inferno de buzinas atrás de nós.*

Ali é meu caminho. Todas as tardes, quando vou à casa de Laura, para jogar buraco, passo por aquela esquina. Naquela tarde eu notei que havia um movimento maior e vi a fila de carros que andava lenta e colorida na rua quente. Talvez um tanto silenciosa, mas, de vez em quando, ouvia-se uma buzina. E quando um Volks verde parou no meio da avenida, interrompendo todo o tráfego, as buzinas aumentaram, fazendo um barulho ensurdecedor. Eu fiquei olhando, porque pressenti que ia acontecer alguma coisa.

*Eu balancei o braço com mais insistência, pedindo um pouco de paciência, e já um tanto nervoso, principalmente por papai que sempre fica irritado nessas situações. Papai demorava para descer, como sempre, colocando com dificuldade sua muleta debaixo do braço esquerdo. Nesses segundos que*

*ficamos parados, uma buzina se destacava das outras. Era uma buzina aguda, forte, estridente, como essas de caminhão.*

A princípio parecia apenas uma parada rápida, para alguém descer, e isso demoraria poucos segundos, o que provocaria algumas buzinas, no entanto. Mas a parada se prolongava, e o motorista movimentava o braço fora do carro, insistentemente, como se pedisse um pouco de paciência. A fila se alongava e as buzinas soavam forte e insistentes.

*Olhei pelo espelho retrovisor e não vi nenhum caminhão, então pensei que se tratava de algum rapaz abastado com o carro esporte, pequeno, escondido no meio da fila que já se achava grande. Papai já começava a paguear, quando saía do carro e, prevendo alguma coisa, eu também desci.*

Havia uma buzina mais forte do que todas, uma buzina de caminhão, e notei que o motorista do Volks estava nervoso por causa daquela buzina. Olhei para trás e, com certa dificuldade, localizei um Puma branco com um rapaz louro na direção. Era ele quem buzinau daquele jeito.

*Abri a porta tranquilamente, olhei para trás, fiz um gesto com a mão direita e disse para todos: espera, espera. Dei a volta no carro, cheguei até papai e o apoiei ao meu ombro direito. Pedi-lhe um pouco de calma, estava muito nervoso, dizia palavras em altos brados sem se importar com as crianças e senhoras que estavam na calçada. Naquele momento a multidão já era grande e o tumulto, completo. Tentei levar papai até o passeio, porque temia que ele continuasse parado, xingando, sem nenhum proveito; apenas ficaria mais nervoso ainda, e eu tinha que voltar ao carro.*

Quando voltei a olhar para o Volks, um velho, nervoso, parecendo que possuía um defeito físico qualquer, estava descendo. E o velho xingava coisas que prefiro não dizer, xingava e gesticulava muito. Então o motorista, um senhor



de seus trinta e cinco anos talvez, que devia ser filho do velho, notando o nervosismo do pai, também desceu. Abriu sem nenhuma pressa a porta do Volks, olhou para trás e fez um sinal para os carros, como quem diz: espera, calma. Então ele deu a volta no carro e foi ajudar ao velho subir o passeio. Com essa parada demorada, ajuntou muita gente, e as buzinas continuavam cada vez mais insistentes.

*E, quando alcancei o passeio com papai encostado ao meu ombro direito, ouvi um grito de "ladrão", olhei para trás sem poder imaginar que acabavam de levar meu Volks.*

Quando o homem chegou ao passeio com o pai, escorando-o em seu ombro direito, ouviu-se um grito de "ladrão". Eu olhei para o lugar onde estava o Volks e sabia o que havia acontecido: mais um roubo de carro em pleno dia.

*Impressionante que ninguém parecia interessado em deter o carro roubado. Pelo contrário, principalmente os carros que estavam buzinando, ninguém se importou com o furto: pareciam até satisfeitos pela desobstrução da pista.*

Eu estava perto do homem com o velho e notei que ele fazia menção de impedir o roubo, então eu lhe disse que aquilo era impossível, porque àquela altura já haviam atingido a rodovia e não adiantava mais nada, e também porque ninguém ali o ajudaria e, afinal, que roubo daquele era comum na cidade.

*Então uma moça de short e miniblusa cor de rosa, que nesse momento estava parada na esquina, disse-me que o Volks já havia atingido a rodovia que ficava a duas ou três quadras daquela esquina. Disse-me também que não adiantava eu querer ir atrás porque já era tarde para isso e ninguém certamente se disporia a me ajudar e que roubo daquele era comum no lugar.*

A fila começou novamente a andar, e o velho, confuso, parecia não entender o que estava acontecendo e xingava novamente. Foi então que o Puma passou na frente dos dois, e o rapaz louro colocou a cabeça para fora e disse para o homem que o Volks e o pai eram velhos, mas que o carro, pelo menos, andava. Nesse momento, o homem teve um ímpeto desesperado, quase derrubando seu pai, quando pegou de sua muleta e atirou no vidro traseiro do Puma.

*Papai não compreendia nada e recomeçou seu xingatório quando um Puma branco passou buzinando, e o rapaz que o dirigia pôs a cabeça de fora e, sorrindo, disse-me: “Todos dois velhos, mas pelo menos o carro andava”. Quando ouvi isso não hesitei um segundo: joguei a muleta de papai no vidro de trás do Puma branco.*

O rapaz louro parou seu carro, desceu, virou-se para trás e *Então o rapaz parou seu carro, desceu furioso, a fila atrás fez um gesto pedindo calma à fila que já buzina. Então ele dele começou a buzinar, ele fez um gesto com a mão pedindo caminhou para os dois, e nesse momento ouvimos o mesmo calma e, quando se aproximava de nós, ouvimos um grito.... grito que havíamos ouvido há pouco; o rapaz louro olhou para*

.....  
**trás** .....  
.....  
.....

# DAS BREVES NOTAS DE UM DESAPARECIDO

ARUERA

**Osias Ribeiro Neves**

Curso de Ciências Sociais da FAFICH

N O S O T R O S

ou

A PONTE PARTIDA

0. CÓMO COMPRENDER LA INTENSIDAD DE LA VIDA  
SI EL VIVIR ES PRECARIO Y  
SI NOS CORTAN SIEMPRE LA ALTERNATIVA DE LOS  
CAMINOS ?  
CÓMO COMPRENDER NUESTROS CAMARADAS SI  
NO PODÉMOS  
SIQUIERA SABER LA INTENSIDAD DE SU GESTO  
Y SI CADA  
VEZ MÁS LA HAMBRE SE INSTALA COMO  
PERSPECTIVA DEL VIVIR ?  
EN FIN: CÓMO ENCONTRAR MI DONDE, SI NI SÉ  
DÓNDE ESTOY ?

“ESTOY PERDIDO EN EL UNIVERSO”

para o amigo Matusalém do Carmo Vieira

&

para Marisa, sempre.

1.

As penas e suas lentidões absolutas estavam numeradas e dispostas em cofres separados e inertes. As chaves se encontravam presas noutros compartimentos secretos.

O júri se distinguia pela imparcialidade mas o julgamento sempre comprometido.

O réu, completamente despido fôra colocado numa jaula e naquele momento era mesmo fera ferida a exhibir aos ilustres cavalheiros presentes, as chagas tecidas durante a assinatura (assassinatura) da confissão.

O júri estava disposto a acabar de vez com a brincadeira e por isso o nervosismo na espera do sortear, as penas e suas lentidões absolutas. Não havia empecilhos quanto às regras do jogo; tudo fora aprovado pelo rei

Teodomiro não acreditava na sorte com a mesma intensidade em que acreditava na parcialidade da justiça cega.

“Neste palácio da justiça, muitas injustiças são cometidas em nome da justiça”, pensou.

As penas usadas para a condenação vinham de diversas aves e nunca se sabia previamente qual o critério do sorteio.

Teodomiro suspeitou do riso enviado por entre as grades pelo oficial de óculos e teve as mãos mutiladas.

(quanto às penas)

A pena que lhe coubesse por sorte seria levada à balança da justiça e de acordo com o seu peso em gramas, o réu receberia a sentença, sendo que: cada grama equivaleria a um ano de reclusão.

( Solitário / Solitária )

Agora, ocorria que cada pena levava em sua haste uma parte metálica e foi assim que logo após o sorteio, Teodomiro se viu condenado a “Cem anos de Solidão”.

## AS PENAS E SUAS LENTIDÕES ABSOLUTAS

2.

Nada. Decididamente. Nada. O contorno da boca,  
o espelho fácil, a fuga:  
merda.

Veio o nascer da noite, corpo manso gerando as trevas  
entre espadas & reis de bronze e, na noite nada se  
contempla que não sejam luzes, raízes cravadas no  
limbo; fotografia vadia & virá dia assim tão de  
neve/leve, que todo e qualquer corpo alçará vôo &  
resistirá ao encalce da manhã apontada para o dentro  
do útero.

A espera:

O ESPERMA.

Odentro assim abismático, composto de muitas  
ausências, um labirinto vertiginoso, com uma única  
saída, a boca; o precipitar-se para fora, outro abrir-se,  
outro abismo:

A VIDA.

Vieram os anjos, brinquedo de Marlisa; imparciais,  
inexatos com suas asas de avião & araram a terra,  
armando por sobre a tarde uma ponte como semente  
de um novo amanhar.

AMANHASSE.

Marlisa sorriu o perfume das damas da noite, (a chuva  
caía lacrimal) se fez carne e habitou meus mistérios  
corrompidos por estranhos vermes alojados em minhas  
células a criar o "stress corrosivo": hematomas  
horríveis, dores, na pele e no último de meus desejos.  
Não. Decididamente. Nada adianta negar esta  
ausência. O que posso muito apenas é retardar os  
acontecimentos.

Amar a duas mulheres, a quinze, que importa;  
Absurda esta sociedade burguesa, caduca,  
tremendamente utilitarista, montada no desperdício  
e consumo das vidas. (Sentimento latino) & veio o  
nascido da noite. Vieram os anjos loucos com seus  
fogos, espadas na tentativa de recompor as cores dos  
olhos e as partituras das mãos. Não. Decididamente.  
Nada.

As mãos se entreabriram e Marlisa pôde habitar todas  
as dimensões no mesmo espaço. Apesar da sua suposta  
inocência, percorreu as quase invisíveis linhas das  
mãos num mergulhar-se azul dentro do estôjo do beijo:

#### CORPO NA ARTÉRIA DO SOL, DA MANHÃ

: tédio/ remédio

e

na voz de Marlisa o caminhar constante, o acalanto  
se pondo

( sol morto nos portais dourados como auréola  
de infância desfazendo outrora )

longe, longe, bem longo. Um raio atravessando a  
vidraça, a descoberta do mistério dos olhos ;

O VER-SE

O VERDE.

a. importa muito dizer ainda que muito  
após a dispersão dos raios naturais e  
artificiais, penetráveis com suas bombas  
alagando os sete cantos do planeta /  
sete mortes/, virá dia ( esse rasgado  
em rajadas cores ) em que os olhos se  
voltarão latentes aos nascimentos em  
latino-américa.

b. os olhos ( estes misteriosos labirintos,  
essas janelas abertas ao medo ) estarão

estrelas enquanto o corpo ( este desatinado  
engano ) será ternamente coberto de um azul  
extra-terreno, que “resistirá profundo à  
opressão do aço”.

ps: tatuagem 1

no corpo está atada a fotografia  
aberta e Marlisa está disposta, assim  
como eu, a caminhar entre as selvas/relvas.

tatuagem 2

as chagas habitam o peito ( hematomas,  
febre, lepra ) e o sangue está disposto  
no asfalto.

FAÇAMOS A PONTE.

3.

Daqui deste terceiro lugar a última besta se debate  
para a preservação da vida.

Não me atrevo a emitir o calor de outros tempos  
nem a falar do vento vindo dos passarinhos.

Mudo, meu corpo restringe todas as dimensões do  
azul.

Insisto vivamente em afirmar que nada tive a ver  
com os “doces” assassinatos neste terceiro mundo.

A espera reside no renascimento das formas.

Antes estivesse eu com os pés no chão sentindo o cheiro  
gostoso de barro, ouvindo o barulho dos animais em fuga  
pela planície;

esses amáveis animais com suas pastas de couro cru,  
enfeitados sempre pelos colares cores; dentes de  
irmãozinhos oprimidos.

Antes pressentisse eu o acontecer da mudança e  
enviasse meus

livros ao fogo, bem como as recordações de Marlisa.

ps: Teodomiro pressionava o peito contra a parede e tentava o sono. Haviam muitas formigas em sua cela e o corpo já não alçaria vôo como antes da virada.  
— E A MESA VIROU, pensava.  
Não conseguia colocar bem os fatos depois de que aconteceu o golpe. RUDE GOLPE.  
Os documentos talvez nem tivessem chegado ao seu destino:  
talvez o ganhar do fogo. Teodomiro tentava arquivar o enredo e se lançar em pontes como se fosse mudar de tempo.  
Era preciso desnortear.  
Era preciso dar uma risada,  
uma TREMENDA GARGALHADA.

4.

aparecência do estranho. Bem que se deliciava. Se bem ainda que já pensasse na possibilidade de ser Teodomiro. Há bem tempos que ele não se amostrava. Teodomiro; formiga gigante, se perdendo sempre entre as pessoas e as coisas.

Chover,  
Chovia.

Chuva anterior ao dilúvio, nos olhos dele e nas suas estranhas coincidências. Precisava comprar envelopes e enviar a Brasília o restante dos escritos que cada vez mais se acumulavam nas gavetas. Aquele animal talvez aparecesse por aqui e apanhasse o material. Mas ele, não. Não se tratando de um “cronópio”, não o faria e mesmo que se decidisse, o seu doce aspecto de “fama” amonstrado de “esperança”, o impediria.

Besta imunda;



Resta apenas para Marlisa espalhar as penas por sobre as camas e demorar este ato de se derramar em tédio.

## AS PENAS NAS SUAS LENTIDÕES ABSOLUTAS...

5. De nada adiantaria ficar supondo que aquele passageiro engano fosse trazer à tona toda a tristeza daqueles tempos. Iriânia nunca sorriu seriamente e mesmo quando tentava, tecia lendas e se deliciava no folclore que se manifestava no seu rosto moreno. Por vezes chegava a ser parecida com aquelas borboletas, dançando o seu fogo à meia luz, um tango de Gardel. "Que venga el tango"!... E eu, dançava sempre, apesar da ausência de ritmo, no gosto do tango subindo pelas narinas, descendo pela garganta molhada de cuba-libre. Era preciso desnortear a importância do seu gesto e denunciar seus olhos verdes perdidos sempre na luz fosca do abajur lilás dançando a dança dos vampiros e dos mortos.

Amei-a em todos os idiomas e dos maus momentos que tive frente ao sexo quando tentava repudiá-lo, rasgá-lo de meu corpo sedento, ela se me envolvia tentando pouso certo prometendo-me o eterno.

### "NADA SEI DE ETERNO"

Nada. Decididamente. Nada me adianta o contorno da boca, o antigo encontro de nossos lábios, o mesmo papo comigo mesmo na mesa de sempre, o amargor supremo das noites de verão perdidos no limiar da história.

O corpo ( este desatinado engano, estas grandes grades a serrar-me encerrando-me entre as paredes ), ( SOLITÁRIA: SOLITARIO ) sempre exposto à fragilidade das horas na obscura loucura do amor.

...vagalumes; muitos mais serão precisos e preciosos a clarear nossos corpos nas noites sem compromisso a assumir os labirintos cravados pelas trevas de nossa carne virgem a preocupar-se com a luz estilhaçada na completa ausência de fotografia. Amou-me e hoje isto se torna ainda mais claro e cada vez mais sinto que desejava-me como a um cavalo que não rejeita montaria. Muitas carícias me foram feitas como a um cão caseiro e eu, idiota, imune dos pecados, rastejei-me até o rio de seus olhos tentando o espelho para a fuga. — É preciso não pensar. Quanto mais se pensa mais se envolve. Apesar desta afirmativa com a qual Anayansi me advertera, eu não podia ignorar o desenrolar do processo que a todo momento jogava-me de encontro às recordações. — Estoy hablando de la muerte, novamente Anayansi. Não importa. Nada importa se o medo louco está cravado à luz da pele e se sempre, cada vez mais, sua densidade tende a aumentar.

Bala.

crivada no peito  
no meio da fala  
de dentro da sala  
o sangue,  
medo,  
vendaval.

De nada me adianta estas loucuras cravadas no limiar dos olhos se no ato de se apressar estes anos, a descrência invadirá inevitavelmente os lábios descarnados na completa corrosão do antigo medo. Iriânia sorria sempre no retrato guardado em minha memória e cada vez que eu a projetava na tela, alguns aspectos eram retocados como o retrato de meu bisavô exposto na ante-sala. Soube sempre da inércia das fotografias e que elas não são nada mais que um momento de pleno gozo

em que a "expressão alça vôo", tentando encontrar o rumo doce e suave do perpetuar-se em si.

p: "labirinteriores";

Iriânia esteve tão dentro, tão dentro que agora, é como se eu a tivesse vomitado.

6.

"Quando se fecha uma porta, se abrem mil janelas mas...

qual delas será a que nos conduzirá ao caminho mais próximo da porta?"

Teodomiro conhecia de cor estas palavras proferidas por Anayansi mas em sua vida não havia janelas e apenas pequenas manifestações descortinando medos, vindas do nordeste de sua mente.

A solidão fria apavorando o corpo também frio de nada adiantava. Era preciso tentar novamente a fuga.

A ESPERA GRANDE

: o esperma.

O dentro de Marlisa guardando o último segredo de vida, tecido na noite passada juntos debaixo de um porão onde a primeira bomba não pode alcançar. Era preciso comer. Fazia tempos que não se deliciava com uma boa comida daquelas que costumava "filar" na casa de Marlisa. Aqui, agora, de nada adiantava fitar estas lembranças inúteis guardadas a sete chaves a se projetar vez por outra nesta absurda tela.

Nada. Decididamente. Nada mesmo adiantava o espelho; a fuga, o salto, o grito sem éco, se cada vez mais a morte se deliciava na curvatura de sua carcaça.

7.

- Aceita um cigarro?
- Não fumo.
- Antes fumava ; me lembro.
- Fumar é um ato livre. Há bem dez anos que não fumo.
- Está protestando ?
- Como queira.
- Sabe que será removido desta prisão ?
- Hoje ?
- Agora.
- Removido ou desaparecido ?
- Nunca se sabe meu caro, nunca se sabe...
- Não tenho medo. Nada mais importa.
- Idiota! ... Se “entregasse” os que estão de posse dos documentos, poderia se safar.
- Nunca !
- Louco.!
- Menos que vocês todos ,
- Sua luta terminou, imbecil...
- Devolvo-lhe as suas próprias palavras ; “nunca se sabe meu caro, nunca se sabe”...
- Você já está no fim, será que não pode ver isso ?
- Eu sei... E é por isto que não direi nada.
- Se falar terá nova chance, garanto...
- Já está tudo consumado... Há muito tempo...  
Ê preciso saber quando se perde, apesar de eu não me considerar perdido.
- Como não ? Acaso espera algum milagre ?
- Ê apenas questão de forjar um tempo propício.  
As idéias nunca morrem.

**“EM NOME DA LIBERDADE O OPRESSOR MATA  
O HOMEM QUE TENTA SER LIVRE”**

8.

Talvez Iriânia se dispusesse a passear pelas ruas de Paris numa completa madrugada e procurando encontrar a Maga num canto qualquer, “num café do bairro latino”.

Talvez se fizesse ou mesmo se transformasse na “mulher azul” de D.J., e mesmo não tendo eu, freqüentado o “Flor de Minas”, desesperadamente estaria sempre à sua espera.

Tivesse ela seis ou oito anos menos e estaríamos juntos bailando talvez em tangos num dos cabarés na Rua Direita na Argentina, escondendo o nosso despropósito de não se conhecer o caminho de volta.

Talvez ainda ela se dispusesse a dar as mãos a um antigo amor de primavera sem se descuidar da idade que agora muda todo o curso da história. Um pequenino passeio não lhe poderia fazer mal algum, principalmente se fosse possível o retôrno, a volta, e, mesmo que voltar implicasse em assumir todos os labirintos gerados no caleidoscópio da suposta partida e a “borboleta” talvez, no seu pequenino vôo vertiginoso não estivesse disposta em assumir a sua necessidade, a nossa mentira de uma luz brotando do dentro.

**“O AMOR É UM FLUIDO,  
QUE SE ESVAI,  
QUE SE ESVAI.**

9.

Mariposa como companheira...

Marilene a se desmanchar pelos cabarés desta absurda

cidade, a iluminar os olhares dos homens cansados do trabalho, do dia a dia, de suas mulheres incompreensíveis monótonas e repetitivas. A dor deles saindo entre uma e outra dose de cachaça, no intervalo entre um e outro cigarro, na tosse e nos passos abismáticos num tango de Gardel. Marilene e seu sorriso compreensivo me deixava sempre um beijo na face e ensaiava o descanso. Eu, o outro, completamente tolo, aceitava suas carícias num completo abandono. Nada sabia eu a respeito de seus amantes e do "Elite", nas noites frias. Apenas que seu corpo quente sempre presente em minhas moradas sombrias, levava-me a uma excitação incalculável : e sua língua dançava no meu céu da boca como se fosse lua ( ameba no cosmos ) boiando no espaço e eu então ia ficando enorme tardio livre e deserto e era como se eu estivesse nos limites da morte.

Nunca me foi dado saber essas coisas de minha amiga mariposa e só agora, velho que estou, descubro a ânsia das tantas fugas ao lhe ver de novo. Você me olha, me contempla como a um deus decadente e pra você é como se fosse ainda em tempo hábil. Crê piamente que o seu amigo das horas de folga, da utopia, das noites vazias e descontraídas, nunca desconfiou e nem agora sabe que você era a "doce borboleta loira" que vagava pelas noites de Belô tentando sempre, como uma antiga mariposa, o encontro louco da luz antes do amanhecer.

Claro que me deixo enganar o que procuro sempre evitar que você um dia descubra que eu sei de cor todos os caminhos percorridos por seus vôos.

Ah! Marilene. Aquela música do Nelson Gonçalves nunca mais me sairá da alma.

“DOIDIVANA NAS NOITES VAZIAS”...

10.

VALLA

ABIERTA EN MI PECHO

ADENTRO EN LA SALA

LOS PLATOS EN LA MESA

LA SANGRE

MIEDO

VENDAVAL.

Perguntaram-lhe se queria brincar de cabra cega.

Teodomiro não se manifestou.

Perguntaram-lhe se queria beber água.

Fez sim com a cabeça .

O de máscara de “zorro” trouxe-lhe fel.

O que tinha perna de pau e cara de pirata amarrou-lhe as mãos com um trapo.

O da espada escarrou-lhe no rosto.

O que tinha olho de vidro e tatuagem no peito colocou-lhe um pano preto nos olhos afirmando ser colírio.

O que estava de tanga e penas por sobre a cabeça, aprumou a machadinha e segurando os cabelos de Teodomiro, tirou-lhe o escalpo.

Teodomiro ainda pensou em Marlisa e sorriu.

O que estava alisando o pênis pensou que Teodomiro sorria dele e então deu-lhe um chute no saco.

Teodomiro se contorcia em dores.

O “zorro” disse que Cristo havia sofrido muito mais.

Todos gargalhavam.

O mais generoso deu ordem para que colocassem o condenado encostado no paredão.

Os de verde obedeceram, aprumaram os fuzís e fizeram mira.

O mais velho de todos, guardando uma estranha aparência com o “garrote vil”, abriu a janela, tomou um gole de Rhum e ordenou que atirassem.

11.

E, mesmo que tentasse, Marlisa jamais compreenderia as notícias publicadas nos jornais anunciando que o preso da cela 17, de nome Teodomiro, havia fugido pra local ignorado, talvez fora do país e depois de tantas buscas foi dado mesmo como desaparecido.

Marlisa alisava o ventre onde germinava o fruto Teodomiro, filho de Teodomiro, tecendo sonhos de seda em torno do mistério da vida. Nada.

Decididamente. Nada. Vieram novamente os anjos, brinquedo de Marlisa mas agora seria impossível ficar na curvatura deste desmedrado tempo, armando pontes por sobre a tarde sem nenhuma perspectiva de mudança. A primeira visita se aproximava e Marlisa não teve dúvidas: Danilo. Da-ni-lo, dividiu em sílabas.

Antes mesmo que ele penetrasse pelo portão adentro, Marlisa correu ao quarto, ensaiou uma lágrima, ajeitou os cabelos abrindo um caderno de anotações de Teodomiro onde escreveu a frase derradeira completando assim as idéias de Teodomiro, sem mesmo ter conhecimento das que estavam grafadas.

A dor estava atada no limiar dos olhos e mesmo ainda assim Marlisa não se indispôs. Chegou até a sala, cumprimentou Danilo e entregou-lhe o caderno de Teodomiro como havia de ser, como estava escrito, e abrindo a última página leu em voz alta a frase que se destacava do restante dos escritos : “A dor está compreendida nos corpos e a ponte está feita sobre o atlântico dos olhos”.

Os olhos de Marlisa — Aos olhos de Danilo.

Os olhos de Danilo — Aos olhos de Marlisa.



A música no ar; um tango de Gardel.

Danilo, o louco, o poeta, tomou as mãos da dama  
e o tango tomou vida nos passos abismáticos do par.

“UMA SAUDADE IMORTAL,

CARLOS GARDEL.

12.

pequenas observações:

Muitas das frases que estão entre aspas são de autoria de DANILLO DOS SANTOS PEREIRA, poeta louco que há alguns anos vem tentando organizar estas idéias dos escritos confusos de um desaparecido de nome Teodomiro que era seu melhor amigo. Sobre sua morte ele insiste em afirmar que nada sabe e que o relato aqui colocado não passa de imaginação sua e que o leitor não deve ver nelas a menor conotação de verdade. Apesar dessas suas falsas afirmativas, ele admite que se estivesse na França ou noutra lugar em que a liberdade não seja apenas palavra, exporia claramente as idéias do desaparecido Teodomiro. Insiste vivamente em afiançar que nunca mais encontrou Marlisa e que apenas esparsas notícias sem grande significado têm sido levadas até ele. Quanto às observações feitas nestes textos aqui colocados em forma de um “anti-conto”, devo confessar que interferi, mas não me entendam mal assim desta maneira rude, pois tudo que fiz foi para a manutenção dos originais de Teodomiro. Danilo não poderia ficar com esta enorme responsabilidade, ele está muito velho e sua tendência é muito conservadora.

T.R.N.F.

(ass. Teodomiro, filho de Teodomiro ).

O. CÓMO COMPRENDER LA INTENSIDAD DE  
LA VIDA  
SI EL VIVIR ES PRECARIO Y  
SI NOS CORTAN SIEMPRE LA ALTERNATIVA  
DE LOS CAMINOS ?  
CÓMO COMPRENDER NUESTRO CAMARADAS  
SI NO PODEMOS  
SIQUEIRA SABER LA INTENSIDAD DE SU  
GESTO Y SI CADA  
VEZ MÁS LA HAMBRE SE INSTALA COMO  
PERSPECTIVA DEL VIVIR ?  
EN FIN: CÓMO ENCONTRAR MI DONDE, SI  
NI SÉ DÓNDE ESTOY ?  
"ESTOY PERDIDO EN EL UNIVERSO".

# LÁGRIMA DE URSO

PESTE

**Lúcia Castelo Branco**

Faculdade de Letras

Desde que os humanos resolveram infringir as leis estipuladas na comunidade, o urso decidiu que também ele deveria violar as regras que os estúpidos teimavam em lhe impor.

E saiu à rua, descalço e sem roupas, feliz da vida e lalarilando. Já não aguentava mais. Eles insistiam em tratá-lo como homem, obrigá-lo a trabalhar, a se vestir, a se calçar. Obrigá-lo a respeitar filas e sinais de trânsito. A declarar imposto de renda (de que renda, que ele não tinha?), a pagar o INPS. A ser partidário (até onde isso fosse possível em sua condição de irracional). E essa terminologia que ele não entendia, e essas palavras gastas que ele não sabia usar. Era disso que tinha medo: ser partidário. De qualquer forma, o nome soava bonito e era bom sentir o barulho opaco que a palavra produzia. Era como usar sapatos. Primeiro se impressionava com a cor, o brilho e o cheiro de coisa nova. Depois que os calçava, o couro era duro e lhe doía nas patas. Mas agora não, seria tudo melhor. Com a greve dos homens pobres, ele, a quem por fatalidade ou proveito fora imposta esta condição, também estaria em greve. E poderia sair novamente nu e despreocupado nas ruas, como nos velhos tempos em que tudo ainda era selva.



Mas o homem da esquina, guardião da noite e da lei, esse não permite homens nus no meio da rua e ainda por cima felizes. E o abarca, subitamente:

— Acaso você julga, que por uma greve quotidiana de assalariados, pode andar assim pelas ruas da cidade?

— Mas, como? Fala assim por que rio?

— Falo por que ri e por que está nu.

— Mas eu não sinto frio, senhor. E, além do mais, está uma bela noite. E por que é uma bela noite e por que não sinto frio, estou feliz. Eis por que rio.

— E ainda é gozador, o malandro. Você sabe o que pode lhe acontecer por ironia, desacato à autoridade?

— Obrigarem-me a trabalhar? A usar sapatos e roupas? Não, senhor, isso eu não aguento.

— E como quer que EU aguento vê-lo nu?

— Mas, senhor, roupas me sufocam. E pra que roupas se eu tenho meus pelos que me aquecem o corpo, e o meu corpo, senhor, será tão medonho assim?

E o guarda, alto e de voz grossa, boquiaberto de susto e sono, sem saber o que fazer, apita para outro guarda, que guarda uma outra esquina. Um guarda ainda mais alto, de voz ainda mais grossa. Uma autoridde ainda mais SUPERIOR. E para o urso:

— Agora você vai aprender a tratar um superior.  
E o guarda-MOR aproximando-se:

— Mas o que é isso? O que faz esse homem nu no meio da noite? Acaso foi assaltado?

— Não posso ser assaltado porque nada tenho para que me assaltem, senhor, essa é uma das vantagens de se andar nu e sem nada nas mãos.

E o guarda-MOR: ( — Um sonso. O mais sonso que já vi por esses lados. )

E para o outro guarda:

— Reviste-o. Ele pode trazer alguma coisa escondida nos cabelos, nos pés, sei lá, em qualquer parte...

E para o urso:

— Onde estão seus documentos?

— Eu não os tenho, senhor. E, se os tivesse, onde os carregaria se não tenho bolsos?

— E por que não os tem?

— E para que tê-los?

— Chega! Saiba que eu sou um SUPERIOR, sou AUTORIDADE, EU REPRESENTO A LEI!

— Mais ainda que o outro senhor? disse o urso olhando para o outro guarda que cochilava e babava recostado ao muro, a cabeça tombada de sono e inutilidade.

— Mais ainda do que ele.

— Mais ainda que todos os cidadãos dessa cidade?

— Mais, muito mais.

— Mais do que o senhor presidente?

— Cale-se! Saiba que vou levá-lo preso. Desacato à autoridade, atentado ao pudor e suspeita de subversão.

— Oh, senhor, não. Eu detesto jaulas e sei que lá vou sofrer e talvez mesmo morrer de dor.

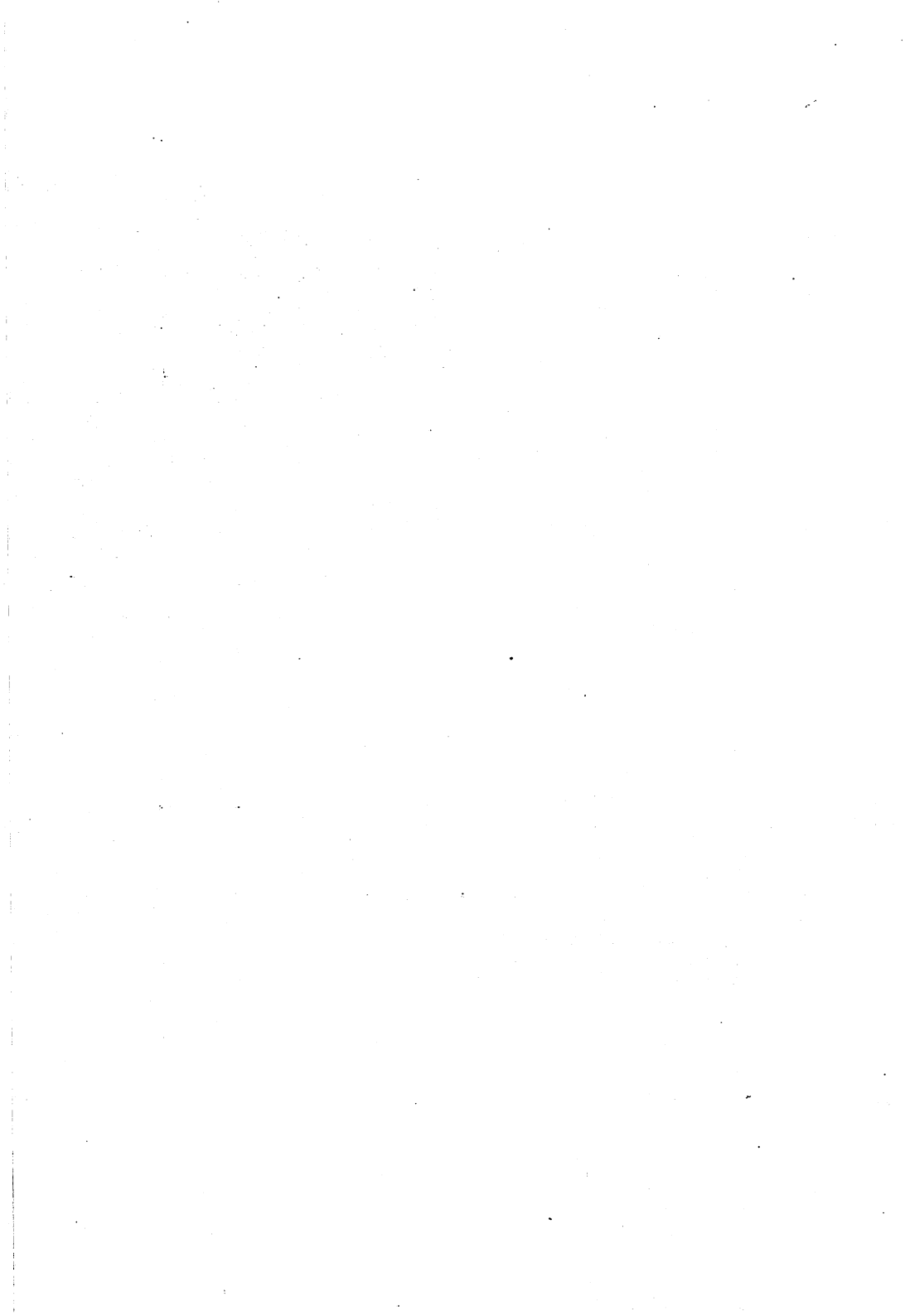
E o guarda-MOR, virando-se para o outro guarda, já acordado com os gritos:

— Leve-o. Coloque as algemas e tenha cuidado. Pode ser perigoso.

Mas as algemas não couberam. As mãos eram grandes demais e só então os homens viram como eram grandes e peludas. E em gargalhadas frenéticas:

— Ah! Ah! É um louco! E além de tudo aleijado. Homem com mãos de animal!

Os homens riam e não paravam de rir absortos com mãos tão estranhas. E riam e não paravam de rir, quase esquecidos das algemas, da prisão, do atentado, do desacato, da subversão. Quase esquecidos da esquina, da noite, das conveniências, os homens rindo e se cuspindo de rir.



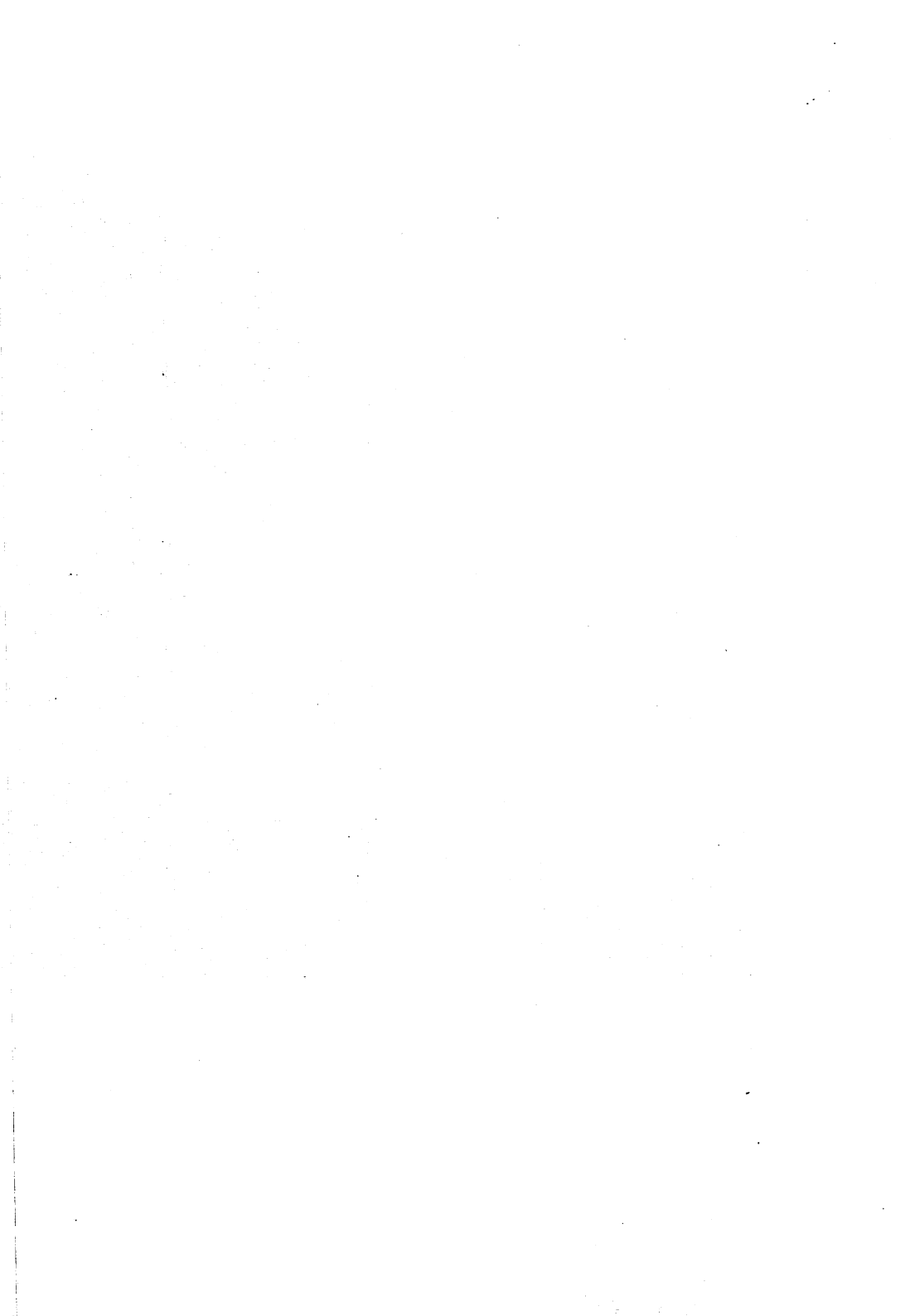
**RL**

revista literária

---

CONCURSO  
DE  
POEMAS





# LITURGIA DA PALAVRA

para macário DO ISSÁS  
CINCOFRONICO TEOFRADES  
Antônio de Pádua Barreto Carvalho  
Faculdade de Letras

multifaça ou multilavre  
o que de livre  
(a fala)  
não te impeça.

de lavar essa face  
(essa promessa)  
de lavrar suas manhãs  
na mesma farsa:  
o demarcado corpo da palavra.

o lembrado porto da batalha:  
agulha agrária tecendo o sono  
de a cor dar na mão do mundo  
e sem receio  
de livrar a memória e seu percurso.

E da elaborada ressonância do silêncio:  
estampilha clara e nada  
nos ouvidos  
reouvir então os clamores dos poetas:  
(mudos galos sem manhãs e sem poleiros)

# ÓPERA DO VERDE E DO SAL

LA KALI

Sônia Maria de Melo Queiroz  
Faculdade de Letras

deita em meu corpo  
de bailarina aquática  
o teu olhar  
de longo, eterno  
navegar

baila teu sonho  
inquieta navegueiro  
no embalo verde e doce  
dos meus cabelos de algas

verde e doce  
o teu cantar  
os teus cabelos

e quero tanto e tanto  
e tão só  
o sal do mar

e ouço e canto  
e tanto e só  
este vai/vem do mar

ouve meus sonhos  
de acordar a flor  
da tua pele  
e navegarmos nós dois  
o maior oceano  
de imensos e trêmulos  
arrepios  
e de canções de doce mar

ondas macias, Ulisses  
de macio amar

doce e macio e verde  
o teu cantar  
e quero tanto e tanto  
e ouço e canto  
só  
este vai/vem do mar

o meu amar é  
onde nunca vou chegar  
navego

e canto e clamo  
(inútil)

## O MEDO

ZACARIAS

**Luiz Fernando de Souza Emediato**  
Curso de Comunicação Social da FAFICH

carrascos  
te cravam  
te pregam  
o ódio

trevas  
te travam  
te coma  
o negro

o grito  
não grava  
o medo  
e o mito

(ninguém te ouça)

guardarás  
o degredo  
o degrau  
do segredo

a dez graus  
do secreto  
segregarás  
o medo

CONCURSO  
DE  
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS  
MENÇÃO HONROSA



# BRASÍLIA

a oscar niemayer

TIAGO

**Antônio Carlos Gomes da Costa**

Faculdade de Educação

concreção pura do tempo  
tua aérea geometria  
se faz como um gesto-vôo  
pousado em face do céu

balet de faces e ângulos  
cortado dentro do azul  
as formas nuas expojam-se  
à posse exata da luz

compondo um novo espaço  
tecendo um novo tempo  
caminho de um homem novo  
e de um novo compromisso

que abarca mil horizontes  
e penetra como um olhar  
fundando em nós o sentido  
de um mundo que se propõe



# CONSIDERAÇÕES LATINAS

FACA AMOLADA

**Osias Ribeiro Neves**

Curso de Ciências Sociais da FAFICH

: ESSES REIS DE BRONZE — MEMÓRIAS DE UM TEMPO  
COLONIAL — FORAM EJACULADOS NO COSMO EM  
DIMENSÕES

TRANSATLANTICAS & ESTÃO PREVIAMENTE ISENTOS  
DAS GALERAS & CORRENTES.

: ESSES REIS DE BRONZE — ANÔNIMOS NUM TEMPO  
DESNATURAL — CRIARAM IMPÉRIOS COM UM METAL  
RARO, INCENDIARAM

CIDADES & PARIRAM O STRESS CORROSION ENTRE  
BANDEIRAS

FACEIS NA TENTATIVA DE ULTRAPASSAR O TEMPO,  
PERPETUADOS

NAS PEDRAS TALHADAS POR MÃOS SEMPRE  
ESCRAVAS.

: NESSES ROSTOS AMARGOS — PEDAÇOS DE UM  
TEMPO

COLONIAL — ESTÃO AS MARCAS; CORRENTES NOS  
CORPOS O TERCEIRO  
MUNDO & COMO RETRATOS LATINOS ESTÃO PERDIDOS  
NO ESPELHO PARTIDO EM QUATRO SÓIS.  
: NESSES ROSTOS — PARTIDOS EM QUATRO SÓIS —  
A ESPERA  
RESIDE NA TORDESILHAS DAS MÃOS CRAVADAS  
EM RIOS DE MEDO  
COMO FORÇA DE RECOMPOSIÇÃO NA TRISTURA  
DOS OLHOS.

# RETRATO

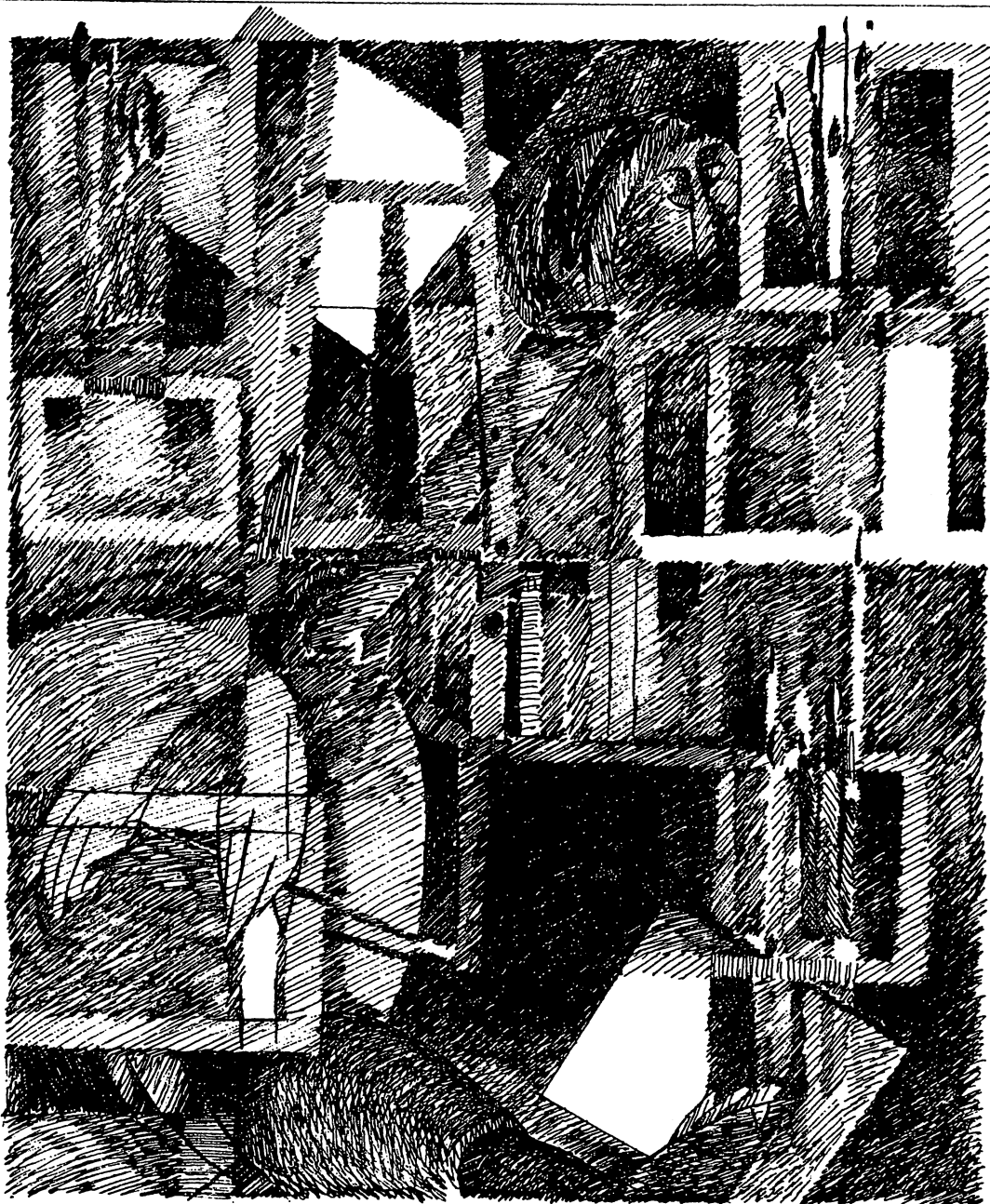
ASAZUL

**Liana Valle**

Escola de Arquitetura

o pintor  
no seu reino colorido  
a lápis de cor  
cercado de quadros  
e discos e livros  
por todos os lados

o pintor  
é um menino ilhado  
nas quatro paredes  
do seu medo  
de descer a escada  
atravessar a ponte  
e sair do quadro.





# PEITORIL DE JANELA

MARIA-MARIA

Sandra Mansur Froes

Faculdade de Letras

peito cheio

entupido

trans-bordado

em tiras

jogado

o jogo

retido

o tido

plantado o fato

colhido o fito

embaralhado

embirilhado

bico pontudo: vazante d'amor

# CARRINHO DE ROLIMÃ

S/P

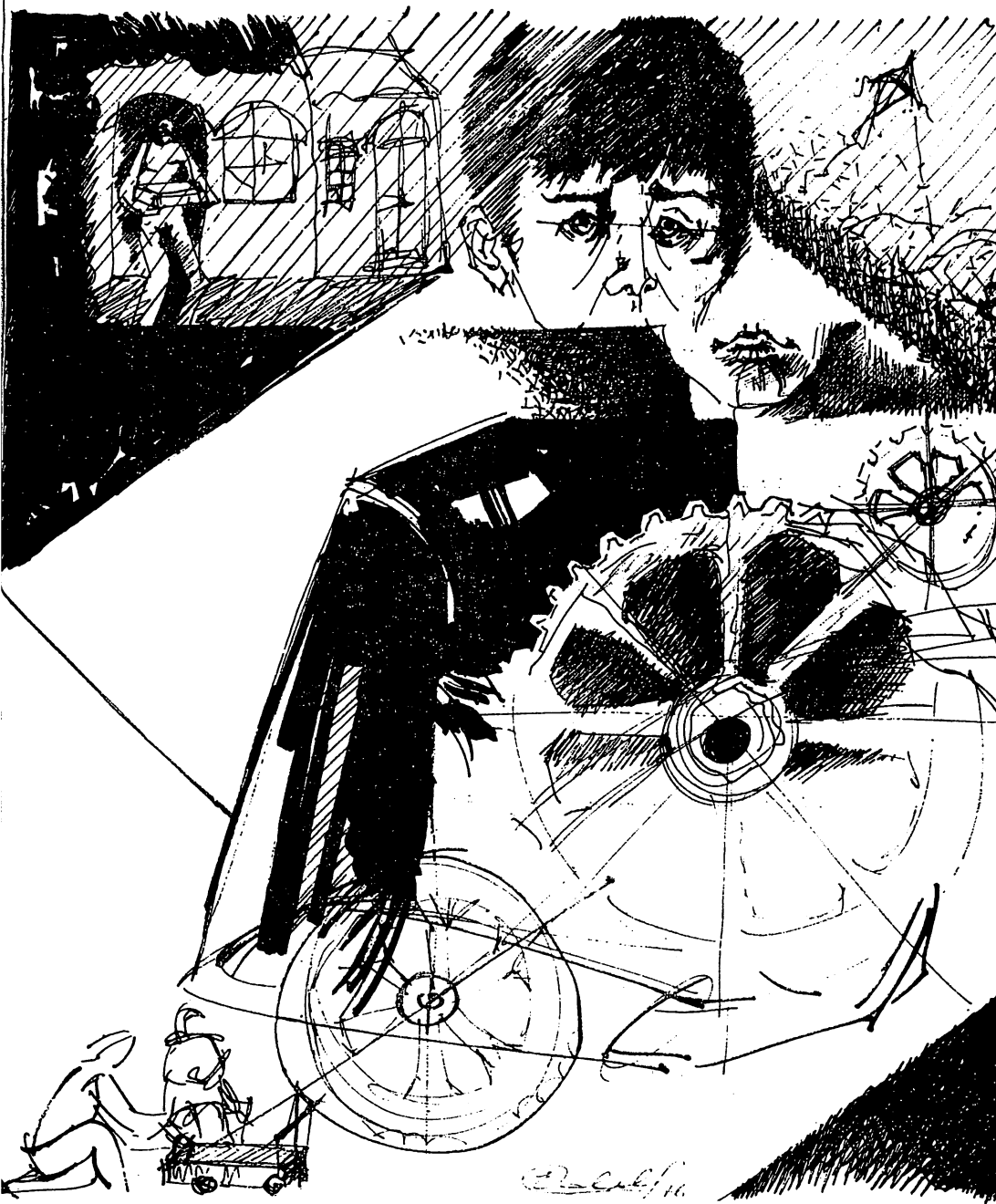
**Maria de Fátima Rocha**  
Instituto de Ciências Biológicas

Não traga lembranças,  
elas pertencem aos segredeiros.

Você Francisco,  
é um segreideiro.  
Repito cinco vezes esta mesma frase,  
são cinco frases diferentes.

Você é cômico,  
faz rir os ventos  
e a claridade fraquinha da noite.

Como fazer uma bandeira brasileira:  
(Achado entre muitas bugigangas,  
dentro de um coração.)  
Corte de uma cartolina branca,  
um triângulo.  
E de uma cartolina azul,  
corte um círculo.  
Cole o círculo azul sobre o triângulo branco.  
E uma faixa preta, de cartolina, corta  
o círculo azul ao meio.





Na parte de cima do círculo ponha duas estrelas,  
na parte de baixo ponha quatro estrelas.

---

Um sonho aterroriza os olhos,  
e porque não dizer uma ventania...  
Mais eis que chega  
o super lápis  
a super borracha  
a super régua  
o super caderno  
o quarteto (ESCOLAR),  
ininterrupto, invencível.

ÓH menino de ALÃ,  
porque corriges tanto seu jeito de sonhar?

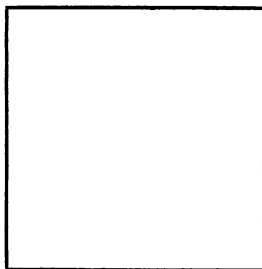
Veja estas quatro letras:

L, L, V, O,

e coloque no quadro abaixo  
as coisas, que com elas poderá contar.

Responda,

com os olhos escancarados e vêsgos



Da mesma forma que saí vendo alguém aparecer, entrei  
[vendo alguém se esconder. O mesmo sombreado,  
[entre as coisas que povoam a nova etapa. Uma  
[sanfona: vento a bater nos instrumentos abertos.  
[Um longo chamado por entre meninos. Um colar  
[perdido, várias pérolas falsas atravessadas por  
[uma linha forte. Bem dobradinha, instantâneo,  
[como os dois olhos do gigante. Um chamado...  
[Um grito desse derruba o menino; que já se  
[levanta, limpa as mãos na camisa, e, então  
[tudo torna-se uma grande noite. (Sanfoninha  
[alegre/ de um alegre canguru/ que não vê  
[espaço à frente/ que não pule de quatro em quatro.)

---

O vento bate no lençol ao varal. Enche de ar a parte  
[central. Na merendeira, um pão emplastado de  
[manteiga, onde minha alegria escorregava, onde  
[o mundo (hoje) escorrega. Com o papel de pão dou  
[lustro no meu sapato lindo-bras. E com o barbante  
[Virgem Santíssima? Faço uma cama de gato onde um  
[estranho vem dormir.

---

Um caixote na rua, só com mamucha de laranja. As dobras  
[das pernas, que dobram, que dobram. E pó-de-arroz na  
[face das mulheres. O senhor de idade que fica em  
[frente ao (complete), vende drops e pirulito,  
[com sabores, com sabores. Saculeja pratinhas de  
[cinco, dez e vinte centavos, com mais côrte que  
[estrela.

---



**RL**

revista literária

---

SEGUNDA SEÇÃO



# POEMAS



## (H) ERA

**Moacyr Laterza**

Era uma terra sem escombros  
os dias eram longos  
e a esperança não doía.

A vida tinha um passo  
e no olhar que olhava  
um módulo compassava  
a ternura e a alegria.

O pêndulo não marcava  
mas um compasso existia.



# CONGONHAS

**Luis Carlos Alves**

Que palavra fez de pedra  
os profetas  
na montanha em frente ao templo?

Que luz de fogo cerziu  
sua visão

que cimento paralizou na terra  
os pés e os paços?

Que palavra fez de pedra  
os profetas de silêncio?

**1975**

# RESSURREIÇÃO DE FANTASMAS

**Luís Carlos Alves**

A noite fria renasce  
os fantasmas de Ouro Preto.

Nascem das pedras, das portas,  
das paredes, dos telhados.

Andam nas ruas, ladeiras,  
rezam todos nas igrejas

E esperam juntos na praça  
o ouro que vem da manhã.

1975

# ROSA (JOÃO GUIMARÃES)

Valéria Furtado Azevedo

Avencas penduradas  
ao léu da lua,  
e João,  
menino.  
Restituído,  
em pureza e harmonia,  
apesar das cidades.  
Persistente.  
Chamando-nos de longe,  
do alto,  
alta montanha: saudades.

(Os ventos,  
em bandos refalsados,  
— os falsos —  
ousaram-se.  
E a Cimitarra.)

Mas,  
a voz que sabemos de cor,  
nós também já meninos,  
aprendizes.  
Nós também te chamando,  
muito, muito.  
Teu simples nome,  
João,  
essa flor

(poesia),

de que não declinamos:

ROSA,  
ROSAE,  
ROSARUM.

*(Montagem com frases de "AVE PALAVRA",  
última obra de João Guimarães Rosa)*

# A SAGA DOS HOMENS

Danilo dos Santos Pereira

## I

O ÓDIO cravado nas faces  
incrustadas de violência,  
cavando sulcos profundos  
a carne vai retalhando,  
criando o não reprimido  
e o orgasmo dos verdugos

## II

Já nada mais importa  
se o ÓDIO agora é lei,  
se também todos os cÓDIgOs  
que devemos obedecer  
refletem o pODerIO  
episÓDIO a episÓDIO  
daqueles que não aceitam  
qualquer mODIficãO.

# POEMA BULA

(venda sob receita médica)

**Ronald Claver**

## **Índice:**

1. um ou mais leads
2. frases ao léu
3. estrutura
4. desdobramento
5. dinâmica de trabalho
6. mecanismo de ação
7. função e disfunção mítica
8. bibliografia e dedicatórias.

**EMBALAGEM.** a critério médico. em sacos plásticos.

## **1. UM OU MAIS LEADS**

- 1.1. é aceitável, adjuvante, conetor, complexo, contextual equipolente, imanente, figurativo, gerativo, indicial, lingual, serial, variante, sintagmal, papal e multinacional.

- 1.2. é semiótico, significante, substantivo, adjetivo, verbo objeto, transformacional e translativo.
- 1.3. há de se considerar o corte epistemológico e a estrutura frástica e transfrástica.
- 1.4. o poema bula não tem a pretensão de remediar a poesia brasileira (nem pode) quer, apenas, acrescentar-lhe algumas doses homeopáticas.
- 1.5. é a favor de qualquer mudança (o poema bula é mais PSD do que UDN).
- 1.6. é a favor dos ismos. é anárquico e qualquer bandeira serve.
- 1.7. é contra manifestações unilaterais. o poema bula é bilateral.
- 1.8. o poema bula entrou na lista dos supérfluos.
- 1.9. o poema bula colore a vida, viaje com ele, vá ao mundo onde tudo é verdade, até o sonho.
- 1.10. o poema bula abomina qualquer manifestação vanguardista. é a favor do espaço em branco: da atomização da palavra. do corte. do morfema grau zero, do sema e do semema e da elegia dística. é contra o custo de vida e a especulação imobiliária.

## 2. FRASES AO LÊU

- 2.0. algumas frases que nada têm a ver com o poema bula, ou melhor, com sua estruturação semântica, mas se o leitor for perspicaz pode querer e deve ver uma relação intertextual.
- 2.1. "a gente como ama, fica bobo".
- 2.2. "a marginália está certa, errado é o cego que quer ver e mais errado ainda, é aquele cego, que segundo o cadinho, tromba na gente com bengala e tudo".

- 2.3. “o cara estava com inflamação na retina e operaram sua próstata, alegaram que o paciente deitou do lado contrário”.
- 2.4. “você me visita nos sonhos assim permaneço eterno nos seus olhos”.
- 2.5. “o sigilo é a prova dos dois, se um terceiro vem a saber, a festa vira tragédia brasileira”.
- 2.6. “não há”.
- 2.7. “aí o tunico chegou gingando e mandou pegar na jugular, levantou o pé esquerdo e levou uma porrada na carótida. Mana viu aquele desatino e começou a rir”.
- 2.8. “nós, seus amigos e parentes, vamos pedir que Deus abençoe este amor, para que ele cresça sempre mais e torne fonte de vida”.
- 2.9. “perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o”.

### 3. *ESTRUTURA*

O poema bula se compõe de 3 verdades básicas que desdobradas são 5 ou 7.

posologia

descrição

ação

indicação

contra-indicação

advertências

precauções

efeitos colaterais



#### 4. *DESDOBRAMENTO*

- 4.1. — *POSOLOGIA*. s.f. indicações das doses em que se devem aplicar os medicamentos.
- 4.2. — *DESCRIÇÃO*. o poema bula além de desnecessário é dispensável. pertence ao grupo dos gavetais. Já foi um selo antigo que tinha pendente na ponta um chumbo, e também árvore da cabinda para construções.
- 4.3. — *AÇÃO*. o poema bula liberta a sua criatividade, atrofia seu senso de ridículo e te leva ao sucesso. liberte o potencial de talento que existe oculto em você. cada pessoa tem aptidões especiais, mas, para aproveitá-las é preciso desenvolvê-las.
- 4.4. — *INDICAÇÃO*. o poema bula é indicado para pessoas felizes. prove que você ainda é capaz de amar e de sonhar. deixe-se enlevar pelo sentimento mais elevado do poeta. num mundo tão materialista e desumano como o nosso, o poema bula é vital.
- 4.5. — *CONTRA-INDICAÇÃO*. a organização perceptível do poema bula atua no semema (= emprêgo de um lexema (palavra) e coleção de pequenas unidades semânticas, ex.: a cabeça enquanto cara.) e pode ocasionar um lexema (= unidade de comunicação; a palavra com o seu sentido global) e assim deixa de exercer a sua função expressiva, para funcionar como rima.
- 4.6. — *ADVERTÊNCIAS*. o mito está aí. se houver uma professora grávida de pudor, usar apenas 2 vezes ao dia.
- 4.7. — *PRECAUÇÕES*. em vista de o classemata ser principalmente uma pequena unidade do significado que é idêntica sob termos diferentes, devem ser tomadas precauções na administração do p.b. a pacientes com disfunção lingüísticas.

4.8. — *EFEITOS COLATERAIS*. caso você tenha frigidez, ejaculação precoce, timidez, medos, perversões não tome, não leia, não use o poema bula.

## 5. *DINÂMICA DE TRABALHO*

(ou como fazer o poema bula)

5.1. sentar em mesa de bar. pedir cerveja e cachaça. depois de 2 horas, se o poema não desabrochar, você, pelo menos, fica bêbedo.

## 6. *MECANISMO DE AÇÃO*

6.1. *tema* . AMOR EM GRUPO

6.2. *descrição* . UM GRUPO ESCOLAR

6.3. *ação* . escolares contemplando uma árvore. a mestra ao lado com olhar de mestra, era o dia da árvore. um menino, num átimo, arranca a flor da árvore e a deflora. a professora põe a mão na cabeça e diz: MEU DEUS!

6.4. *indicação* . ADOTE UM ECOLOGISTA.

6.5. *contra-indicação* . NÃO ADOTE UM ECOLOGISTA.

6.6. *ADVERTÊNCIAS* . você também é responsável.

6.7. *precauções* . não assine decretos.

6.8. *efeitos colaterais* . você pode ficar amargurado.

## 7. FUNÇÃO E DISFUNÇÃO MÍTICA NO POEMA BULA

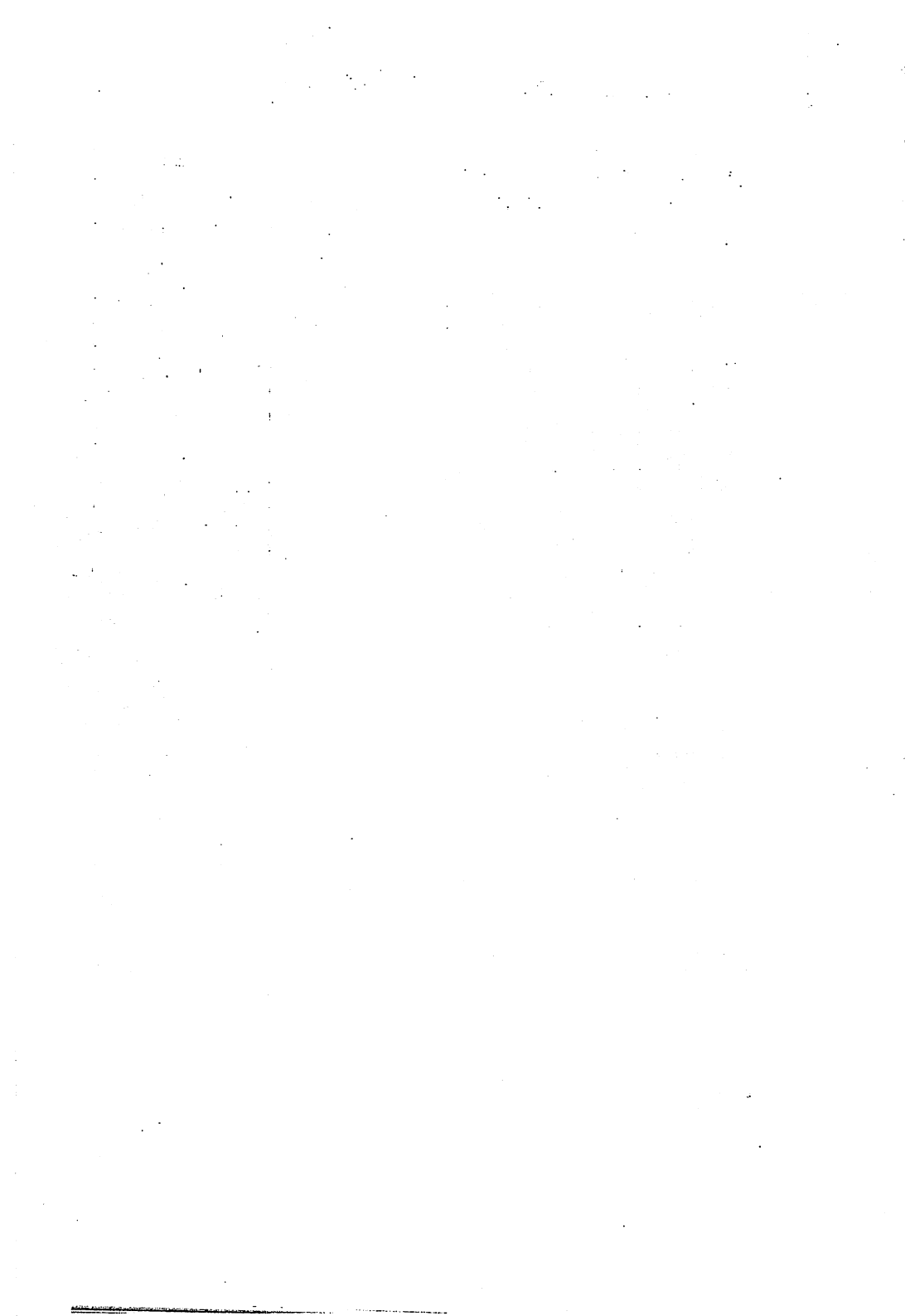
### 7.1. AMOR EM GRUPO

(Um roteiro mítico)

1.	2.	3.	4.
<p>O MENINO PROCURA A FLOR DEFLORADA QUE FOI RAPTADA PELA MESTRA. (Cadmos procura sua irmã raptada por Zeus).</p> <p>A PROFESSORA CALA-SE. O MENINO NO SEU SUBCONSCIEN-TE, É SEU FILHO. (Édipo desposa Jocasta, sua mãe)..</p> <p>O MENINO VÊ NA MESTRA A MÃE. (Antígona enterra Polínice seu irmão, violando a interdição).</p>	<p>AS FLORES MORREM NATURALMENTE. (Os Spartoi exterminam-se mutuamente).</p> <p>A MESTRA GUARDA SIGILO DE SEU COMÉRCIO. (Édipo mata seu pai, Laios).</p> <p>O MENINO CHORA (Édipo mata seu irmão Polínice).</p>	<p>A MESTRA É UMA MÃE EM POTENCIAL. (Cadmos mata o dragão).</p> <p>A FLOR DEFLORADA É GUARDADA NA BOLSA.</p> <p>OS ALUNOS VÊM NO ECOLOGISTA UMA RELAÇÃO PATERNAL (Édipo imola a Esfinge).</p>	<p>A FLOR NÃO É UM SIMBOLO FALICO (Labdacos pai de Laos coxo).</p> <p>O DIA DA ARVORE TERMINOU AS 24 HORAS (Laios pai de Édipo canhoto).</p> <p>A FLOR É UM OBJETO. (Édipo pé inchado).</p> <p>FAVOR CONSULTAR FREUD.</p>

## 8. BIBLIOGRAFIA E DEDICATÓRIA

- 8.1. pequenos anúncios, chomsky, ponto promoções, aurélio velho, páginas amarelas, j. b. fages, lacan, bar velório, mehler, pasquim, almanaque homeopático, f. b. i., jakobson, eli lilly and company, indianapolis 6, indiana, e.u.a. eli lilly do brasil ltda, oswald de andrade, tunico, galô, cassirer, bar 28, hollywood, herivelto, leda, barthes, parati lágrimas até 20 graus, áurea, mana, galô, brahma, bola 7, batata, c.d.a., marco.
- 8.2. pro sérgio que me emprestou os livros, pra rotina que está nas letras, pra maria lisboa do áudio, pro deco, cristina, gláucia dos olhos verdes num sábado de aleluia, pra eliana do Barros, pra júnia, mãe temerosa, pra sônia do abdalinha, pro abdalão que fez a orelha, pro zinho que fez as fotos, pro roberto que publicou no jornal, pra olga que fez o prefácio, pro delson que está de férias, pro freud dono da tropical, pra míriam que achou uma grande bobagem este poema, pro pablo que tomou os medicamentos, pra heloisa, ana e batata que primeiro leram o poema, pro dario que vai voltar e pro sami que editou o livro.



## CONTOS



# STARVILLE

Duílio Gomes

(para José Márcio Penido, agradecendo estrela e sopa.)

Onde a onça suçarana dorme. Onde cai a chuva e brotam as samambaias, os insetos e a felicidade do verão. E onde caiu a estrela da tarde. Starville, essas coisas do coração, ouvi os sapos depois da chuva, os sapos no canto escuro da noite com uma temperatura que me deixou os olhos verdes, veio um relâmpago, veio a chuva. Depois os grilos e assim a noite brotando dessa grama, dessa cama. Tinha um pé de fruta, passarinho veio, ficou bicando. O azul de verão tão quente, dorme madrugada. O olho escuro da noite piscou no ventre dos vagalumes, dorme tudo agora, menos os grilos e os sapos na vigília do milagre da natureza: tudo cresce de noite, cresce a grama, cresce a flor, cresce um caule, vai crescendo devagar, inchando de verde e vida, abrindo um buraco na memória da chaminé da esquina, abre as asas a clorofila e no chão intumescido de chuva e calor abre as antenas: uma formiga. Espreguiçou a minhoquinha no seu canto, varou a noite a estrela, no céu as oitenta e oito constelações, esquadro da coroa boreal, ah corvo da noite traz a cerveja põe na boca bebe tudo, vejo o disco girando, girou mil vezes de mil milhões, aquele é o canto da noite em Starville, tatu mecânico varando o pontilhão, peixe na água, chuva não pára, pulou o sapo no quintal, tremeu a cortinha com a aragem, também tem o lagarto, a banana, tem o telhado molhado, tem esse cheiro



de dama-da-noite e bem lá longe um cachorro late. E um papagaio dormindo, estremeçando a cabeça. Quem viu também a toalha na janela drapejando igual bandeira, balançando igual cadeira que vai e vem e vem de nunca vir, que estremeceu as tábuas da cozinha, equilibrou o sonho.

Starville, uma sopa de estrelas na parede. Eu ouvi a noite em Starville, ruído de tudo e essa cerveja. Eu vi e veja. Eu ofereço Starville como quem dá a mão, eu recebi e fui feliz e amanhã meu Deus o que faz a felicidade inchar o coração de um homem. Pula o sapo, viver é tão simples. A lama vai endurecer com o sol da manhã, o relógio de parede é a nossa vida que termina? Dorme, coração : a vida é manhã, um coração sem rugas, apesar. E nós como o Rei, celebrando os acontecimentos da noite. A mulher que fechou a janela tinha uma estrela na mão. Fechou a janela, fechou a noite, fechou fechou.

Starville, verão e suor, leite, frutas, cerveja. Jogar o anzol, fisgar a madrugada pela cauda. A samambaia é que me agrada mais quando é de noite e de chuva. Mas me agrada também todo o quintal com o seu mistério. Dezembro de um ano qualquer, hora de dormir.

# DOIS PEQUENOS ESBOÇOS, ENQUANTO É TEMPO, ACERCA DE UM PROBLEMA MAIS COMPLEXO, QUE AINDA VALE A PENA

Walden Camilo de Carvalho

## ESBOÇO Nº 1

Compadre Luiz,

Já faz um bocado de tempo que não lhe escrevo, mas você sabe que isso é muito comum de minha parte. As coisas aqui na fazenda não mudaram muito desde a última vez que você esteve aqui. Tive uns problemas de terra com o Ildebrando que deu um bocado o que falar. Tive que mandar uns cabras para divisa. Passei fogo no capataz dele, aquele tal de Magela, que te estranhou da última vez na Praça da Matriz. Foi coisa até que muito limpa, sem muito sangue nem nada. Pegamos o cara numa caminhada de volta da cidade e um tiro só, de “papo amarelo” na altura do peito botou o cabra com os cornos no chão. Mandeí enterrar perto do lugar mesmo que é pra evitar muita conversa da gentinha do lugar. Você sabe que a gente não deve dar muita asa pro povo se quiser comandar a coisa mesmo no jeito de senhor. E aqui, mando eu enquanto eu e minha família estivermos vivos. Ficou tudo assim. Sem maiores conversas que é como eu gosto. O povo me respeita mas muito sangue tive que derramar antes que isso acontecesse e muito cabra saiu fugido pra falar mal de mim em outras bandas. Isso não me incomoda. Cecília está esperando outra

criança. Espero que seja mulher, que é o que ela quer e eu também. Já tem macho demais nessa casa. Precisamos de uma menina pra alegrar e fazer companhia pra ela. Almiro está com catapora. Tranquei o menino no quarto dos fundos pra ver se não passa a peste para os outros que vão muito bem graças a Deus. Não precisa se assustar com o seu afilhado. Botei uma negra sentada do lado da porta do quarto e quando ele quer alguma coisa é só gritar que ela atende. Preto não pega essas doenças e são mais obedientes. Acho que são melhores que nós. Só não gosto quando começam a achar que têm direitos como eu ou você. Isso é um assunto meio complicado e na dúvida meto-lhes o pau. Por falar nisso, ontem fiz o tipo do negócio meio esquisito que ainda estou em dúvida se acertei ou errei. Eu já estava com dois gatunos presos no porão quando vieram me contar que tinha um cabra meio esquisito na cidade querendo botar o povo contra minha ordem e minha lei. Não sei se era mandado de alguém e nem me lembro do nome dele. Acho que era Jesus. Não sei porque botam esse nome nos outros. Incomoda muito. Como me disseram que o homem estava falando demais, mandei o César buscar o elemento. Quando ele chegou eu não quis conversar e nem ver. Falei com o César pra resolver sozinho a questão. Queria dar uma chance ao rapaz, que afinal é quem vai herdar tudo quando eu morrer. Pois, bem, ele pegou o sujeito e os dois outros cabras que estavam no porão e quis pregar os três em cruces. Quando soube, mandei tirar os sujeitos do vexame e resolver de outro jeito. Foram sangrados e enterrados. Acho que César exagerou. Preciso ter uma conversa melhor com ele antes que me crie mais problemas. Cecília chorou muito e me acusou de ter deixado a coisa correr. Não quero dor de consciência, vou dar um “sabão” no menino. Se essa carta tiver algum erro de português você me fala que quem escreveu pra mim foi o Carlos. Já que o menino quer estudar pra professor, tem que ser bom desde já, embora eu ache um negócio meio fresco, que não enche barriga de ninguém. Um abraço do sempre amigo,

Adalberto.

## ESBOÇO Nº 2

Quiridinha mana Juju,

estou ti escrevendo esta cartinha com grande afrição no coração. O mutivo é o meu minino Jesuino. Primeiro é o batismo do minino, qui ainda não foi feito porque estamos esperando voceis quando virem aqui e o padre qui vive viajano. Ë difficio marcar batizado assim porque sempre uma das partes não está. O que mais me preocupa é o minino. Ontem de tarde é qui aconteceu o mais isquisito. Eu tava na cosinha fazendo um bolo quando escutei umas conversa baixinho no terreiro. Como só o minino é que tava lá brincando com as galinhas eu achei muito isquisito e fui lá bem devagarinho. Tinha um moço muito bunito todo de branco e roupa cumprida e que tava ajoelhado em frente dele e falando bem de mancinho. Fiquei escondida e depois de um tempo você num vai vem acreditá mais o moço saiu vuano. Eu fiquei muito afrita e corri pro minino e trouxe ele pra dentro. Rezei uma oração e voltei pra cosinha. De repente olhei pela janela e vi o minino voano por cima das paineiras e intão eu corri pra fora e chorei muito e gritei e ele deceu bem de leve nos meu braço e ficou me olhando e rindo. Num contei pra ninguém purque achei que podiam achar pirigoso essa coisa tão diferente. Oje eu fiquei muito atenta nele e ele estava olhano uma rosêra que tava sêca, no fundo da orta e de repente ela começou a florir muito e um cheiro de muita rosa cobriu a casa e os em volta e eu tive muito medo. E desse jeito foi que na parte da manhã ele fez renacê tudo que tava morto na casa e eu fiquei muito chorosa num sei se de alegria, de medo ou de tristeza. Ele não chora, não dá trabalho e só ri e faz tudo ficar bunito. Eu sei que ele é bom pra nós mas pode não ser bom pra muita gente. Tenho medo que ele quera resolver coisas mais difficio quando ficar maiorsinho. Tenho muito medo que o fim pode ser triste. O Zé ainda num reparou nas mudança que ele custa a inchergar essas coisas. Eu num sei como vou falar com ele. Me aconselhe, me ajude, reze por nós. Da sua sempre amiga,

Maria.

# LAS CIEN PERLAS

**Gabriela Arciniegas**

Y el camino azul se deslizaba, pálido, bajo la luna. Y por este camino caminaba el Silencio tocando su harpa de oro con acordes tan infaliblemente puros que ningún oído los percibía. La princesa, su amada bailaba. Era tan agil que sus movimientos se confundían al pasar de uno a otro, y entonces parecía inmobil como la distancia. Pero más que todo se movía con un ritmo demasiado perfecto para despertar los sentidos que muy pronto dejaban de percibirla. Y entonces había quienes la recordaban y se assombraban preguntándose por qué una gran dama como ella no estaba cubierta de joyas.

El y ella viajaban velozmente. Y así pasaron la barrera del tiempo. Las distancias que ganaban ya no se medían en leguas ni en kilómetros. Y al llegar a un país lo llamaban Presente.

Llegaron un día a un Presente salvaje parecido a la tierra que tú conociste, a la que yo también conocí, a la que nunca más veremos. Sus bosques, selvas, ríos y caminos eran de muchos colores y de mil voces distintas. Pasaron por callecitas cursis, ahuecadas para dejar rodar el sol entre hileras de casas que recordaban a otros Presentes que ya no existían. Hasta que llegaron al palacio del rey.

Este también era transplantado de otra edad, una menos alegre. Al pasar el portal sombrío, también sus rostros se llenaran de sombras y se endurecieron. Eran tan desoladas

las enormes galerías, a pesar de sus mil adornos, estatuas, armaduras, y espejos, que el ruido de sus pasos iba creciendo, así llegaron a la sala del trono, llena de resplandores desespe-  
rados, y sentado en su trono estaba el rey.

Apenas lo vió, el Silencio dijo, "Su Majestad se ve muy angustiada. Yo le ayudaré, y haremos lo que mejor le convenga al Presente."

Porque se veía más que angustiado, y más que otra cosa parecía un trozo de mantequilla en un día caluroso y además temblada y se enflaquecía por instantes.

"Mi reino se me desliza de entre las manos", las dijo. "Mi poder ya ni existe. No me queda más que este miedo que quema como el fuego. No quiero sino la paz."

La novia del Silencio le dijo que le ayudarían y le preguntó qué les daría en cambio.

"Lo que sea. Lo que Uds. quieran. Dinero, piedras preciosas... Tengo todo menos lo que Uds. me han prometido."

Ella miró timidamente al Silencio que dijo, "Mi dulce princesa adora las perlas. Y es que una vez tuvo un collar. Era un collar con cien perlas."

"Lo volverá a tener con mil veces cien, aquí y ahora mismo."

"Las quiero solo una vez," dijo ella, "si las puede ir escogiendo..."

"Como quieras, aunque tu preferida sea del tamaño de mi ciudad y mi reino."

Y con esta promesa se despidieron.

Y el Silencio acarició su harpa dorada y entró la paz. Una quietud maravillosa reinaba en cada casa como la que reina en las casitas blancas de los muertos. Pero mientras tanto la novia del Silencio tomó su propio camino y recogió sus perlas. Aunque las perlas tenían muchos dueños, cada

uno de ellos era como un niño. Recostaban sus mejillas en sus manos suaves y le daban las perlas de todos sus sueños. Cosas del Presente: No había dos parecidas. Pero al enhebrarlas las fué igualando a punta de caricias, y con una de luz completó las noventa y nueve. Y a su alrededor todo menos ella quedó descolorido. Entonces volvieron al palacio del rey. No había cambiado, solo que ahora estaba en tinieblas.

"Venimos por la centésima perla," le dijeron.

"Ya me robaron todo."

Ellos no respondieron.

"Que me parta un rayo si me queda algo."

El eco de las cuatro paredes respondió "Algo", pero los dos comerciantes no contestaron.

"Asesinos!" gritó el rey, abalanzándose sobre la sombra más cercana. Quiso matar al Silencio pero fué el harpa la que cayó al suelo, de marmol con un estruendo que nadie desde el comienzo de los siglos, las noches, los días o las horas había oído. Porque nadie en ningún Presente desde el comienzo de los días y las noches había escuchado el Silencio.

Fué una disonancia que al extenderse se tiñó de blanco, fué horadando las paredes con dienteillos de encaje, trepando uno sobre otro sus ármónicos agrios hasta ser torre, hasta descolgarse como una grande y silenciosa nevada de papel el techo, y las vigas como una nieve sucia, hasta que se vió el cielo. Solo se oía el eco de la disonancia, y bajo el eco se desplomó la ciudad y todas las ciudades cayeron, uniéndose a la tierra oscura de donde nunca más se levantaron.

Entonces los viajeros abandonaron este Presente como los habían abandonado a todos, y el camino azul se deslizaba, palido, bajo la luna. Y por éste camino caminaba el Silencio tocando su harpa maravillosa, las notas armonizando con tal pureza que no se oía ni un susurro. Y la princesa, su amada, bailaba. Juntos viajaron velozmente, más que el mensaje de luz de las estrellas, las que aún con sus deslumbrantes aureolas de niebla, aún sumados todos sus destellos, hubieran sido oscuras comparadas con las cien perlas del collar de la princesa.

## O SEMEADOR

Ana Maria de Almeida

... para que, olhando, vejam e não reparem, e, ouvindo, ouçam e não entendam...

No princípio era apenas ele e a mensagem do louco. O velho e a criança estavam ainda no propósito do vento, assim como as levas alucinadas de uma aurora negra.

E agora ele iria ficar de novo só, em atalaia e desamparo. A criança tinha partido um pouco antes — e — mais um pouco ainda — o velho se iria embora de todos os caminhos, na sua remigração. Todas aquelas desgraças e mais as outras possíveis ficariam apenas acontecendo e acontecidas. Havia quem medisse? Coisas difíceis de se ter em conta e aviso...

Do marco da porta, ele vigia a bruma, as encostas imersas em sombra, por onde a criança passou, coração à espreita, os certos passos tateantes.

Fosse talvez aquele, entre tantos, o caminho do louco e seu desígnio de areia e sal — e ele mais uma vez o seguisse, resignando-se; não como no princípio, quando havia apenas a mensagem e uma tormenta de figueiras ressequidas, danando-lhe o peito. Um tempo de foices sem ceifa, sem ele saber como, as espigas se fizeram ervas, e as aves do céu cobriram de penas os espinhos dos desertos.

Mês após mês tinha amaldiçoado a partida estranha, as estranhas palavras — aparentemente tão rasos, nas suas horas de desânimo, e tão contundentes, quando a noite, reduzida ao silêncio, ameaçava submergi-lo no seu bojo.



— “Está sempre às tuas costas...”

Quase riu, lendo-as na confusa vez e visão: um modo fácil de pegar os fragmentos do dia e reordená-los no mosaico de suas horas. Ele, o irmão, tivera mais uma de suas crises, atrapalhado da idéia, enevoado assim num repente — quis acreditar, explicando a quem perguntava pelo irmão e seu destino. — “Um tresvario sem monta: um dia volta e será como antes”. Mas nada foi como antes, nem ele mesmo, desviado em despropositado rumo. A mensagem fizera-se desafio e apelo, indefinível. — “Afinal é meu único irmão”, justificou-se, partindo ele também, no encaicho de apenas vestígios e sombras profusas.

Largou-se no mundo, perdido de fins e limites, por onde a mensagem era palavra de escândalo ou senha de remissão. Acostumou-se a roteiros fortuitos sob o impulso suave do vento e a repulsão das ventanias, aqui no ofuscamento do sol, ali entre as trevas de planícies fantásticas, mais ali e ali, nos ondes tão longe de uma desesperada geografia. Qualquer cidade, qualquer pouso, e sempre a mesma demora... De vez em quando topava com um provável sinal da passagem do irmão: um mendigo que pedira água e roubara pão, um bêbado violento em noite de sábado, um estranho que quase matara uma prostituta miserável. — “Não se pode mais confiar em ninguém, pessoa alguma” — queixavam-se, dando-lhe a descrição do viajante esmolambado, de face turbada, em cuja tristeza e cólera magnânima ele via a desfigura, tão assim retrato e ausência, do irmão perdido.

Numa grande cidade, conseguiu informações mais precisas. Quem mais, senão ele, o irmão, podia ter emperrado os mecanismos de todos os relógios? Mesmo que não falassem nada, soube: um sufocamento de sangue prestes a explodir em desgraça e desolação. Ao amanhecer, mal entrando na cidade, pôde recolher os tantos sinais: barricadas e trincheiras, vultos armados às portas das fábricas fechadas, gritos abafados de crianças impedidas de ir à escola, as rezas das mulheres vestidas de luto. Seu coração confrangeu-se de certeza e dor. De grupo em grupo, nas esquinas temerosas, foi

recolhendo as notícias, os boatos inquietantes, a trama da temeridade: na boca do viajante tinha chegado a ordenação. O que o mensageiro dissera: as máquinas deveriam parar seus músculos e seu suor, cada homem recolher-se a seu espanto, até que soasse a hora final. Encolhidos, os homens hesitavam entre o medo e o alvoroço de mal esperada esperança — de algo assim impalpável como a sensação de ombros livres ante fardos e arreios repousados no chão. E o mensageiro tinha desaparecido com a chegada das tropas: — “magro, uma cicatriz na face esquerda, em forma de cruz, cabelos crescidos, a negra barba...”

Era inútil esperar pelo que ia acontecer, inevitável. Cauteloso, para que não descobrissem nele alguma semelhança, mais uma vez se pusera a caminho, no rumo do horizonte e das indicações.

— “... às tuas costas a possibilidade de um segredo...”

O irmão deixava pistas desnorteantes: pedras em forma de sóis alucinados, impedindo as estradas; galhos quebrados em fúria; cabanas incendiadas num ímpeto assassino; crateras e corpos esmagados. Vozes lamentosas se elevavam em vão; punhos contraídos erguiam-se, impotentes, para o céu mudo. Por toda a parte, a aflição regia as gentes com suas varas de ferro.

Às imprevistas vezes, entretanto, jardins floresciam entre rochas e abrolhos, como oásias inúteis; crianças acenavam com insólitas pandorgas amarelas, que o louco lhes ofertara; maltrapilhos acariciavam um pedaço de trapo que a mão, subitamente humana, do louco lhes pusera sobre os membros friorentos. E romarias exaltadas se estendiam pelas estradas...

Dias houve em que, na modorra de uma pausa, sentiu, num relance de uma lança, que teria sido fácil e fútil demais encontrar o irmão numa esquina, sob a luz de um poste. E era como se ficasse temendo o encontro e o seu preço: a perda de uma busca sem sentido. Quem sabe, pensava, era melhor desistir, deixar o irmão entregue ao vento e sua obstinação.

Mas, como um clamor, as palavras da mensagem o despertavam de seu acômodo, fazendo recuar para bem longe o propósito de voltar e esquecer que, algum dia, num instante de alumbramento, partira decidido a encontrá-lo. Não as entendia, aquelas palavras; não percebia seu secreto enleio, mas era preciso seguir, seguir, mesmo que fosse as marcas dos rebanhos nômades. O que fosse, seria: alguma coisa, algum sinal, predispostos na água salobra ou na areia amarga dos desertos.

— "... de um segredo, o macio emplume de uma ave..."

Tudo ficou mais difícil quando encontrou o velho e a criança. Que mão poria termo àquele ímpeto absurdo? Louco de ódio, pensou que talvez devesse ter entregado às milícias das estradas o retrato do irmão, deixando que o desvendassem entre as ondas de retirantes, romeiros e sublevados, e que o matassem como a fera perigosa, cobrindo-lhe o corpo com suas couraças de jacintos e enxofre. O velho e a criança... "A nós ele revelou que nossos campos, lá, nunca serão férteis", falou o velho com a mesma resignação com que amanhara urzes e espinhos, a vida toda. Nos olhos da criança, porém, brilhava a certeza que o louco lhe dera de um mar azul de aquarela no espaço mudo e desconhecido. Aquela alegria desenganada — aceitou mais de uma vez que assim fosse: não lhes soube falar da escuridão, dos tropeços, dos abismos, dos passos que mal podiam encontrar o apoio dos pés nas veredas escondidas. Nem das lágrimas secadas à força de sol e espadas, das feridas curadas a fogo e pólvora. A risada da criança atraía as aves, folhas renascidas tremiam sob o frio vento das campinas tão amplas... Como?! Não soube... — "As belas coisas que ele esconde no peito... ah, sabia o que soubera", o velho incompletou...

Por causa do mensageiro, de manhã, ao bem cedinho, o velho e a criança tinham-se perdido para nunca jamais, nas linhas do horizonte. Sempre em frente. — "As belas coisas e sua face amarga" ele pensou, e, como num raio e riso, a mensagem pontuou a sua estupefação.

— "... uma ave, se olhas, um esvoaçar cinzento de penas céleres..."

Pois então?... E os três continuaram a confusa rota dos peregrinos: caminhos, cidades, montes, vilas, planícies, céu e chão — tudo assinalado pela presença do louco, ora tímido e místico, seguido de multidões fanáticas; ora sanguinário e atrevido, perseguido por bandos cheios de ódio e revolta. Continuaram. Com pequenas paradas, aqui ou ali, em que ele e o velho se empreitavam de pedreiros, levantando paredes e desdobrando muros ou se desdobrando nos roçados de trigo e joio, enquanto a criança esmolava pelas feiras e praças. Ninguém melhor do que ela sabia extrair melodias de uma flauta — imateriais, soluções leves e gotas saltitantes, que as pessoas, paradas, ouviam emudecidas, apenas recordando...

Certa noite, o coração do velho começou a vacilar, contando lento seus minutos. Caminhavam havia muito, sob o vento e uma chuva miúda, que escorria pelo rosto enrugado, como lágrimas emprestadas. A flauta cessou sua magia, e nos olhos da criança se leu a mágoa de ter de parar, ali no escuro, tão certa estava da chegada e das luzes da cidade de vidro, prometida atrás dos montes, nas profecias do louco. "Ali", sussurrou o velho, apontando um paiol abandonado. "Ali poderei descansar os ossos, dormir..." De barro eram as paredes, de madeira podre a porta inútil, que o vento fazia oscilar. — "E você vai", disse o velho à criança, meio pedindo, meio mandando. — "E você também", ordenou à sua sombra de homem sem irmão, encolhida contra a parede. — "Para os dois todo o caminho há de haver, parecido ou parecendo..."

Não madrugara ainda, quando a criança partiu, prometendo voltar com arrimo e alimento. Contra a parede de barro, quase confundindo-se com ela, o rosto do velho rebrilhou de riso e dúvida suave. Instou apenas que ele se fosse também, lembrado de seu propósito. Acenou que não: o irmão e perdoasse... Depois, talvez... Tinha fome de um longo sono. Depois, quem sabe... Não agora na lucidez da face neutra da morte e seu aviso.

Do marco da porta contempla a encosta, escuta o arquejar do velho. Por que, então? — quer perguntar e receia pensar nisso, repensar as palavras do irmão.

— "... um esvoaçar cinzento de penas céleres. Se te quedas, cego, um tremular de vida persistente".

Uma luz fraca tenta romper a neblina e o frio dos montes. A criança desfeita em suas brumas, o velho remigrando-se ao seu barro. "Tu, irmão, apenas me devolves a certeza do medo", pensa, estremeçando.

Mais um pouco e será dia, outro e mais outro. E com ele, o recuo ou o primeiro passo para o horizonte.

18-03-1976.

# UMA LOURA GOSTOSA

Sérgio Bittencourt Almeida

## O despertador.

Que saco este barulho. É, vamos lá. Parece que acabei de deitar. Quanto sono. Tenho que me apressar. Pôxa, eu sabia que tinha que acordar cedo, ninguém me mandou bebericar e muito menos fazer programas dia de semana. Maldita ressaca. Não, hoje não vou trabalhar. Vou telefonar e dizer que estou passando mal, atestado médico é fácil. Vou tirar a forra, hoje durmo até às onze. Vou variar de gravata. Já são quase oito, tenho ainda que pegar o ônibus. Logo hoje o carro está na oficina. Alô, aqui é o Eleotério, do Serviço de Pessoal, me faz um favor? diz pro chefe que eu não estou em condições de ir trabalhar. Estou com uma diarréia muito forte. Vou ter que ir sem café. Também não estou em condições de trabalhar. Agüentaria no máximo ficar sentado se não tivesse de mover um só músculo. Só que meu serviço ficaria atrasado e seria aquela esculhambação do chefe. Bem, deixa pra lá. Um copo d'água e caio de novo na cama. Tenho de andar rápido. Onde deixei minha carteira e óculos? Esta cama está sensacional. Já faz tempo que não falho, acho que o pessoal não terá problemas. Puxa, como demora este ônibus. Será que o Mário dará conta do serviço? Ele é bom, mas sozinho acho difícil. Até que enfim o ônibus, droga e está lotado. Vou tomar um anti-ácido na cidade. De certa forma não é muito honesto eu não ir trabalhar. Mas ninguém vai tomar

conhecimento e afinal estou com essa horrível dor de cabeça. Mal humorado. Também doença não é só aquela que vem escrita no caderninho do médico. Oito e vinte, já! Preciso comprar cigarros, na hora das aporrinhações um cigarrinho vai bem. Ei, me dá um Minister. O senhor tem aí um anti-ácido? Qualquer um. Estou numa ressaca daquelas (com um sorrizinho cúmplice). Mas que noite maravilhosa. Também o dinheiro que gastei! Mas valeu, só de pensar compensa. Uma noite de artista. Se o pessoal soubesse que o papai aqui faturou a menina. É, e fui faturado. Vou lhe telefonar na hora do almoço. Tomo um bom banho e a chamo para um passeio pela lagoa. Enquanto isso, o pessoal tá dando duro por minha causa. Deveria ter ido trabalhar. Mas como um dia de descanso faz bem aos ossos. Merda, como demora este elevador. Preciso aproveitar mais meu tempo; só trabalho, trabalho... E ninguém reconhece. Décimo. Vida de ascensorista não é fácil. Todo o tempo enjaulado num sobe e desce que não depende da sua vontade. Tem que ter alguém para isso senão como é que eu iria ao décimo. Bom dia. Olá, como vai? Sim, estou um pouco atrasado. O trânsito. Vai dar uma confusão no escritório, os papéis vão se acumular na minha mesa até não sei onde. É bom, eles vão notar o quanto é pesado o meu serviço. Quem sabe até ganho um aumento. Bolas, eu matando serviço e pensando em aumento. A fila já está grande e minha mesa cheia. Pois não, o que o senhor deseja? Vou ver o que posso fazer. Magnífica é a palavra. Lenira é magnífica...

Mário, vamos almoçar. Estou num prego só. Havia tanta gente hoje que nem vi o tempo passar. Estou meio anestesiado ainda. Um sono bem dormido é melhor que qualquer remédio. Um bom banho. Vou telefonar pra Lenira e chamá-la para almoçar. Concordo com você, a firma precisa melhorar o restaurante. O arroz é sempre duro ou aquele grude. E o tempo para o almoço é exíguo. Bonita esta, hein? Oi, você está também acordando agora. Não fui trabalhar. Não, não tem o menor problema, só um telefonema e resolvi tudo lá na firma. Sua mãe deu bronca. Que chato? Ah! você disse que estava

na casa de uma amiga. Foi melhor assim. O que que você acha de almoçarmos juntos. Mário, ontem tive uma noite de rei. Lembra aquela loira que te falei? Aquela pô, que parece com a vera fischer. Tem razão, não é tanto assim. Pois é! Então eu passo aí daqui a uma hora. Vou comprar cigarros. Nem bem engoli a comida e já agüento esta fila! A mãe de Lenira é um saco. E se o chefe telefonar para confirmar se estou mesmo doente. Vou deixar o fone fora do gancho. Mas ele não iria desconfiar. Nunca faltei sem motivo sério. Antes prevenir do que remediar. Mário, a cópia da duplicata... Oi, meu bem, tudo bom? Também acabei de chegar. O carro ficou pronto. Vamos.

Eu quase mandei tudo às favas quando o chefe me deu aquela indireta. Foi um dia dos piores e eu me sentindo mal o tempo todo. Ainda bem que me controlei. Olha, você passa em casa e diz para a sua mãe que tem prova na faculdade e vai dormir em casa de uma colega. Eu entendo a doença de sua mãe, mas Lenira você também tem que viver. Bem, agora um banho. Taxi. Vou telefonar para Lenira agora. Não, lá de casa é melhor. Então combinado, você me liga lá pelas nove horas. Mas dá um jeitinho. O almoço estava uma delícia e ela é tão suave. Em outras condições eu poderia casar com ela. Não posso passar perto da firma. Tchau, a noite a gente se vê. Mário é um amigo legal.

Vou ter que dar uma arrumada no apartamento. Está uma bagunça isto aqui. Talvez Lenira não se incomode de virmos para cá. Como? O telefone está fora do gancho? Será que entrou gente aqui? A empregada só vem amanhã. Devo ter esbarrado, ontem, quando cheguei! Vou telefonar para Lenira e chamá-la para um chope. Bem, agora é só esperar o telefonema de Lenira. Alô, oi meu anjo. Como estraguei tudo. Tínhamos combinado que você me telefonaria? Lenira deixe de brincadeiras, trabalhei o dia inteiro e gostaria de bater um papo com você. Pampulha, almoçar.? Não entendo esta maluca, diz um punhado de loucuras e me mete o telefone na cara. Deve estar meio chateada e resolveu me por confuso.



Estas mulheres são todas iguais. O jeito é pegar um cinema. Mário, vamos ver um filme? Eu maluco? Aniversário de sua noiva e eu fiquei de ir com Lenira. Mário, vamos com calma. Me explique esta confusão. Olha aqui, hoje eu passei a tarde toda com Lenira. Eu doido? Brincadeira? Curtição com a sua cara???

Mário!? Lenira!?

(“O sonhar é permitido quando lubrifica as engrenagens, quando não emperra ou lentifica a produção.” — H.T.).

# ADEUS, CORVETINHA!

Danilo Gomes

A fugacidade do tempo, corveta, que nos foi dado navegar juntos. O transitório dessa viagem em tua companhia (*sic transit...*), a luminosidade de teu convés crescendo a cada milha percorrida. O lento descobrir-te.

Breve nosso tempo de águas aqui claras, ali turvas, com seus fantásticos cavalos-marinhos (os hipocampos: para vitrais, camafeus, porcelanas); seus albatrozes de longos bicos amarelos; seus esplêndidos peixes-voadores (a maravilha propriamente dita, os peixes-*maravilhos*); seus ledos e lépidos golfinhos azulados.

Demais disso, o que vimos, entressonhando? As graciosas focas juniores; os Misteriosos Pássaros cantadores de laudes e matinas; as lontras, esses seres anfíbios que a Arca também acoutou sob seu pálio; as lucernas anunciadoras da ante-manhã e o próprio Fogo de Santelmo; e a Alfa de Perseu, estrela, nítida no horizonte — Mirtaka; e estrelas apenas imaginadas: em estado passional, vistas a olho desarmado; e, sobremaneira, mais que tudo, alcandoradas: as gaivotas, amadas, carismáticas, pulcras bailarinas, que gostávamos de ver voando e grasnando, a sotavento, pacificantes (celestinas), filhas do livre espaço, companheiras/ancilas dos pequenos querubins-mensageiros — a alada quintessência.

*Nosso mar, nossas gaivotas.*

E solfejavas antigas árias de marinheiros, e sonatinas, a dulce voz oscilando entre a alegria e a amareza, com um e outro *intermezzo* branco em que nos contemplávamos insonoros, insones, insontes e insulados: lúcidos. As tristanas Desesperanças. As vigílias do Talvez, do Quando e do Futuro incógnito. Eu, galeão, adernava. Adeusava-te.

E mais o que lembrar, por alegres: os galopins dos lagostins; os siris serelepes; os mariscos marotos; os peixes merlins medrosos; os aulidos dos gansos no equinócio; e sempre as gaivotas bailarinas, com seus ademanes. E era outubro.

O fim era como um naufrágio de que não se pudesse escapar. Por isso, eu, galeão, estava sempre me despedindo, silenciosamente, e adernava, a proa como envolvida sempre em nevoeiros, buscando os ancoradouros do tempo.

E mais o que hoje lembrar, corvetinha: os áulicos falcões, heráldicos, paladinos, os senhores feudais do espaço, os estatuescos, os régios, os principescos, os intimoratos: falcão, o gavião, o gostosão, o não-se-abaixa, o *bon vivant*, o elegante *Falco peregrinus*, voando, espiralando-se, peito em riste, olhos telescópicos, suserano, acima das meras gaivotas. (Mas só as gaivotas, que amávamos contemplar nos fins de tarde, se aninhavam no nosso coração sensível, como derradeiras alegrias do mundo rudo-fero).

E ainda, encantatórias, móveis, o seu tanto soturnas: as falenas, noturnas borboletas que pousavam em nossas velas, silenciosas como as Desesperanças que se exaurem no seu próprio lamentar-se sem nenhum som: as falenas, as borboletas da noite, áugures do que nos será dado viver: silenciosas noturnidades, ventos frios, tempestades, brumas escondendo litorais, lembranças e lembranças.

(E se não me tiveres amado?)

Mas agora, Flor-de-Lis, é o bifurcar dos caminhos, cada um de nós com seu sextante, astrolábio, régua de Gunter, quadrante, bússola, carta de marear, compasso de azimute (são sempre perigosas e surpreendentes as veredas de terra-mar-e-

ar!) e esses cismares marinhos, de perder a conta dos dias, de fingir esquecimento: cortantes silêncios como tempestades de saraiva, e os olhos parados numa árvores, numa esquina, numa linha de horizonte, transidos de passado, impregnados de nostalgia até à íris. Falo por mim, Galeão Cinzento Chuvoso. Nem sei se me amaste, se de mim fizeste a provisão de lembranças que fiz de ti, Corvetinha Flor-de-Lis, pássara de cabeleira dourada de cometa e riso cantante como música.

Foi um nunca chegar a Porto Bello, mas o chegar a qualquer hora a Port Desire: um piscar de olhos e, num átimo, ei-lo: ao alcance da mão sem que a mão o tocasse.

Nos encontramos no mar alto, numa noite de agosto ou setembro ou numa noite de junho ou julho, quando menos esperávamos, quando os peixes-espadas simplesmente se entremostravam e simplesmente mantinha seu curso a estrelamestra que guia os navegantes. Certo te lembrás: serenidade de vazante, baixamar para calmos batéis, unvida de calmaria a superfície das águas, suspeita nenhuma de rotas cruzadas, correntes prestes a se penetrarem. Lentamente, como as conchas se formam, nos descobrimos cada vez mais próximos, afinados num mesmo fluxo, como destinados a uma mesma praia, como se um único leme nos bastasse.

E avultavam as águas: a preamar. O dito e o não-dito. As densas noites. E, em derredor, Port Desire, nítido, tangível, ao alcance da mão sem que a mão o tocasse.

“Um sol de Austerlitz”, dizias. Eu me perdia no teu riso de címbalos e completava, feliz: “Num céu de Brigadeiro”. E os peixes-voadores traçavam elipses e acenavam pacíficas baías convidativas. Calmas chalupas pranchavam. (E éramos como um homem e uma mulher com seus livros, cigarros, hai-kais, caminhadas.)

A estibordo, passava um navio chamado “Duque da Alta Lorena” ou “Aldebarã” ou “Sergipe”. E o transatlântico “Enrico C”, com sua silhueta aristocrática e salões iluminados a velas amarelas com música de Vivaldi. E as escunas gêmeas, namoradas. Imóvel, intemporal, o Cabo Blanco, na tarde afável. A distância de um tiro de mosquete, a Nau Catarineta:

vagasse, lendária, tão ibérica. E sereias solidárias, posto inúteis. Os alcíones: enlindassem os céus, mitológicos. E a Moura-Encantada, a benfazeja, sobre as ondas, sorria, acesa. Navegar, às vezes, era doce.

Depois surgiam fortes tempestades e passavam ruidosos cardumes misteriosos, hostis. As amargas oceanidades. Chuva e silêncio e distância. O sentimento da transitória travessia: agudo e inevitável. A areia na ampulheta: lentamente se escoava. "O tempo foge", rouquejava, de seu castelo de proa, o falecido Sir James Narborough, com seu cachimbo de cerejeira, quando altas madrugadas, e desaparecia nas brumas, ganindo pragas. Algas verdes, malélicas, subreptícias, intentavam destroçar-nos.

\* \* \*

E navegávamos. A agridoce viagem, o limitado *mare nostrum*. De tangível, só Port Desire, miragem: bastasse-nos. (No futuro, talvez, o Porto da Misericórdia de Deus, onde os naufragos se encontram.)

(Um dia, na Ilha de Juan Fernandez, um vento nordeste secará meus olhos e trará, para distrair-me da minha solidão, um par de flamingos de um branco nunca suspeitado, serenos como aquários, como desejos satisfeitos).

Evitamos maremotos e outros abalos de navegação. Nos equilibramos sobre nossos próprios destinos, a despeito do sal e da maresia. Remando a barlavento, a custo costeamos e contornamos promontórios, arrecifes, o áspero Rochedo de Dundee (cemitério de desatinados). Fugimos às duras tempestades de saraiva. Exorcizamos medusas que traziam na cabeça o projeto do pânico, a minuta das loucas linhas cartográficas. No leme rebelde, o punho de ferro, retesado.

Depois voltavam dias melhores. E divisávamos: incríveis taquarrilhas-do-mar; o marinheiro que procurava a Rosa Azul, a alquímica cercúlea (como se pudesse encontrá-la sem ter amado nunca): amasse!, lhe segredamos.

Uma tarde as Musas vieram visitar-nos. Declinaram-se, donairosas: Clio, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore,

Érato, Urânia, e, por fim, Calíope, a “voz bela”, a mais sapiente, Réis das águas, as flutuantes vestes, olímpicas, translúcidas, áticas. Riram e choraram e prometeram voltar sazonalmente: aprofundaram em nós as farpelas da Gaia Ciência. E vieram as ninfas do mar — as oceânicas —, os cabelos soltos, coroados de flores, rescendendo a nardo. E as sempre gárrulas nereidas, nas cabeleiras as pérolas, montadas no dorso de velozes delfins, aos redemoinhos. E Tétis passeava sobre as águas, no seu carro de marfim — em volta, uma coorte de peixes exultantes. E era novembro, com seus sinos nos campanários da costa, seus céus plúmbeos. Assim, vinham novamente os dias do calendário sombrio. Ali, os abissos, as depressões submarinas sem luz, habitadas pelos seres da fealdade espantosa: o *Gigantactis macronema*, o *Limophryne arborifer*, o *Chiasmodium niger*. E a Fossa das Aleutas, a Fossa de Karmadec, todas as outras, labirínticas: a contrapartida das horas idílicas. Chovia nesse Mar das Tormentas. Além dos arquipélagos intransponíveis, Porto Bello quimérico. De tangível, tão-só Port Desire, ali mesmo, à flor das vagas, a um clic de dedos, a um palpebrar apenas, ao alcance das mãos sem que nossas mãos o tocassem. E era já dezembro, com seus adeuses.

\* \* \*

(Mas teus olhos são moscatéis, Flor-de-Lis: devem sempre sorrir, são olhos de plenilúnios, de contemplar marinhas, amor, de Pancetti; te fiquem da viagem somente sortilégios e alegres oceanidades, amáveis lembranças sem dor como brincadeiras num bosque da infância.)

Eis-me: um galeão carregado de canastras de outros portos, o convés pesado e gasto. Eis-me mais: o Cinzento Chuvoso, o Taciturno Noturno, o Passional-Solitário-Que-Não-se-Emenda, o Tolo-Coração-Vulnerável.

Eis-te: uma livre, bela, alígera corveta azul e branca, envolta em brisas, sussuros, búzios, árias oceânicas, luz de sol, pérolas das ilhas. Eis-te, mais: a doce companhia, a alva Flor-de-Lis, sempiternamente.

Não te quero pensar algures açoitada, nem corbata latina, nem *bâtiment de guerre ancien, intermédiaire entre la frégate et le brick*, como te chamavam em Deauville, a rainha das praias normandas — serás sempre a doce nave, estrela dos portulanos, irmã dos peixes-borboletas e dos golfinhos.

Cada momento colhido como uma dávida: falo por mim. Ah, que tempos: as leves garças traçavam no ar as suas parábolas, entre restos de núvens; os peixes reverberavam na luz suas escamas de prata, rubi e ametista; amamos as mesmas gaivotas, as mesmas árias de marinheiros; o mesmo sal nos amargou. Sim, densas noites de mistérios latejantes, em que nos amamos como um homem e uma mulher numa viagem pelo oceano.

\* \* \*

Mas agora, corveta, é o fim da navegação: desígnios. Aqui se bipartem: nosso escasso caminho, nosso tempo fugaz. E neste golfo silencioso nos diremos adeus. Romperás as brumas, corvetinha, e te espera um verdadeiro sol de Austerlitz num verdadeiro céu de Brigadeiro (os nossos foram miragens, esses sonhos das areias, oásis da minha febre serôdia).

Parte, Flor-de-Lis. Sou apenas um soturno galeão que encontrei numa noite de junho ou setembro, um pesado galeão cheio de fuligem, carcomido pela maresia, com suas canastras de outros portos, antigo como uma litogravura do porto de Amsterdam.

E agora começa a velejar. Te auguro noite de lua cheia, a brisa mais afagante, o vento mais favorável, o mais seguro porto e a âncora mais firme, resistente como as velhas espadas de Damasco. Além das brumas uma sólida fragata te espera — com ela partilharás o mar, e ouvirás, então, as sereias com seus plenos amavios. Logo esquecerás nossa viagem fugace, nossa rota cortada ao meio.

\* \* \*

Leva de lembrança este cavalo-marinho grande e airoso, este golfinho azulado, este ágil peixe-voador com escamas de

prata e ouro — e esta saudade ibérica, crepuscular, que acaba matando todos os galeões, devagar, noite sobre noite, como um lento naufrágio. E te acompanharão gaiivotas, Flor-de-Lis de maio, e ninfas do mar, estrelas cadentes, partituras de claviarpa, felizes sortilégios, cardumes mágicos, palomas encantadas, andorinhas de capela.

Te verei partindo. A provisão de tuas lembranças no sótão soturno, pois eis-me uma vez mais: galeão providente, fadado a suprir carências com ecos, sombras, filigranas do Tempo-Seria. Eis-me, derradeiramente: o Galeão Secreto, afeito às melancólicas chuvas do mar, quando crepúsculos. Prometo nunca esquecer nossa viagem, estarás gravada no meus velame como um sinete onde eu estiver: no Mar do Norte, no Oceano Índico, nas Ilhas Malvinas, na costa de Madagascar, no Canal da Mancha, no porto de Singapura, nas Molucas, no Estreito de Bósforo, nos *icebergs*, às portas de Acapulco, no possível Porto da Misericórdia de Deus.

\* \* \*

Corre, corvetinha. Te contemplarei partindo com (fingida) fortaleza, bombordo e estibordo em (difícil) equilíbrio e serenidade. Assim, sem olhar para trás, e sem tristeza alguma: teus olhos são moscatéis, devem sempre sorrir, são claros olhos monteses. Logo chegarás, ancorarás. Ainda estou aqui — cuído para que sigas em segurança: acendo sobre ti, meu amor, o farol da gávea silenciosa.

Se algum dia um pássaro do oceano ou alguma nau companheira vier me segredar que és feliz, abrigarei no coração um conforto sem preço — espécie de recompensa. E se, alhures, careceres de mão amiga, manda uma gaivota veloz, um alcíone ligeiro me chamar ou canta uma canção de antigos marinheiros com tua voz de címbalos — e logo zarparei em teu socorro.

E agora, ainda uma vez, adeus, corvetinha de agosto ou setembro, corvetinha da vida inteira, estrela dos portulanos, irmã dos peixes-borboletas e dos golfinhos, Flor-de-Lis, meu amor, sempiternamente.



# SINFONIA NÚMERO QUARENTA

Plínio Carneiro

O calor apertava a roupa de encontro à cintura; debaixo dos braços os pingos escorriam; nem os óculos escuros evitavam que a luz forte, refletida no asfalto, entrasse em seus olhos de ressaca — a cabeça pesada e inútil, presa ao pescoço suado, doía. A sombra da entrada do prédio lhe deu um alívio, os pés cansados de andar naquele meio-dia quente e barulhento. Os carros e os ônibus pareciam pedaços de fogo deslizando no asfalto que se derretia.

De um fôlego venceu os degraus que levavam à redação — o elevador fora para o quinto andar e ele estava bem atrasado. Na sala comprida, cheia de mesas, cadeiras e máquinas-de-escrever, os únicos eram a colunista feminina e o cronista social, às voltas com suas notinhas cheias de vaidade. No fundo, o chefe de reportagem falou com sua boca torta:

— Ei, Barreira, taqui seu roteiro. Vê se não deixa faltar matéria e chega cedo, que ninguém está com ânimo de esperar notícia. E veja se cumpre a pauta, prezado.

Raio, falou baixo ao ler o roteiro. Esse cara tá doido, dá um serviço lá na praça e outro no fim-do-judas, sem carro. Mas ele não podia reclamar, havia sido o último repórter a chegar na redação, agora vazia. Só o Jair, misto de menino de recados, pegador de refrigerantes e telefonista, ainda permanecia na sala, catando as teclas da máquina reservada aos estagiários de jornalismo.

Calor miserável, que não deixa a gente nem pensar. Era preciso organizar a saída, andar no chão quente, entre pessoas suadas e estabanadas. Na rua, o calor, o povo andando de ombros caídos, como se o sol fosse carga pesada neste verão que queimava. As lojas de óleo e pneus, o botequim ao lado do jornal, tudo era um só mormaço, um paradeiro que trazia os sonhos de praia, calção, picolé e *dolce-far-niente*.

---

— O que é que você estava fazendo na porta do Pandiá Calógeras, às 13 horas, sexta-feira?

A voz era do cara de costeleta, de dentes e jaleco brancos. Voz que o despertou de uma ausência que sentia desde que fora levado para o quarto, há três dias. Ele chegara no jornal ao meio-dia para apanhar o roteiro e depois não se lembrava de mais nada, só o calor que o incomodava até agora, a cabeça pesada e os braços sem função, caídos ao longo do corpo.

---

*“Et les sanglons de violons de l’automne, blessent mon coeur d’une langueur monotonne”*. Será? E as suásticas que apareceram, há alguns anos atrás, pintadas nos muros? Será que era a mesma coisa? Alguém está avisando alguém de alguma coisa, isto eu tenho certeza.

Parece até brincadeira, coincidência, mas tanto Mozart assim dá para desconfiar. É só ligar o rádio e lá vem a quadragésima. A gente vira o dial, muda de rádio, e Mozart continua presente. Liga a televisão, corre os olhos pelos jornais — olhai de novo a quadragésima. Dá ou não dá para desconfiar?

Será que o *“molto allegro”* está avisando, informando; nos meandros do *“andante”*, do *allegretto*, há alguma mensagem, destinada a uma resistência, a uma abertura? Parece até romance policial, mas não é. Se fosse música popular, de Chico, Roberto ou Bethânia, ainda passava. Mas a Sinfonia Número 40, do austríaco Wolfgang Amadeu Mozart, tocada a toda hora, virada e dissecada pelos jornais, executada pelas

sinfônicas regionais, assobiada pelos cantos da cidade, tudo isto dá para desconfiar.

E não é nem centenário do compositor, porque essa parafernália em torno da quadragésima? Vamos ligar os fatos e fazer uma investigação: em que tudo isto pode se ligar ao homenzinho de óculos redondos que parece estar me seguindo; e a magrela alta, feia e simpática? e o barbicha de terno azul-marinho? Nem sei o que fazer: cumprir o roteiro ou continuar a pensar na quadragésima?

---

Cinco dias hoje e continua escuro. A luz que a gente vê entra por um buraco que tem ao lado da janela, tapada por fora com tábuas — o escuro parece que aumenta o medo que sentimos do desconhecido.

Ontem foi domingo e as tábuas do lado de fora foram tiradas, deixando uma fresta onde a gente enxergava a parede do outro prédio e, lá na esquina, longe, um pedaço de campo de futebol, só o lado direito e metade de um gol. Foi feito um rodízio para que todos vissem um pedaço de luz, de pessoas. O goleiro que víamos não teve muito trabalho, apenas umas duas ou três bolas difíceis e o resto só bola atrasada. Teve um pênalte, que virou gol, o goleiro caindo para um lado e a bola entrando no outro. O beque veio e passou a mão na cabeça do goleiro. Isto foi no primeiro tempo, porque não houve o segundo para nós: alguém logo colocou a tábua no lugar e adeus jogo.

O escuro até que faz bem, a gente fica perguntando um ao outro como se está de saúde, dá mais assunto quando a gente não vê a cara de sofrimento do colega. Até agora todos estão bem, preparados para o que der e vier.

---

As picadas no braço já não dóem tanto, mas a cabeça pesada e o calor continuam a me incomodar. Preciso avisar minha mãe, mas avisar de quê? A consciência vem e some,

não consigo fixar os olhos na costeleta do homem de branco que vi debruçado sobre mim, hoje, ontem, ou há um ano atrás?

---

Décimo dia, segundo os riscos que comecei a dar na parede. A luz aumentou para nossos olhos, acostumados à escuridão, as mãos andando mais depressa sobre o prato de ágate.

Hoje encontramos, no corredor, com Anselmo. Ele disse que a Lúcia sofreu muito com sua mania de limpeza. Até tomar banho na água de beber ela tomou, molhando um lenço na caneca e passando debaixo do braço. O burrão continua a fazer perguntas bobas e o Joel faz dele gato-e-sapato, falando numa linguagem empolada. Para se vingar, o burrão levou nossas roupas — estamos agora de cuecas, encardidas, fedorentas.

Cheirando mal estamos todos nós. Hoje eu olhei para minha barriga e, no local onde a pele dobra estava escuro, uns pontinhos que já começam a virar caraca. O cheiro de suor é forte, são doze dias sem banho, nossa cara deve estar péssima, devo ter emagrecido um dez quilos.

O de sotaque é um anormal: cara de nortista, barba rala, um palito esgravatando os dentes, ele ri enquanto a gente geme. O pior é se meu ombro se deslocar, é uma dor tão forte que fico sem fala. Joel não conversa mais depois que voltou, chorando baixinho. Preferiu enfiar a cabeça no canto da parede, encolhido no chão. Falei com ele sobre Deus e veio o grito “que Deus, quem é Deus, como é que existe Deus e acontece isto com a gente?”. Joel falou de outras coisas, o choro saindo dos olhos fechados, a boca apertando o lenço sujo.

Estou calado há dois dias, com dor de cabeça. Eles estão mandando pouco pão, arroz sem sal — a batata desapareceu. À vezes a boca fica tão amarga que a vontade de vomitar sobe até a garganta. O silêncio de Joel não me deixa dormir.

---

Será que sonhei ou mamãe veio mesmo me ver? Estou preocupado com o roteiro que tenho que cumprir, com a investigação da quadragésima, mas ninguém aparece para levar os meus recados.

---

O calor diminuía de intensidade, o sol já não amolecia o asfalto. Ele estava parado defronte à mesa do cara de costeletas, olhando fixo para os sapatos brancos à sua frente. Queria perguntar muita coisa, mas a voz não saía. Estava com vontade de chorar, nem sabia porque.

— Não há nada, você pode ir embora. Foi só um sustinho, tá?

Ele queria perguntar, saber muitas coisas, saber uma porção de porquês.

— Esquece, falou o costeleta.

Esquecer o quê, pensava ele enquanto descia os degraus da portaria do prédio. O brilho da tarde ainda feria seus olhos, o povo passava apressado, alheio. A vida não acaba para eles, pensou. Esquecer, como? Desceu os degraus e misturou-se à multidão.

# ENSAIOS



# ALINA REYES: a traição do anagrama

— Estudo do conto “A Distante”, de Júlio Cortazar

**Cleonice Paes Barreto Mourão**

No registro do universo cortaziano, o conto “A Distante”<sup>1</sup> pode ser considerado um ponto irradiador do fantástico, na medida em que fantástico significa para o autor o esfacelamento do aristotelismo que sustentou durante séculos uma verdade que hoje, artigo de primeira ordem da sociedade burguesa, não é mais que um espectro.

Se o fantástico é o denominador comum dos contos de Cortazar, “A Distante”, cujo discurso é dos menos estranhos, apresenta-se contudo como a realização de um fantástico em segundo grau, ou seja, em maior profundidade: a personagem é aí um ser humano no que ele tem de fantasmagórico; Cortazar destrói a singularidade inviolável do indivíduo e torna-a permutável; biparte o ser humano e o faz viver não da realidade de uma essência, mas da profunda natureza lúcida da palavra.

O autor organiza o conto em duas partes: à primeira ele chama de “Diário de Alina Reyes”, e à segunda, sem título, apenas separada por um espaço no papel, ele dá o tratamento de terceira pessoa, destacando-a por isso do “diário” na primeira pessoa. Essa nítida separação sugere-nos um ponto de partida para nosso estudo.

Na primeira parte, “Diário de Alina Reyes”, estamos diante de uma narrativa onde o personagem narrador se fala.



Nesse tipo de tratamento da escritura, o discurso funciona como um jogo muito particular: a identificação do narrador com a personagem elege a fala como elemento primordial do seu narrar, e essa fala tem para o próprio narrador o papel de distanciá-lo de si mesmo num jogo em que ele é ao mesmo tempo o ludibriador e o ludibriado. É assim que na parte final do “diário”, a personagem tendo terminado o jogo de sua própria fala, decide-se a encerrá-lo: “(Escrevo-o, e chega de diário para o meu bem)”. Nesse momento termina o jogo da fala para ter início o jogo da ação. Como aí já não se trata mais do domínio lúdico de Alina (personagem narrador), como já não é mais a máscara, mas seu próprio rosto, então entra um novo narrador para contar a ação que por sua vez é também um jogo: primeiro porque esse narrador é apenas aparentemente distante de Alina, fora da personagem; segundo porque ainda na ação o jogo continua, a rainha apoiada por seu peão (Luís Maria) troca de campo sobre o tabuleiro, numa permuta que se realiza naquele limite estreito e perigoso (a ponte) onde se decide a sorte do jogador.

No “Diário de Alina Reyes”, a fala da personagem narrador assume alta funcionalidade, ou seja, é ao nível do discurso, da palavra enquanto matéria que se instalam as duas séries: a série de Alina Reyes e a série da mendiga de Budapeste. É o jogo dessas duas séries que constitui os vários lances até o encontro na ponte, jogo onde as séries prosseguem paralelamente, tocando-se, sem nunca porém chegar a uma fusão definitiva.

Verifiquemos como se instauram as duas séries.

Durante a noite, enquanto os familiares dormem, Alina “apaga as luzes e as mãos”. É a primeira distância que se instala: separada das pessoas, das coisas e dos gestos, ela se refugia nas palavras, mas não nas palavras que remetem a alguma coisa, não às palavras transparentes da comunicação, mas na palavra-coisa, matéria, objeto, peças de um quebra-cabeça. Alina entra no jogo, no brinqueado da palavra, dispondo-as como sobre um tabuleiro de xadrês e nesse jogo ela se detém no anagrama do próprio nome: “Assim passo horas:

de quatro, de três e duas, e mais tarde palíndromas. Os fáceis, pula Lênin o atlas; amigo não gema; os mais difíceis e formosos, ata-o demoníaco Caim, ou me delata; Anás usou teu auto, Susana. Ou os preciosos anagramas: Salvador Dali, Avida Dollars; Alina Reyes, é a rainha e..." Tão belo, este, porque abre caminho, porque conclui. Porque a rainha e..."

O anagrama remete a Alina Reyes na medida em que as letras de "é a rainha e..." quando deslocadas escrevem Alina Reyes; e remete a uma outra Alina enquanto a conjunção "e" seguida de reticências "abre caminho" para a configuração de um duplo. Muito próxima da relação espelhada Alina Reyes e "é a rainha e..." trazem à superfície da palavra uma dualidade que à primeira vista parece se instaurar entre a personagem e sua projeção psicológica. A diferença entre a dualidade ao nível do discurso e a dualidade psicológica está no fato de que essa última nasce de um mecanismo interno de projeção, enquanto que a dualidade presente em "A Distante" tem um outro aspecto do qual falaremos mais adiante, mas que já podemos adiantar determinando que seu ponto de partida não é um mecanismo interno, mas a pele da palavra.

O anagrama será pois a instância paradoxal, circulando de uma série a outra, sem se fixar em nenhuma delas: ele funciona como um significante em excesso e a tensão do conto se instaura justamente na procura, empreendida pela personagem, de um significado único para o significante que é seu próprio nome.

Antes de determinar os elementos de cada série, é interessante notar que nas passagens onde surgem Alina Reyes e a mendiga, nos momentos em que as séries se tocam, as proposições são ordenadas, em sua grande maioria pela conjunção "e", o que nos leva a verificar que a ligação que se estabelece não é de oposição: não há contradição entre uma série e outra, mas acréscimo, adição, o que vem confirmar o excesso do significante Alina Reyes, excesso instalado no eixo paradigmático. Há pois, nessa primeira parte do conto, um duplo aprofundamento no eixo paradigmático: primeiro porque na narrativa de primeira pessoa o narrador se projeta a si mesmo,

se reitera; segundo porque no significante dessa reiteração ele se lança numa nova projeção, a do próprio nome, sempre no sentido vertical, paradigmático. Apesar contudo da não oposição sintática entre as proposições que constituem uma e outra série, há um conflito que revela a tensão da personagem na procura de juntar as duas séries, ou seja, de eliminar o excesso do significante.

Determinemos como cada série se situa ao longo do “Diário de Alina Reyes”. Quanto ao tempo, a série Alina Reyes está cronologicamente determinada pelas datas de seu diário, pela sucessão dos acontecimentos: volta da festa, acompanhar Nora ao piano, ir ao concerto com a mãe, casar-se com Luís Maria. Não nos esqueçamos contudo que o nível das ações é apenas um pretexto para a fala da personagem, fala que converge obsessivamente para a série da mendiga.

Na série da mendiga de Budapeste, o tempo cronológico se elimina: “Fiquei sem-vergonha com o tempo, já não lhe tenho respeito. Lembro-me de que um dia pensei: “Lá me batem, lá a neve entra nos meus sapatos e sei disto na hora, quando está me acontecendo lá fico sabendo na mesma hora. Mas por que na mesma hora? Talvez me chegue tarde, talvez não aconteceu ainda. Talvez baterão nela daqui a catorze anos, ou já é uma cruz e um número no cemitério de Santa Úrsula”. Como a cronologia dos acontecimentos não é senão um frágil suporte de realidade, o tempo não-cronológico invade a série Alina Reyes: “E parecia-me bonito, possível, tão idiota. Porque atrás disso a mulher sempre cai no tempo igual. Se agora ela estivesse realmente entrando na ponte, sei que sentiria agora mesmo e daqui”.

Paralela ao tempo, a noção de espalo, situando Alina Reyes “aqui” e a mendiga “lá”, é também apenas aparente, porque Alina se transporta facilmente para “lá”, como a mendiga se desloca até o “aqui”.

A eliminação do tempo e do espaço corresponde à uma procura de unidade no sentido vertical porque Alina Reyes e a mendiga estão situadas, na parte do “diário”, no eixo paradigmático, eixo de substituições, de ausência.

Essas duas posições básicas de tempo e de espaço, aparentemente separadas nas séries com nitidez, mas embricando-se e confundindo-se, podem ser explicadas não só pelo eixo paradigmático onde as inversões são possíveis, mas também pelo comportamento da personagem, comportamento aliás que vai explicar todos os outros elementos da série da mendiga: as palavras da personagem têm um poder mágico, elas criam uma realidade e esse poder mágico se exerce independentemente do espaço e do tempo.

A série da mendiga surgiu da palavra Alina Reyes tomada enquanto anagrama, palavra mágica ou esotérica que “abre caminho”, que configura uma outra personagem. A partir desse lance inicial os demais elementos serão também escolhidos, serão criados pela palavra: “A mulher inventa nomes ao viajar pensando”. Primeiro, quem é a não-rainha do anagrama? “será qualquer coisa, mendiga em Budapeste, freqüentadora de prostíbulo em Jujuy ou criada em Quetzaltenango, em qualquer lugar distante e não rainha”. E ainda: “Tudo isso só por pensar que eu poderia ir agora mesmo a Budapeste, se realmente eu quisesse. Ou a Jujuy, ou a Quetzaltenango (voltei a buscar estes nomes páginas atrás.) Não valem, seria igual dizer Três Arroios, Kole, Flórida nº 400. Só resta Budapeste porque ali é o frio...”

Ê pelas palavras que Alina configura a “outra”, numa relação de criador a criatura. Alina é sempre o agente no que se refere ao delineamento da personagem da mendiga. Mas, uma vez existente, uma vez constituída, configurada, a personagem da mendiga, da criatura passa a invadir o criador, este perde o poder de controle sobre a mendiga a tal ponto que na última página de seu diário ela reconhece que as palavras já são inúteis, que é preciso terminar o diário.

Na segunda parte do conto, a mendiga, antes situada na verticalidade, no eixo paradigmático, vem à superfície, mas neste instante já Alina não escreve mais, ela vai ao encontro de sua criatura ao nível da linearidade, da superfície, do eixo sintagmático.

Como Alina configura a outra; Dentre as possibilidades apresentadas, é a mendiga de Budapeste que vai ser escolhida “porque ali é o frio, ali batem em mim e me desprezam”. Mendiga sendo o reverso da rainha, frio sendo o reverso do calor de Luís Maria e de todo o contexto familiar. Na isotopia da mendiga, o frio e o sofrimento serão elementos constantes, desenvolvendo-se em neve, sapatos furados, castigo, gelo quebrados, rio enfurecido, chicote, desabrigo, nevada violenta, etc.. Na isotopia de Alina Reyes há pulseiras, miçangas, pink champagne, música, a irmã Nora, Luís Maria, a mãe, os concertos, as festas, o contexto familiar nitidamente burguês.

A complexidade e o interesse do conto não se situam porém em cada série separadamente, mas no relacionamento que se estabelece entre Alina e a outra. “Por isso, ontem à noite, aconteceu outra vez senti-la e o ódio”; “Somente posso odiá-la muito, odiar as mãos que a jogam ao solo e também a ela, a ela ainda mais porque batem nela, porque sou eu e batem nela”. Relação pois de ódio mas que as neutraliza por outros tipos da relação: “Que sofra, que enregele, eu suporto daqui”, e “(Isto parece cada vez mais um castigo, agora só me conheço quando vou ser feliz, quando sou feliz, quando Nora canta Fauré conheço-me lá e não resta mais que o ódio)” Houve aí um deslocamento: Alina é a mendiga, a mendiga vê Alina e tem ódio. Logo, o ódio é recíproco. Ódio, mas também o seu inverso: “As vezes é ternura, uma súbita e necessária ternura para aquela que não é a rainha e anda por aí. Gostaria de mandar-lhe um telegrama, encomendas, saber que seus filhos estão bem ou que não tem filhos — porque acredito que lá não tenho filhos — e necessita conforto, compaixão, balas”. Ainda aqui a carência de comunicação com esse ser fantasma, leva a personagem a imaginar contactos: “Na noite passada adormeci urdindo telegramas, pontos de encontro”.

Todos esses tipos de relacionamento se explicam pela possibilidade infinita de inversões, possibilidade que tem sua raiz no anagrama, que por sua vez é uma instância paradoxal cumprindo a função que Deleuze explica: “A instância para-

doxal assegura a convergência das duas séries que percorre, com a condição porém, de fazê-las divergir sem cessar”.<sup>2</sup> É assim que vemos as duas séries se embricarem numa complexa identidade, ou melhor perda de identidade, a primeira pessoa *eu* deslizando facilmente para a terceira, a “outra”, ou seja, para a mendiga: “porque batem nela, porque sou eu e batem nela”; e ainda: “que é a umidade, umidade entre essa neve que não sinto, que não sinto e está entrando nos meus sapatos”; ou “saber que seus filhos estão bem ou que não tem filhos — porque lá não tenho filhos”.

Que outro sentido teria o sofrimento da mendiga senão a expressão desse dilaceramento da personagem dentro da sua possibilidade de ser ao mesmo tempo os dois lados da medalha?

Esse dilaceramento torna-se insuportável e Alina vai tentar resolvê-lo: “Ir para me buscar. Dizer a Luís Maria: casemo-nos e leve-me a Budapeste, a uma ponte onde há neve e alguém”. e “É mais fácil ir procurar essa ponte, sair à minha procura e encontrar-me”; ainda “chega de pensar, e agora ser, ser afinal e para o bem”; finalmente: “na ponte eu a encontrarei e nos olharemos”.

Para se “curar”, porque ela foi tragada pelo próprio discurso, por sua palavra criadora e mágica, Alina vai deixar o sentido vertical da reiteração de si mesma para lançar-se ao nível da linearidade, da superfície. Esse deslocamento vai se realizar através de um elemento mediador: Luís Maria, e num determinado lugar: Budapeste, no meio da ponte da praça Vladas.

Luís Maria, o “peãozinho da rainha” entra no jogo de Alina primeiro como um dentre os vários componentes de seu mundo diário (a senhora de Regules, o menino dos Rivas, Nora, a mãe), depois como o elemento que vai propiciar o lance final do jogo: “Iremos lá. Esteve tão de acordo que quase grito. Senti medo, pareceu-me que ele entra muito facilmente neste jogo. E não sabe nada, é como o peãozinho da dama que termina a partida sem saber. Peãozinho Luís Maria, ao lado de sua rainha. Da rainha e...” Trata-se pois de um jogo e o peão, se está ao lado da rainha, está também

ao lado da rainha e... , ele vai permitir o encontro das duas, vai transpor Alina do eixo paradigmático para o sintagmático.

Outro elemento polivalente que aparece ao longo do conto é a ponte. Recurso comum a Cortazar é um determinado elemento em direção ao qual convergem duas séries, elemento concreto, mas de valência muito abstrata, tais são a ponte em "A Distante", a porta em "A Porta Incomunicável", a flor amarela no conto do mesmo nome. Esses elementos constituem o ponto de apoio da inversão das séries, a pulverização de um sentido único ou do senso-comum, para abrir caminho, para possibilitar à instância paradoxal o seu itinerário circular e por isso mesmo infinito.

Em "A Distante", a ponte é justamente o lugar concreto onde essa distância deveria desaparecer. É nessa ponte que o senso comum do leitor espera ver eliminado o estado conflituoso da personagem e também o seu. Acompanhando os planos de Alina: ir até a ponte de Budapeste e encontrar-se com a mendiga, o leitor remete a este lugar e a este momento a solução do problema. Mas, a eliminação da distância entre Alina e a mendiga, sobre a ponte da praça Vladas, seria a destruição do conto e mais que isto, o empobrecimento da conceituação de Cortazar cuja obra situa-se exatamente na fronteira entre o real e o absurdo, desnordeando o senso-comum. Deslocando sempre o problema sem nunca chegar a resolvê-lo, "A Distante" é neste sentido um conto circular, como a grande maioria dos contos de Cortazar, o que nos permite verificar que o autor não pretende solucionar problemas, mas propô-los de tal forma que, embaraçado no labirinto de significados que ficam a flutuar após a leitura, o leitor não poderá esquecê-los e tentará por conta própria resolvê-los.

Antes de passar à segunda parte do conto, ao discurso em terceira pessoa, convém notar mais detalhadamente a última página do diário porque ela está intimamente ligada à posterior. Essa página constitui o último lance do jogo, quando o jogador faz um retrospecto de toda a partida, planeja a jogada e prevê as conseqüências. Como já dissemos anteriormente, Alina deixa aqui o nível da verticalidade. Ela termina

seu diário porque o discurso não solucionou seu problema fundamental: o excesso de significante que é seu próprio nome: “Se me houvesse limitado a registrar isso por gosto, por desabafo... Era pior, um desejo de conhecer e ir relendo, de encontrar chaves em cada palavra atirada ao papel depois dessas noites. Como quando pensei na praça, no rio quebrado e os ruídos e depois... Mas não o escrevo, não o escreverei jamais”. E ainda: “chega de pensar, e agora ser, ser afinal e para o bem”. Do pensar ao ser há um deslocamento que corresponde a uma vinda até a superfície daquilo que Alina Reyes criara como um possível preenchimento da casa vazia que é seu próprio nome, a sua identidade. Na perspectiva desse encontro está bem clara a necessidade de eliminar esse dilaceramento da personagem entre ela mesma e seu duplo, ou ainda, entre Alina Reyes e um possível significado único para esse nome: “E será a vitória da rainha sobre essa aderência maligna, essa usurpação indevida e surda. Dobrar-se-á, se realmente sou eu, se juntará à minha zona iluminada, mas bela e verdadeira: com só ir a seu lado e apoiar a mão no seu ombro”.

E aqui Alina Reyes cessa seu diário: a função de seu discurso está realizada, função criativa, mágica, esotérica. O jogo termina, a personagem deixa cair a máscara, e uma vez desvendado seu mistério, uma outra personagem pode continuar a narração. A mendiga gerada nas noites de insônia, nos momentos de solidão do mundo cotidiano, no frio e na neve dessa mesma solidão que açoita como “chicote”, essa mendiga tem agora existência própria, ela passa do nível do pensar ao nível do ser, ou do acontecer, do qual Deleuze afirma: “os acontecimentos, na sua diferença radical em relação às coisas, não são mais em absoluto procurados em profundidade, mas na superfície, neste tênue vapor incorporal que se desprende dos corpos, película sem volume que os envolve, espelho que os reflete, tabuleiro que os torna planos. Alice não pode mais se aprofundar, ela libera o seu duplo incorporal”.<sup>3</sup>



Também Alina Reyes libera seu duplo e nesse momento, quando o seu duplo se encontra no mesmo nível que ela, o discurso passa a ser designativo, uma terceira pessoa relata os acontecimentos, eliminando nesse relato o valores próprios da primeira pessoa.

O que interessa nessa página final é que sob o aparente desfecho de uma história, o problema continua, ou melhor, é deslocado. Verificamos que não há uma solução, um fim, mas uma troca de papéis. Houve um momento de fusão, isso é certo, mas depois desse momento a situação problemática reinicia seu curso, fecha-se o círculo que poderá então ser percorrido indefinidamente.

Observamos três grandes momentos de tensão nesse encontro entre Alina e a mendiga. O primeiro é o momento de indecisão: “e, de repente, um desejo de dar volta de voltar à cidade conhecida”. Esse momento de indecisão já estava previsto desde o início do conto quando a personagem nos revela mais de uma vez o seu “quase grito”, ou seja, o seu medo. Medo do momento em que seu duplo, ou o excesso de seu nome seria um ser tão existente quanto ela própria. O segundo momento de tensão é o encontro propriamente dito: “Sem temor, libertando-se afinal — acreditava-o com um pulo terrível o júbilo e frio — esteve junto a ela e estendeu também as mãos, negando-se a pensar, e a mulher da ponte se apertou contra seu peito e as duas se abraçaram rígidas e caladas na ponte, com o rio estilhaçado golpeando nos pilares”. Esse momento nos sugere uma falsa pista, ou seja, sugere a fusão das duas séries: “Fechou os olhos na fusão total”, ou ainda, sugere conclusão, ponto final daquele caminho que se abria no anagrama e que Alina reconhecia como se já o tivesse percorrido antecipadamente: “repentinamente tão cansada, mas certa de sua vitória por tão seu e finalmente”. Mas outro momento se segue: “Ao abrir os olhos (talvez gritava agora) viu que se haviam separado. Agora sim, gritou”. O grito após a separação, reabrindo o jogo no contínuo dilaceramento da identidade, é o grito da não-identificação, do prolongamento infinito da dualidade. Essa separação mantém a problemática,

permite a continuidade da instância paradoxal, fecha o círculo num ponto indeterminado onde tudo pode recomeçar. É a mesma abertura de "Casa Tomada", de "A Flor Amarela", de "Auto Estrada do Sul". É aí que se instaura a significação do conto, quando depois do encontro efêmero entre Alina Reyes e a mendiga há uma nova separação que remeterá as duas novas séries assim indefinidamente. O significante Alina Reyes continua sendo um significante em excesso, não houve um significado único que o preenchesse: esta "Alina Reyes lindíssima em seu vestido cinza, um pouco de cabelo solto contra o vento, sem voltar o rosto e seguindo" é um significado que será por sua vez o significante de uma outra série e o jogo recomeça, o paradoxo continua, pois que ele "tem por característica o fato de ir em dois sentidos ao mesmo tempo e tornar impossível uma identificação."<sup>4</sup>

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

- (1) CORTAZAR, Julio — "A Distante" In *Bestiário*. Rio, Expressão e Cultura, 1971.
- (2) DELEUZE, Gilles — *Lógica do Sentido*. São Paulo, Perspectiva, 1974; p.
- (3) Ob. Cit. p. 10 e 11.
- (4) Ob. Cit. p. 78.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- TODOROV, Tzvetan — *Estruturalismo e Poética*. S. Paulo, Cultrix, s/d.
- CORTAZAR, Julio — *Valise de Cronópio*. S. Paulo, Perspectiva, 1974.

# A REPRESENTAÇÃO E O RITUAL E FINAL DO JOGO, DE Julio Cortazar

Vera Lúcia Andrade

## 1. NOTA INTRODUTÓRIA

A possibilidade de leitura do texto Final do Jogo, de Julio Cortazar, a partir da idéia de REPRESENTAÇÃO, afigurou-se-nos tão logo constatamos ser a mesma o denominador comum que organiza, ao mesmo tempo que revela, o universo das personagens nesse conto.

REPRESENTAÇÃO aqui assume duplo sentido: a) aparece como “encenação”, “espetáculo”, conceitos que trazem implícita a idéia de “falsidade”; b) traduz “um modo de desnudar a realidade”, forma de revelar o seu sentido oculto. É o que tentaremos mostrar ao longo da análise, focalizando — de início, separadamente, seguindo-se um posterior confronto — a casa e a rua, locais-chave do conto, enquanto palcos da referida representação.

Devemos observar também que, ainda que abrangente, o aspecto da representação não é o único ângulo sob o qual o texto pode ser lido.

A razão da escolha dessa abordagem foi motivada, no entanto, pela predominância no texto de elementos ligados a esse tema, embora, no decorrer da análise, outros pontos irão surgir. Dentre eles, salientam-se os aspectos do jogo e do ritual, de que trataremos no final do trabalho.

## 2. A REPRESENTAÇÃO ENQUANTO “ENCENAÇÃO”, “ESPETÁCULO”

### 2.1. *Os cenários da representação*

Considerando a estruturação do conto como uma peça teatral, distinguiremos nele a existência de quatro cenários: a casa, a rua, o quarto de Leticia e o trem, que caracterizaremos a seguir.

#### 2.1.1. *A casa*

Simbolizando o mundo adulto e caracterizando-se como um “espaço fechado”, a casa aparece como uma metáfora da não-liberdade, da censura, traduzidas em expressões como: “ambiente onde o cheiro, a gordura, os miados de José e a escuridão da cozinha”.<sup>1</sup> “Se em casa ficassem sabendo, certamente que se armaria uma confusão” (F. J. p. 192); a “inevitável” confusão (F.J., p. 183), etc.:

A casa é o mundo caótico, palco das lutas domésticas, implicando o “lavar a louça”, o “enxugar os pratos”, as “discussões” que “acabavam numa violentíssima briga” (F.J., p. 183), assim também como as travessuras, tais como derramar água fervente no lombo do gato, a corrida pelo “corredor coberto, até as peças vazias do fundo” (F.J., p. 184), para fugir à mamãe que as perseguia um bom pedaço, “com a vara de castigos”. (F.J., p. 184).

A confusão do ambiente familiar é traduzida pela expressão “A verdade é que Tróia pegava fogo” (F.J., p. 184), onde a alusão à Tróia, remetendo-nos a um contexto de guerra, dá-nos a dimensão do clima reinante na casa, onde Leticia funciona como o pomo da discórdia, pela ausência de beleza (paralisia), assim como, em Tróia, Helena causa a guerra, pelo excesso de sua beleza, que a torna cobiçada por muitos pretendentes.

2.1.1. *A representação em si mesma, os atores e o motivo da representação:*

Envolvida por um clima de falsidade, cuja lei baseia-se num “como se” — todos “agem como se não soubessem que o outro sabe” (*F.J.*, p. 190) — a casa, cujo domínio pertence à mãe e tia Rute, é um verdadeiro palco de representação. A vida da casa se estrutura como uma peça teatral, mas na qual a representação pode ser dita “inconsciente”, uma vez que para tais atores a representação é vivida como realidade e não como representação: eles “vivem”, representando. O papel desempenhado pelos atores, as meninas — Letícia, Holanda e a narradora — é lhes ditado pela “mãe e tia Rute”, que funcionam como atores/diretores do espetáculo que se apresenta. Ao “si bemol e os desmaios da tia” (*F.J.*, p. 186), os “intermináveis protestos de devoção e sacrifícios muito mal recompensados” (*F.J.*, p. 186) e os “longos sermões da mãe” (*F.J.*, p. 185), Holanda e a narradora reagem, pedindo “perdão com emocionantes gestos teatrais” (*F.J.*, p. 184).

Quanto a Letícia, centro e motivo de toda a representação da casa, cabe-lhe importante papel, em cujo desempenho revela-se uma perfeita atriz. Letícia usa sua doença, fazendo o jogo que lhe convém, isto é, conforme o objetivo desejado seja a compaixão ou não. Do mesmo modo que finge que está se sentindo bem, diante da mãe e da tia, quando deseja sair para brincar, Letícia finge estar mal, para merecer privilégios em relação às outras meninas: “não tinha que enxugar os pratos nem fazer as camas, podia passar o dia lendo ou colando figurinhas e de noite deixavam-na ficar até mais tarde, se pedisse, além do quarto só para ela, a sopa de ossos e toda sorte de vantagens” (*F.J.*, p. 185) enquanto “Holanda e eu enxugávamos os pratos”. (*F.J.*, p. 183).

A representação da casa tem por objetivo ocultar a doença de Letícia, o que se evidencia através do próprio enunciado

do texto, onde se pode ler: “numa casa onde existe alguém com algum defeito físico e muito orgulho, *todos fazem por ignorá-los*, começando pela doente” (F.J., p. 190).

A paralisia de Leticia, que a converte em um menos-ser, é assim “disfarçada” pelos sentimentos de todos em relação a ela. Holanda e a narradora são como que “treinadas” a agir com Leticia, de modo a não lhe causar aborrecimentos. É o que se explicita em frases como: “É provável que os longos sermões de mamãe sobre como nos devíamos portar com Leticia tivessem dado resultado, ou simplesmente porque a queríamos muito...” (F.J., p. 185/6).

### 2.1.2. A rua

Paralelamente à casa, vemos surgir um segundo cenário no conto: a rua, que prolonga a representação existente na casa.

A representação da rua, na verdade, está na dependência do “sono da casa”. É preciso que a casa se anule, para que a representação da rua se inicie: “esperando que mamãe e tia Rute começassem sua sesta (...) íamos brincar nos trilhos do Central Argentino” (F.J., p. 183). O brinquedo assume assim o caráter de “fruto proibido” e misterioso, o que aumenta-lhe a atração.

A idéia de “sono da casa”, necessária para que a representação da rua se realize, é reforçada através da figura do gato que também dorme, enquanto as meninas brincam na rua: “quando a casa ficava em *silêncio* e víamos o gato estender-se debaixo do limoeiro, para *também*, ele, fazer sua sesta” (F.J., p. 184).

A ligação casa/gato torna-se evidente no conto não só pelo fato de o gato ser um animal doméstico, mas também pelo relacionamento de equivalência que se pode estabelecer entre o gato e Leticia, conforme pode ser visto no quadro seguinte:

o gato (José)	Letícia
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. o gato: limoeiro</li> <li>2. expressões com que os outros se referem a ele: “pobre animalzinho” (p. 184) “pobre anjo” (. 192)</li> <li>3. as meninas dão <i>banho</i> em José.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Letícia: o salgueiro</li> <li>2. expressões com que os outros se referem a ela: “pobre criatura” (p. 188), “pobre anjo” (p. 190)</li> <li>3. as meninas ajudam Letícia a se <i>vestir</i>.</li> </ol>

A situação de equivalência entre Letícia e o gato torna-se mais clara no final do conto, quando Letícia passa a ficar debaixo do limoeiro, lugar onde José costumava deitar-se para dormir e, o que é mais interessante, ficar a olhar as “vespas” do limoeiro, estas últimas também relacionadas ao sono do gato: “contamos tudo a Letícia, que nos esperava debaixo do limoeiro do pátio (...) e a deixamos olhando as vespas do limoeiro” (*F.J.*, p. 195). Os deslocamentos aí verificados, portanto, são significativos.

#### 2.1.2.1. *Características da rua*

Em uma atmosfera de “sonho”, a rua se arma como cenário da nova representação — novamente a relação “sono” da casa, levando ao “sonho da rua”.

Enquanto a casa simboliza o mundo adulto, a rua é o mundo infantil, onde a representação é “consciente”, enquanto brinquedo. As meninas brincam, valendo-se de ornamentos, criando “poses e estátuas”, e, através do brinquedo vivem a representação como representação. Em oposição ao espaço fechado da casa, a rua se constitui como um espaço aberto: “Abriamos devagar a porteira, e ao fechá-la outra vez era como um *vento*, uma *liberdade* que nos tomava pelas mãos” (*F.J.*, p. 184).

A beleza, o encanto da “outra realidade” atingida através do brinquedo transparece nas imagens criadas para traduzi-la: a rua é “a capital do reino, a cidade silvestre e a central de nosso brinquedo” (*J.F.*, p. 184). A rua é o mundo organizado: “nosso reino era assim: uma grande curva dos trilhos se desfazia justamente diante dos fundos de nossa casa. Não havia mais que o cascalho, os dormente e a via dupla” (*F.J.*, p. 184). “É o mundo mágico que contemplávamos silenciosas” (*F.J.*, p. 184), “sempre caladas, olhando o fundo dos trilhos...” (*F.J.*, p. 195).

#### 2.1.2.2. *A representação em si mesma e o motivo da representação.*

Enquanto na casa representa-se, para ocultar a doença de Letícia, que é um elemento negativo, na rua brinca-se, usando-se a doença, que se converte em elemento positivo. É a paralisia que transforma Letícia em um “mais-ser”, possibilitando-lhe destacar-se como estátua. É a paralisia, valorizada através das estátuas que faz — a “Vênus do Nilo”, a “princesa chinesa”, etc. — que permite a Letícia tornar-se a “eleita” de Ariel: “A mais linda é a mais preguiçosa” (*F.J.*, p. 189).

O motivo da representação da rua sendo o simples “brincar”, o “jogar”, isto é, o “representar pelo representar”, leva tal encenação a assumir um caráter mais requintado. Não se trata mais de uma representação nua, como na casa, mas de uma representação com fantasia: são necessários os ornamentos para compor as estátuas, bem como a “expressividade” para se formar as poses — “O brinquedo tinha duas formas: estátuas e poses. As poses não requeriam orçamentos, mas muita expressividade (*F.J.*, p. 186). Há todo um aspecto ritualístico envolvendo o brinquedo fato que exploraremos em outro item do trabalho.

O caráter de “espetáculo” é mais acentuado também na representação da rua, porque aí se tem uma platéia que, pode-se dizer, é “sentida” como platéia — “Naturalmente que



as poses e as estátuas não eram para nós mesmas, porque nos teríamos cansado logo (...) Quase não víamos quem estava nas janelinhas, mas com o tempo chegamos a ter prática e sabíamos que alguns passageiros nos esperavam ver. (F.J., p. 187/8), enquanto que em casa eles representam para eles próprios.

### 2.1.3. *A casa vs a rua*

Uma vez examinadas isoladamente a casa e a rua, no tocante à representação que nelas se processa, gostaríamos agora de salientar alguns aspectos comuns que vão estabelecer a relação entre elas. Para isso, partiremos do quadro que se tem a seguir:

casa: cozinha	rua: talude da estrada de ferro
(palco das lutas domésticas)	(palco da representação)
cozinha = depósito da alimentação	rua = depósito da representação
(o alimento como representação)	(a representação como alimento)
representação	
“interminável”	

É de se notar que, enquanto na rua o talude da estrada de ferro constitui-se como “palco” para a representação das meninas — todas as vezes em que iam armar as poses e as estátuas elas tinham que se por ao pé do talude — em casa, o palco da representação confina-se, praticamente, à cozinha. A cozinha, enquanto depósito da alimentação, vale-se do alimento como representação. Já a rua, depósito da representação, serve-se da representação como “alimento”: as crianças se “satisfazem” através do brinquedo.

A aproximação entre o código alimentar e o sexual aqui se evidencia. É significativo o fato de, tanto em casa como na rua, termos um grupo de atores composto apenas de mulheres, sendo que na rua este “mundo feminino” representa para uma platéia apenas masculina: o senhor de cabelos

brancos e óculos de tartaruga, os meninos que voltavam do colégio e, principalmente, para Ariel. O que ocorre, portanto é que, no conto, o código alimentar substitui o código sexual, na medida em que temos um mundo feminino que alimenta o mundo masculino de “fantasia”.

Há um outro elemento que nos mostra a intrínseca relação entre a casa e a rua: o fato de que em ambas a representação assume a característica de “interminável”. A frase, ligada à casa — “O almoço durou *dias* (F.J., p. 194) — faz nos lembrar de Alice, em *Alice no país das maravilhas*, e seu chá também interminável, enquanto na rua a “interminabilidade” da representação vem expressa por “O que eu estou contando começou vá se saber quando...” (F.J., p. 187).

A fusão dos dois cenários, casa e rua, no entanto, só de completa quando se tomam duas expressões do texto: a primeira delas, “rio cor de café com leite” (F.J., p. 185), imagem sutil que alude à rua e à (casa = cozinha), respectivamente, através de “rio” e de “café com leite”; a segunda, “meninas... (que) ... estudam corte e culinária” (F.J., p. 194), onde a rua é representada através da palavra “corte”, que nos remete aos “ornamentos” usados pelas meninas em seu brinquedo, e a casa aparece através de “culinária”, que se liga, obviamente, à cozinha.

#### 2.1.4. *O quarto de Leticia vs o trem*

Um terceiro cenário pode ser destacado no conto: o quarto de Leticia e o trem, que vão constituir-se como uma “representação dentro da representação” mais uma vez estabelecendo a relação casa/rua.

A aproximação desses dois locais de representação com o conseqüente estabelecimento de uma equivalência entre eles, torna-se possível graças à existência de um elemento mediador, a janela, que funciona como palco onde Leticia e Ariel atuam. Com referência à Leticia, observamos: “... e a encontrei do lado da janela, com muitas almofadas e o nono volume

de Rocambole” (*F.J.*, p. 193). Quanto a Ariel, diz-se: “Agora ele punha a cabeça e um braço pela janelinha e nos saudava rindo” (*F.J.*, p. 189).

#### 2.1.4.1. *O sentido da representação*

A representação que se processa no quarto está ligada à leitura: Letícia pedia “que a deixassem ir ler *Rocambole* no quarto” (*F.J.*, p. 193); “Letícia nos esperava lendo Ponson du Terrail, *leitura inexplicável*” (*F.J.*, p. 184).

A referência a Rocambole é fundamental para explicar a personagem Letícia. Rocambole é um protagonista de diversas novelas folhetinescas de Ponson du Terrail, cujo nome tornou-se proverbial para designar o que pretende ou crê realizar lances e aventuras inverossímeis. Suas aventuras compõem uma série de 30 volumes mais ou menos, que constituem as célebres e intermináveis *Explorações de Rocambole*.<sup>2</sup>

O fato de Letícia ler Rocambole, portanto, não é gratuito. Impossibilitada de “viver” as aventuras no real, ela as vive através da ficção. Deste modo, sentada em seu quarto, ela também viaja, vivendo as aventuras através das viagens de Rocambole. E é assim que Ariel, ator do outro palco — o trem — onde a representação liga-se à vida, vai aparecer aos olhos de Letícia identificado ao próprio Rocambole, pois, tal como esse, Ariel viaja e vive as aventuras. Ariel, como Rocambole, é para Letícia uma “personagem”.

#### 2.1.5. *A rua vs o trem*

Nesta mudança de cenários em que se processa a ação do conto, resta-nos mais um a ser considerado. A rua e o trem, já examinados separadamente, merecem agora um enfoque em conjunto, dada a característica comum que possuem: ambos são palcos e platéia “móveis”, intersubstituíveis. A rua é palco, enquanto lugar em que as meninas representam para uma platéia que as assiste do trem. Mas, considerando o fato

de que, para as meninas da rua, o trem que passa ao longe, como em uma tela de cinema, despertar-lhes também um mundo de fantasias e imaginações, esse é igualmente um palco. A consideração da rua e do trem como palco ou platéia, depende, pois, do ponto de vista enfocado, e essa mobilidade permitida expressa de modo perfeito o limite tênue entre o real e a ficção. O que é o real e o que é a ficção?

### 3. A REPRESENTAÇÃO ENQUANTO “DESNUDAMENTO DA REALIDADE”

Estudado o aspecto da representação enquanto “espetáculo” — o que caracteriza toda a ação do conto — passaremos agora a uma segunda leitura, procurando deprender o que se manifesta por trás dessa encenação. Retomaremos para isso apenas a casa e a rua, enquanto cenários maiores que englobam os demais existentes.

#### 3.1. *O sentido da representação na casa*

A peça que se encena no dia-a-dia da casa, na tentativa de ignorar a doença de Letícia, embora dirigida pelas mãos hábeis de “mamãe e tia Rute”, não resiste ao olhar de um espectador mais atento que conseguirá ler, “além” da representação, toda a gama de sentimentos recalcados que ela traduz. Obedecendo às ordens da mãe e da tia, as meninas agem cortesmente em relação à Letícia, ajudando-a a se vestir, cedendo-lhe o lugar no brinquedo, enfim, demonstrando em suas ações aquilo que elas “têm” que demonstrar e não o que realmente sentem. Investigando-se o discurso de narrador — que, no caso em questão, é uma das meninas — evidencia-se para o leitor este sentimento de recalque. É o que se percebe por exemplo, em passagens como estas:

a) “O recurso heróico, se os conselhos e as longas recordações familiares começaram a nos saturar, era derramar água fervente no lombo do gato” (*F.J.*, p. 183).

Existe aqui um deslocamento: o que elas não podem fazer com Leticia, elas fazem com o gato — lembrar a equivalência gato/Leticia, já estudada em um item anterior (item 2.1.2.).

b) “Eu lhe disse que era uma pena que não fosse aos salgueiros, mas me *parecia tão difícil* dizê-lo bem” (F.J., p. 193).

A dificuldade da narradora em “dizer bem” deriva exatamente do fato de que aquilo que ela estava dizendo não correspondia ao que sentia na realidade.

c) “... mas do mesmo modo nós duas fomos, no outro dia, aos salgueiros depois que tia Rute nos *exigiu* silêncio absoluto para não aborrecer Leticia que sentia dores e queria dormir” (F.J., p. 197).

A coerção sentida pela narradora transparece, neste exemplo, através do verbo “exigiu”. A tia não “pede”, mas “exige”.

### 3.2. *O sentido da representação na rua*

A rua, significando para as meninas o inverso do que a casa representa — o que se pode notar em passagens como esta: “O si bemol e os desmaios, os intermináveis protestos de devoção e sacrifício muito mal recompensados, o amontoado de invocações aos castigos mais célebres para rematar com o aviso sobre os nossos destinos, significando que *nós três acabariamos na rua: Isto sempre nos deixara perplexas, porque acabar na rua nos parecia bastante normal*” (F.J., p. 186) — vai permitir-lhes, por outro lado, expressar tudo o que sentem. Assim, através da representação da rua elas extravasam os sentimentos recalcados em casa.

Enquanto em casa esses sentimentos são expressos através de ações, na rua, os sentimentos extravasados expressam-se através de *alegorias*.<sup>3</sup> São de dois tipos as alegorias utilizadas pelas meninas, as poses e as estátuas.

É interessante notar que o número de “poses” supera, no texto, o número de “estátuas” e que estas últimas cabem

quase que exclusivamente à Leticia. Tentaremos mostrar a razão desta observação procurando, para isso, estudar uma por uma as várias poses e estátuas.

Quanto às poses, temos: a Inveja, a Caridade, a Vergonha e o Medo, o Rancor e o Ciúme — não atribuídas, especificamente, a nenhuma das meninas — a Maledicência, o Desengano e o Latrocínio, armadas por Holanda; o Desalento e o Horror, feitas pela narradora, e, finalmente, a Generosidade, a Piedade, o Sacrifício e a Renúncia, que couberam a Leticia.

Note-se que as primeiras poses citadas, aquelas não especificadas quanto à autoria, assim aparecem porque traduzem, de maneira generalizada, o que as meninas sentem, uma em relação às outras. Vejamos: “A Inveja, mostrar os dentes, crispas as mãos e arranjar um modo de ter um ar amarelo. (*F.J.*, p. 187). Esta pose, relativamente fácil de ser feita, devido às características que apresenta, traduz do mesmo modo o sentimento mais forte existente entre elas. Holanda e a narradora invejam Leticia pelas exceções que lhe são feitas e que, aos seus olhos de criança, surgem-lhes como “privilegios”. Leticia, além disso, vai ser a escolhida por Ariel, o que aumenta ainda mais a inveja das outras. E é a inveja o “móvel” do jogo que entre elas se realiza, colocando-as numa situação de adversárias.

Na descrição da segunda pose, “Para a Caridade, o ideal era um rosto angelical com os olhos voltados para o alto” (*F.J.*, p. 187) — ocorre um fato interessante: existe aí um deslocamento de características próprias de Leticia (o “rosto angelical”, os “olhos voltados para o alto” compõem-lhe a pessoa) para a pose, que deveria traduzir os “possíveis” sentimentos das outras meninas em relação à Leticia.

As poses seguintes — “A Vergonha e o Medo eram fáceis de interpretar; O Rancor e o Ciúme exigiam estudos mais demorados” (*F.J.*, p. 187) — permitem-nos chegar a certas conclusões: as primeiras são “fáceis de interpretar” porque traduzem os sentimentos que a mãe e a tia ensinavam-lhes

e nos quais elas já eram iniciadas. O Rancor e o Ciúme, por ser o que era necessário esconder, o que não se podia deixar transparecer, embora fossem sentimentos marcantes, “exigiam estudos mais demorados”.

A partir do fato de que as poses, como as estátuas, são tipos de máscaras utilizadas para “representar” os verdadeiros sentimentos das meninas, é importante examinar porque certas poses são feitas por esta e não por aquela outra. Assim a Maledicência, o Desengano, o Latrocínio são atribuídas à Holanda, na medida em que traduzem características próprias do modo de ser Holanda. Ela é a mais “atuante” das três, a que mais age. É assim que, enquanto Leticia faz as estátuas da “Vênus do Nilo” e da “princesa chinesa” — alusão ao “mistério que a envolve — Holanda faz “uma estátua difícil de bailarina, sustentado-se num pé” (*F.J.*, p. 189). Mesmo fazendo uma estátua que se caracteriza pela imobilidade — e está aí a razão por que Leticia era a que mais se destacava enquanto estátua —, Holanda não perde a sua “agilidade”: ela arma uma estátua, mas de uma “bailarina” (bailarina remete-nos sempre à idéia de movimento). Além do mais, tal bailarina sustem-se “em um pé”, sendo, portanto, a expressão do “equilíbrio”: é, justamente Holanda, que mantém o equilíbrio entre as outras duas, enquanto “executante”.

Do mesmo modo, é significativo o fato de a narradora fazer as poses do “Desalento e do Horror”: enquanto narradora e “dona da situação”, por ser o cérebro do grupo, sua percepção é mais aguda. Ela é capaz de perceber melhor a trama que se tece — ou melhor, conforme veremos mais adiante, a trama que ela própria tece — e daí advém-lhe os sentimentos de desalento e horror. Este “horror” é inclusive, transposto para o sonho, quando ela tem pesadelos com trens, imaginando a possibilidade de ser atingida por um deles.

Quanto às poses restantes, a Generosidade, a Piedade, o Sacrifício e a Renúncia, feitas por Leticia, elas exprimem o que essa exige das outras meninas em relação a ela, e de certa forma, o papel que lhe cabe também desempenhar.

A partir do seguinte trecho: "Em geral, quando o brinquedo era de poses, e eleita se saía muito bem, mas houve vezes em que as estátuas foram fracassos horríveis" (F.J., p. 187), outros esclarecimentos aparecem:

a) Poses: facilidades:: estátuas: dificuldades.

A facilidade atribuída às poses deriva do fato de as mesmas não exigirem "ornamentos" e estarem, portanto, muito próximas do tipo de representação que se encena em casa, a qual, conforme se viu, é uma representação "nua", sem fantasias.

b) A observação feita acima explica-nos igualmente a razão por que, no texto, as poses aparecem em maior proporção do que as estátuas.

O brinquedo das meninas, como a vida da casa, são formas de ocultar a realidade, sendo que a representação disfarça, mas também revela o mundo das personagens.

Passaremos, em seguida, ao estudo das funções das várias personagens, pois tal exame permitirá aprofundar-nos no conhecimento de muitas das situações até então abordadas.

#### 4. FUNÇÕES DAS PERSONAGENS

Considerando que uma personagem romanesca não se define por si só, mas que sua caracterização depende do exame de seu relacionamento com os demais elementos do contexto ficcional, estudaremos as personagens em grupos, permitindo-nos permutar um ou outro elemento, a fim de que, estruturalmente, possamos chegar ao seu conhecimento.

##### 4.1. *As meninas: Leticia, Holanda e a narradora*

Levando em consideração o enunciado do texto, é-nos possível formar o seguinte quadro:



LETICIA	HOLANDA	NARRADORA
a) .mais privilegiada em casa e no brinquedo	.menos privilegiada em casa e no brinquedo	.menos privilegiada em casa e no brinquedo
b) Leticia = rainha (dirigia o "reino")	Holanda = súdita (obedecia as ordens de Leticia)	narradora = súdita (obedecia as ordens de Leticia)
c) Leticia lê Rocambole	Holanda executa as ações	a narradora borda
d) muito boa como estátua	muito boa como pose	muito boa como pose
e) faz as estátuas da Vênus do Nilo, da princesa chinesa	faz uma estátua difficilima de bailarina	não faz estátua
f) faz as poses da Generosidade, da Piedade, do Sacrificio e da Renúncia.	faz as poses da Maledicência, do Desengano e do Latrocinio.	
g) Leticia é a mais feliz das três.	Holanda é mais valente.	faz as poses do Desalento e do Horror.

Em uma leitura ingênua, o leitor menos avisado é levado a acreditar naquilo que se encontra no enunciado do texto, ou seja, considerará Leticia como a mais feliz e privilegiada das três, uma vez que desfrutava de uma série de "vantagens" sobre as outras: "não tinha que enxugar os pratos nem fazer as camas, podia passar o dia lendo ou colando figurinhas e de noite deixavam-na ficar até mais tarde, se pedisse, além do quarto só para ela, a sopa de ossos e toda sorte de vantagens" (*F.J.*, p. 185). Da mesma forma, Leticia será considerada a verdadeira rainha do brinquedo: "Pouco a pouco, foi se aproveitando dos privilégios, e desde o verão anterior dirigia o brinquedo, eu acho que, de verdade, dirigia o reino..." (*F.J.*, p. 185).

No entanto, uma leitura mais cuidadosa indicará um outro caminho pelo qual é possível abordar o texto. Trata-se de seu exame a partir do ângulo do discurso do narrador, olhado agora com desconfiança: A comparação de uma série de pequenos trechos no conto irá revelar a verdadeira atuação do narrador que, no caso é uma das meninas em questão. Tomemos, por exemplo:

- a) “Eu usava outros sistemas; preferia *insinuar* a tia Rute que suas mãos iam se estragar” (F.J., p. 183).
- b) Letícia “desde o verão anterior dirigia o brinquedo, eu acho que, de verdade, dirigia o reino e Holanda e eu aceitávamos sem protestar, *quase* contentes”. (F.J., p. 185).
- c) “... não nos aborrecia fosse a chefe. Pena que não *tinha pinta* para chefe” (F.J., p. 186).
- d) “Eu não sabia o que pensar: de um lado me parecia horrível que Ariel ficasse sabendo, mas também *era justo que as coisas se esclarecessem*, porque ninguém tem por que se prejudicar por causa de outrem” (F.J., p. 192).
- e) “Eu lhes dera a mensagem... Ariel viria e era preciso *pensar* nessa novidade e *decidir* alguma coisa”. (F.J., p. 192).
- f) “... e eu comecei abordar, coisa que faço quando estou nervosa”. (F.J., p. 193).

Conforme se pode depreender desses exemplos — observar os grifos — é a narradora que “dá as cartas” no jogo, agindo às escondidas. Aparentemente, é Letícia que “reina”, mas na realidade é a narradora que “dirige” o reino. É ela que “pensa”, é ela que “decide” o que se vai fazer. Há certas expressões, como o “quase” do exemplo em *b*; o “Pena que não *tinha pinta*”, citado em *c* e o “*era justo*”, que aparece no exemplo em *d*, que traem o narrador, revelando-nos os seus verdadeiros sentimentos. O “disfarce” do narrador, no texto, aparece inclusive pela ausência de uma nomeação. As outras meninas têm nomes, mas ela é apenas a narradora. Também a alusão ao “bordar”, feita no trecho que aparece no exemplo em *f*, é uma imagem perfeita do real papel desempenhado pela narradora: ela “borda”, isto é, ela “trama”, ela “tece” os fios da intriga.

Enquanto isso, Leticia apenas lê as infundáveis aventuras de Rocambole, alienada em seu mundo de ficção — Leticia lê sobre aventuras, enquanto as outras meninas fazem aventuras (=travessuras), armando a “incrível confusão” da casa.

Quanto à Holanda, conforme já observamos em item anterior, cabe-lhe o papel de executante. Dentre as três é a que se destaca pelo agir: ela leva e traz os recados, pondo em prática as “insinuações” da narradora. É o que se torna claro através daquela passagem do texto em que Leticia desiste de ir aos salgueiros no dia em que Ariel iria descer, depois que Holanda se trancou sozinha com ela no quarto e “voltou com um ar de grande importância e ficou do meu lado sem falar” (F.J., p. 193).

Resumiremos as funções dessas três personagens, através de um novo quadro levando-se em consideração o plano da enunciação e não mais o enunciado. Assim:

LETICIA	HOLANDA	A NARRADORA
a) direção do brinquedo e do reino: só aparentemente		direção do brinquedo e do reino: realmente
b) Leticia lê (Leticia: assiste)	Holanda leva e traz os recados (Holanda: age)	narradora borda (narradora: trama)
c) . não domina nem o gesto (é boa em estátua, não em pose), nem a palavra.	. domina o gesto, mas não domina a palavra	. domina o gesto e a palavra (enquanto narrador).
d) <i>A p a rentemente</i> mais privilegiada. <i>Realmente</i> menos privilegiada.	<i>Aparentemente</i> menos privilegiada. <i>Realmente</i> mais privilegiada.	<i>Aparentemente</i> menos privilegiada. <i>Realmente</i> mais privilegiada.

Observação: Abstivemo-nos de tratar dos aspectos que aparecem no 1º quadro, sob as letras (d) (e) (f), e nesse 2º quadro, sob a letra (c), porque os mesmos já foram desen-

volvidos em outra parte do trabalho, quando fizemos o estudo do “sentido da representação na rua” (item 3.2.).

#### 4.2. *Ariel e as meninas*

Ariel, outra personagem importante na representação da rua, surge como a projeção dos sonhos das meninas: assim como acreditam no “reino” que constróem, elas criam, a partir da versão real de Ariel, passageiro do trem que diariamente vinha de Tigre, passando por Palermo às duas e oito, uma imagem idealizada. Ariel converte-se, pois, em uma personagem, desempenhando em relação às meninas o mesmo papel que Rocamble exerce com respeito à Letícia. Através dele elas vivem uma aventura romanesca, inexistente no real.

É possível ao leitor acompanhar a constituição de Ariel como uma personagem idealizada, bem como assistir à sua desmistificação: no momento em que desce do trem, saindo da representação, para encontrar-se com as meninas nos trilhos do Central Argentino, revela-se o Ariel real que é o oposto de tudo quanto lhe fora atribuído na representação.

Examinemos o quadro seguinte, em que se procura caracterizar, simultaneamente, o Ariel — personagem e o Ariel real.

ARIEL — personagem	ARIEL — real
a) “rapaz de cachos rúivos e olhos claros”... “discutíamos se se vestia de escuro, se usava gravata vermelha...” (p. 189).	a) “era mais alto que pensávamos e vestido todo de cinza” (p. 194).
b) “Calculamos que ele tinha 18 anos”..	b) “certas de que não tinha mais de 16)”.
c) “diariamente voltava de algum colégio inglês” (p. 189).	c) “nos contou coisa do Curso Industrial”. (p. 194).
d) “A assinatura parecia uma garatuja embora denotasse personalidade” (p. 192).	d) “sua mão era mole e antipática” (p. 195).

Note-se que o Ariel real é “mais alto” do que elas pensavam mas, em vez de usar “gravata vermelha”, vinha “vestido todo de cinza” (*F.J.*, p. 194), as cores, vermelho e cinza, funcionam aqui como elementos conotativos da realidade que traduzem. O vermelho, ligado à idéia de vivacidade ou intensidade alude à beleza e ao brilho da realidade idealizada, enquanto o cinza traduz a não-vivacidade, o desencanto da realidade da vida.

Esse mesmo desencanto aparece em outra passagem do texto, quando a narradora nos diz: “Depois nos contou coisas do Curso Industrial, que por desgraça, não era um colégio inglês” (*F.J.*, p. 194). Na imaginação das meninas, Ariel não podia ser um indivíduo qualquer. O Ariel da representação só apresenta elementos positivos e, quando isso não acontece, elas cuidam de inventar alguma compensação, o que se pode observar no exemplo seguinte: “A assinatura parecia uma garatuja *embora denotasse personalidade*” (*F.J.*, p. 192).

#### 4.3. *Ariel e Leticia*

É principalmente em comparação à Leticia que a caracterização de Ariel pode ser feita. Ariel é, por assim dizer, a imagem invertida, o espelho de Leticia. Vejamos o esquema abaixo:

	NO REAL	NA REPRESENTAÇÃO
1. Ariel	bonito	letra feia
2. Leticia	feia	estátua bonita

Enquanto no real Leticia é feia, devido à paralisia que lhe endurece as costas, tornando-se semelhante a uma “tábua de passar”, na representação ela se transfigura, convertendo-se em uma bonita estátua. Como estátua, destaca-se mais do que as outras meninas, sendo interessante notar a inversão que se

processa entre o real e a representação: o que é negativo na primeira vai se transformar em positivo no segundo. Contrariamente a Letícia, Ariel é bonito no real, mas na representação é feio: sua letra é uma “garatuja”.

A complementariedade das duas personagens pode ser observada através de vários elementos do conto. É a “identidade dos dois que levará, inclusive, Ariel a escolher Letícia dentre as três meninas, tornando-a sua “eleita”.

Examinando o texto do ponto de vista mítico, veremos em Letícia e Ariel a atualização de duas figuras mitológicas muito conhecidas, ou seja, Vênus e Cupido, respectivamente.

#### 4.3.1. *Letícia: plano mítico*

O relacionamento Letícia/Vênus surge a partir da consideração do próprio enunciado do texto, onde se lê:

“Para estátuas, buscava o estilo da Vênus da sala, que tia Rute chamava de Vênus do Nilo” (F.J., p. 188).

Mais adiante, no conto, aparece: “Como não podia virar a cabeça, deitava-a para trás, *juntando os braços ao corpo quase como se lhe faltassem*; afora o verde da túnica, era como estar vendo a Vênus do Nilo” (F.J., p. 189).

A referência à Vênus faz-se não só explicitamente, através da expressão “Vênus do Nilo”, como também — e, principalmente — através da alusão à “Vênus de Milo”, cuja estátua é mundialmente conhecida como aquela estátua desprovida de braços, à qual Letícia procura imitar “*juntando os braços ao corpo quase como se lhe faltassem*” (F.J., p. 189).

Sabe-se que “originariamente” Vênus es la diosa latina de la naturaleza y de su estación más florida, la primavera. Luego, diosa de la belleza y de los placeres y madre del Amor (Cupido). (...) Ganó el premio de belleza, frente a Juno y Minerva, en el famoso Juicio de Paris. (...) Há inspirado em efecto, a grandes poetas y artistas plasticos: Shakespeare escribió el bello poema “Venus y Adonis”; en la estatuaria clásica, son famosas las llamadas Venus de Milo, Capitolina, de Cnido, Anadiomena y de Médicis; entre los pintores, seria

interminable citar siquiera los más importantes — desde Botticelli hasta los de hoy, pasando por Rubens y los venecianos — que han representado la figura de la diosa del Amor. Mas entre todas estas representaciones figura en primera línea la famosa estatua griega de Afrodita, descubierta en la isla de Melo (hoy Milos), en 1820, la cual se conserva en el Museo del Louvre, de París, y se conoce universalmente con el nombre de la Venus de Milo símbolo del canon o prototipo ideal de la belleza femenina clásica. Es la expresión más acabada de la belleza misma, en la que se funden de manera admirable y armoniosa la hermosura física y el encanto espiritual. Sus proporciones no coinciden con el prototipo de la belleza actual, pero a pesar de esto, es un canon eterno. Sin duda lo es porque su secreto consiste en la fusión de su plenitud de formas con la serenidad de su expresión, símbolo de una feminidad basada en la proporción de lo físico con lo espiritual: geometría perfecta e idealidad. He ahí el secreto de la Venus de Milo como canon eterno de belleza femenina, de una belleza que atrae y que admira, pero que no provoca por que está más allá del deseo”.<sup>4</sup>

Partindo dessas informações, fornecidas pelo dicionário, quanto às características da deusa Vênus, cabe-nos agora verificar em que medida Leticia pode ser considerada uma de suas atualizações. Observemos o quadro seguinte:

VÊNUS	LETICIA
1. é a deusa da beleza e da natureza	1. <i>representa</i> a deusa da beleza e da natureza.
2. excesso de beleza	2. ausência de beleza
3. natureza é intrínseca	3. natureza é extrínseca

Os elementos destacados nesse quadro levam-nos à conclusão de que Leticia é uma “Vênus às avessas”: enquanto

a verdadeira Vênus é a deusa da beleza, Letícia é feia, só conseguindo atingir a beleza quando representa e imita a Vênus de Milo. Por outro lado, como deusa da natureza, em Vênus a natureza é intrínseca, enquanto em Letícia ela é extrínseca: “Pusemos nela um pedaço de *veludo verde*, à maneira de túnica e *uma coroa de salgueiros* no cabelo” (F.J., p. 188). É através de “representações” — o “veludo verde” e a “coroa de salgueiros” — que Letícia se converte em Vênus do Nilo.

É importante observar aqui as variantes Vênus de Milo/Vênus do Nilo: conhecem-se várias estátuas da deusa Vênus, das quais a mais famosa é a Vênus de Milo, não havendo, porém, nenhuma referência a uma possível Vênus do Nilo. O ato falho — Milo/Nilo — é significativo, no entanto, uma vez que, ao usar a palavra “Nilo”, o autor nos remete a uma atmosfera de “mistério”, atribuída à realidade oriental, e que intensifica a aura de enigma que cerca Letícia.

Podemos concluir, finalmente, que Letícia é a “representação da representação da representação”, pois é a “Vênus da rua”, réplica da “Vênus da sala, que tia Rute chamava de Vênus do Nilo” (F.J., p. 188), essa também uma réplica da “Vênus de Milo”.

Ainda no plano mítico, um outro relacionamento pode ser feito com referência à Letícia, desta vez ligando-a à deusa Vesta. Vesta é uma divindade grega, personificação do fogo do lar; tão unida a seu elemento que, em seu culto, não é possível separá-los. Filha de Cronos e Rea, conservou sua virgindade, apesar dos embustes de Poseidon e Apolo. Gozava do privilégio de permanecer continuamente no Olimpo e, por isso, é considerada como a fundadora e a sustentadora da família. Vesta permanece imóvel no Olimpo, enquanto os demais deuses vão e vêm do mundo. Esta imobilidade de Vesta explica o fato de que não desempenhe papel algum nas lendas. Não passa de um princípio abstrato, a Idéia do lar, mais que uma divindade pessoal.

São muitos os pontos de contacto entre Vesta e Letícia, o que nos permite estabelecer um paralelo entre elas:



VESTA	LETICIA
1. personificação do fogo do lar.	1. personificação do "fogo" (metafórico) do lar.
2. gozava de privilégios.	2. gozava de privilégios.
3. centro da mansão divina: sustentadora da família	3. "centro" da casa: sustentadora da família.
4. imobilidade: privilégio	4. imobilidade: paralisia.

Embora os demais elementos sejam importantes para o estabelecimento da semelhança entre Vesta e Leticia, a última característica explicita a posição de mediadora que ambas desempenham. Tornando-se imóvel no Olimpo, Vesta converte-se em mediadora entre os deuses e os homens e, por extensão, entre vida e morte. Quanto à Leticia, sua paralisia torna-a uma mediadora por excelência: segundo Lévi-Strauss, os mitos conferem aos doentes e aleijados uma significação positiva, ou seja, uma condição de mediadores. O menos-ser está entre os dois estados plenos, o ser e o não-ser, daí converte-se em mediador entre vida (ser) e morte (não-ser).

A mesma idéia de mediação entre a vida e morte reaparece no texto através da figura do pavão real. Como se sabe, o pavão é uma ave que troca de penas anualmente e, por isso mesmo, considerado um símbolo de vida e morte. Devemos nos lembrar também de que, embora considerado a mais bela das aves, o pavão possui um elemento negativo, que é o pé defeituoso. A partir dessa consideração, podemos estabelecer a seguinte equação: pé defeituoso do pavão: paralisia de Leticia :: plumagem do pavão: ornamentos.

#### 4.3.2. *Ariel: plano mítico*

O exame do significado do nome Ariel, como primeiro enfoque, permitirá a análise de sua figura mítica. Ariel é um espírito ingenioso que costuma apresentar-se com aparato

feminino e canta malévolas canções nas quais se identifica seu caráter de liberdade com a própria alegria da natureza. Simboliza, em suma, o espírito ingenioso e malévolo. Ariel representa, igualmente, o espírito aéreo e, comumente, é contraposto a Caliban, um anão disforme, condenado a trabalhos pesados.<sup>6</sup>

A figura de Ariel assume, deste modo, um caráter ambivalente (Ariel/Caliban, bem/mal). A ambivalência desta figura mítica aparece repetida através da personagem do conto de Julio Cortazar. O Ariel de "Final do Jogo" é também um ser duplo: "era um coisa linda e má ao mesmo tempo" (*F.J.*, p. 195).

Tal duplicidade já vem expressa pela forma como ele se apresenta às meninas, enquanto homem e, ao mesmo tempo, "anjo" — "Ariel *anunciava* que no outro dia ia descer na estação vizinha" (*F.J.*, p. 191). É interessante observar que o verbo usado para expressar a ação de Ariel é *anunciar* e não *dizer*.

Enquanto objeto do amor das três meninas, apresentando-se por isso mesmo como a própria encarnação do Amor, Ariel remete-nos, simultaneamente, a Cupido e a Eros, ao duplo amor/malícia.

Cupido, filho de Marte e Vênus, equivalente ao Eros grego, é o deus do Amor, ou melhor, do desejo amoroso (Cupido significa, literalmente, "desejoso"). É representado como um menino malicioso armado de arco e flechas. Eros, por sua vez, personifica o desejo de Amor. Representante masculino do amor, acompanha continuamente Afrodita (Vênus). Para outros, simboliza também o desejo sem finalidade (platonismo, druidismo, etc.). Eros produz ou inspira a invisível e inexplicável simpatia entre os seres. Seu poder se estende inclusive mais além da natureza vivente e animada: aproxima, une, multiplica e varia as espécies viventes, como símbolo de amor, de união, de afinidade universal.

O relacionamento Ariel/Cupido e Ariel/Caliban é possível na medida em que Ariel atualiza funções próprias dessas duas figuras míticas, não sendo, porém, repetição das mesmas mas

uma de suas variantes. É assim que, ao lado de semelhanças, Ariel apresenta também elementos diferentes quanto a Cupido e Eros. Como exemplo de diferença, podemos citar o instrumento de que se vale para atingir as meninas, ou seja, o “papelzinho” que atirava do trem, uma variante da “flecha” de Cupido. Através do “papelzinho” contendo “bilhetes”, Ariel despertará o amor das meninas; assim como Cupido que, para tanto, vale-se do arco e da flecha.

O amor-malícia de Ariel (e que o liga, pois, a Eros) aparece no texto, na seguinte passagem: “Parecia-nos maravilhoso que Ariel viesse, *nunca tivemos um amigo assim*, não contávamos com nosso primo Tito, um simplório que colecionava figurinhas e acreditava na primeira comunhão” (F.J., p. 192). Ariel é “diferente” do primo Tito, justamente por não ser simplório, mas despertar um sentimento novo e malicioso no coração das meninas.

É importante observar no exemplo citado acima um deslocamento — mais um, dentre os vários que ocorrem no texto: o narrador desloca para Tito algumas das características de outra personagem do conto, ou seja, de Letícia. Vejamos: Tito “coleccionava figurinhas e acreditava na primeira comunhão”, enquanto Letícia “colava figurinhas” e “lia Rocambolé” (ler: acreditar). A identificação de Tito/Letícia é, portanto, legítima.

Encontramos ainda em Final do Jogo outras expressões que nos levam a identificar Ariel com a figura de Cupido, uma estereotipação do Amor. O amor de Ariel, assim como ele próprio, apresenta-se sob a forma de clichê:

(a) “Logo disse que *tivera grande prazer* e que *estava encantado* por ter vindo” (F.J., p. 195).

(b) “... ele era muito tímido, apesar de ter vindo e dos papelzinhos, e *dizia coisas muito pensadas*” (F.J., p. 194).

(c) “Tudo estava horrivelmente escrito, mas a frase final era bonita. *Saúdo as três estátuas muito atentamente*”. A assinatura parecia uma garatuja, embora denotasse personalidade” (F.J., p. 192).

#### 4.3.3. O relacionamento entre Ariel/Leticia

Embora seja patente no conto o relacionamento amoroso de Ariel e Leticia, é importante examinar o modo como ele se realiza. Ainda que escolhida por Ariel, por lhe parecer “a mais linda” das três (ao contrário do que se verifica na realidade), Leticia não consegue se encontrar com o amado, no plano real. Na vida, o relacionamento dos dois caracteriza-se sempre como uma disjunção. Vejamos:

- a) Primeiramente, Ariel “sai da representação” (desce do trem), e vem encontrar-se com Leticia, nos trilhos do Central Argentino, mas Leticia não aparece.
- b) Leticia usa as jóias verdadeiras (jóias verdadeiras: vida) para representar para Ariel e este não desce do trem.

O encontro dos dois adolescentes verifica-se, porém, no plano da representação, o que vem reafirmar a importância desse aspecto no conto. É no plano da representação que se processa a conjunção de Ariel e Leticia, uma vez que Ariel tem acesso aos “ornamentos” e à “carta” de Leticia, ambos “metonímias” de Leticia. Essa, por sua vez, também só tem acesso aos “bilhetes” de Ariel, “metonímia” desse último.

Logo, o encontro dos dois só se torna possível no plano da representação, porque ambos só existem enquanto representação. É através da representação e *como* representação que ambos “vivem”.

O exame das funções das várias personagens do conto permitiu-nos mostrar a importância que o aspecto da representação assume no mesmo. Mas, como afirmamos inicialmente, há em Final do Jogo outros elementos que merecem a nossa atenção. Na impossibilidade de estudar todos eles, tarefa inviável devido à própria natureza deste trabalho, procuraremos examinar o texto sob dois novos ângulos, isto é, o do ritual e o do jogo.

## 5. O RITUAL E O JOGO

Nosso interesse agora se volta para um elemento importante presente no conto: o brinquedo das meninas. Como devemos encarar esse brinquedo? Seria ele um ritual ou um jogo?

Segundo Lévi-Strauss "Todo jogo se define pelo conjunto de regras, que tornam possível um número praticamente ilimitado de partidas; mas o rito, que se "joga" também, parece mais uma partida privilegiada, retida entre todas as possíveis, porque só ela resulta num certo tipo de equilíbrio entre os dois campos".<sup>6</sup> O jogo "aparece, portanto, como disjuntivo: ele resulta na criação de uma divisão diferencial entre jogadores individuais ou equipes que nada designava, previamente, como desiguais. Todavia, no fim da partida, distinguir-se-ão em ganhadores e perdedores. De forma simétrica e inversa, o ritual é conjuntivo, pois institui uma união ou, em todo caso, uma relação orgânica, entre dois grupos que eram dissociados no início".<sup>7</sup>

Há no ritual outros aspectos a considerar: todo ritual implica o uso de gestos e de objetos diversamente escolhidos e manipulados. Tanto no uso dos gestos como na escolha e uso dos objetos, o rito apresenta constantemente dois processos: de um lado, a fragmentação e, de outro, a repetição. Assim, no tocante à fragmentação, no interior de cada classe de objetos e de tipos de gestos, o ritual distingue *ad infinitum* e atribui valores discriminativos às menores diferenças. Ao mesmo tempo, ao lado dessas sutilezas, que tornam o desenvolvimento do rito muito detalhado, observa-se que o ritual se entrega também a um exagero de repetições: as mesmas fórmulas ou gestos reaparecem com pequenos intervalos.

Aparentemente, os procedimentos de fragmentação e de repetição são opostos: trata-se, com efeito, ora de introduzir diferenças, por pequenas que sejam, no interior da operação, ora, ao contrário, de reproduzir, a perdas de vista, o mesmo enunciado. Mas, na verdade, a fragmentação e a repetição são procedimentos complementares.

A partir dessas considerações, podemos chegar a algumas conclusões:

1. O brinquedo das meninas é um ritual, mas isso apenas enquanto Ariel não aparece.

Todos os elementos do ritual estão presentes nesse brinquedo: tanto as poses como as estátuas só ganham expressão através de gestos, sendo que as estátuas requeriam sempre o uso de ornamentos, ou seja, de objetos que são de diferente natureza. As meninas usavam túnicas, colares, anéis, o que caracteriza, portanto, o processo de fragmentação quanto à classe de objetos. Nota-se também a fragmentação quanto aos tipos de gestos: dependendo da “pose”, era necessário “crispar as mãos”, ou voltar os “olhos para o céu”, etc. O mesmo se verifica nas estátuas: ora jogar a cabeça para trás, “não mover nem um dedo, ora juntar os “braços ao corpo quase como se lhe faltassem”, etc.

O outro processo, o da repetição, também aparece no brinquedo: as meninas repetem sempre os mesmos gestos e, antes do brinquedo iniciar-se, há sempre uma preparação: “Gostávamos de flexionar as pernas e baixar, levantar, baixar outra vez, entrando numa e noutra zona de calor, estudando-nos as faces para sentir a transpiração, com o que, em pouco tempo, estávamos ensopadas” (*F.J.*, p. 185).

O início da representação implica ainda uma cerimônia — outro aspecto característico do ritual — que se repete a cada dia: “Então Holanda e eu *levantávamos* a pedra e abríamos a caixa de ornamentos” (*F.J.*, p. 186).

2. O brinquedo se transforma em jogo, quando um novo elemento surge — o papelzinho que caiu do trem — que rompe com o contínuo do ritual, estabelecendo uma descontinuidade: “O que estou contando começou vá se saber quando mais as coisas mudaram no dia em que o primeiro papelzinho caiu do trem” (*F.J.*, p. 187).

A mudança da situação provocada pelo aparecimento de Ariel fica bem expressa na frase: “nos deu desejos de ir

embora ou de que Ariel não tivesse vindo nunca". (F.J., p. 195).

A chegada de Ariel divide as meninas em 2 grupos, que se colocam na posição de adversárias: de um lado, Leticia; do outro, Holanda e a narradora.

Inicialmente, Leticia é a vencedora, uma vez que é a "eleita" de Ariel, mas depois o jogo se modifica devido à introdução de um novo elemento, a carta de Leticia, com a qual Ariel se afasta do jogo. Nesse segundo tempo do jogo, portanto, Leticia passa a ser a perdedora, pois Ariel deixa de vir, e Holanda e a narradora tornam-se as ganhadoras. Elas ganham de Leticia, mas perdem Ariel e a representação em relação a Ariel, o que leva a narradora a dizer: "sorriamos entre aliviadas e furiosas". (F.J., p. 197).

A vinda de Ariel representa, portanto, o "Final do jogo", das meninas. O interessante, porém, é que o conto termina em aberto: finda-se o jogo das meninas, mas aparece a possibilidade de recomeço de um novo ritual e de um novo jogo, do outro lado da rua: "imaginamos Ariel viajando do outro lado do vagão quieto em seu banco, olhando para o rio com seus olhos tristes". (F.J., p. 197).

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CORTAZAR, Julio. Final do Jogo. In: *Final do Jogo*, Rio, Editora Expressão e Cultura, 1974, p. 183. Observação: Todas as citações desta obra, que aparecem ao longo do trabalho, referem-se a esta edição que será, daqui por diante, indicada com a sigla F.J.
2. Rocambole — Nome de uma personagem que desempenha um papel importante na obra de Ponson du Terrail. Figura efetivamente nuns trinta volumes agrupados sob o título: *Rs Façanhas de Rocambole* (1859). *A ressurreição de Rocambole* (1866). *A última palavra de Rocambole* (1866). *A verdade acerca de Rocambole* (1867), etc. Foi sobretudo nesta série que o autor caiu nas liberdades extravagantes de que tão censurado foi, cometendo anacronismo, fazendo morrer personagens que ressuscitaram em seguida sem que se soubesse como nem porquê, etc. Isso não impediu que Rocambole obtivesse um êxito prodigioso a ponto do seu nome se tornar pro-

verbal para designar alguém que tem ou pretende ter aventuras tão incríveis como interessantes (In: *Encyclopedia e Diccionario Internacional*. W.M. Jackson, Inc. Editores, Rio de Janeiro, volume XVII, p. 9.897).

3. Alegoria “é uma espécie de máscara aplicada pelo autor à idéia que se propõe expressar, mas sempre de maneira a torná-la perceptível ao leitor” (In: CAMPOS, Geir. *Dicionário de Arte Poética*).
4. PEREZ-RIOJA, J.A. *Diccionario de simbolos y mitos*, Editorial Tecnos, Madrid, 1971, p. 413/414.
5. Calibán — “personaje fantástico introducido por Shakespeare en “La tempestad”. Gnomon monstruoso, Calibán es la materia, la personificación del bruto que se ve obligado — aunque se revuelva contra ella — a obedecer a una fuerza superior (In: PEREZ-RIOJA, J.A., op. cit., p. 107).
6. LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1970, p. 52.
7. Idem, p. 54.





# RESENHA



## CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O décimo concurso de contos e de poemas da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais foi objeto de uma pequena modificação: para concorrer, o aluno da Universidade só podia enviar seus trabalhos em conjunto — ou cinco poesias ou três contos (ou os dois conjuntos). Assim, a Comissão Julgadora do concurso recebeu um total de 32 conjuntos de contos — no total de 96 contos — e 46 conjuntos de poemas no total de 230 poemas.

Em dez concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATÍSTICA DA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		POEMAS	CONTOS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	353
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	482
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
<b>TOTAL</b>	<b>1.279</b>	<b>918</b>	<b>2.495</b>	<b>3.413</b>

Além dos 75 alunos que enviaram trabalhos, outros 17 também se inscreveram no concurso, mas não cumpriram o regulamento e seus contos e poesias foram devolvidos sem julgamento.

Os 75 estudantes que tiveram seus trabalhos examinados pela Comissão Julgadora são das seguintes unidades e colégios: 23 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (15 de Comunicação Social, quatro de Psicologia, dois de Ciências Sociais e dois de História); nove da Faculdade de Direito, da Faculdade de Letras, da Escola de Engenharia e da Faculdade de Medicina; quatro do Instituto de Ciências Biológicas e da Faculdade de Ciências Econômicas (três de Ciências Contábeis e um de Economia); três do Instituto de Ciências Exatas; um da Faculdade de Educação, um da Escola de Veterinária, um da Faculdade de Odontologia, um da Faculdade de Farmácia e um do Colégio Técnico.

Os contos e poemas não classificados foram devolvidos a seus autores.

A relação dos 326 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

## CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1	Breve Discurso Sobre...	— Hur
	O Coronel Não Verá Jamais...	— Hur (1º lugar)
	O Vago Brilho das Estrelas...	— Hur
2	O Ventre da Terra	— Dagmar Angelina (2º lugar)
	Segredos da Lua	— Dagmar Angelina
	De Corpo Inteiro	— Dagmar Angelina
3	Confusão	— Gilbert Moreno
	O Carro Verde	— Gilbert Moreno
	Luta	— Gilbert Moreno
4	O Moço e a Moça no Bar	— Mannga
	Tentativa	— Mannga
	Luíza	— Mannga
5	Manuel de Cozinha	— Rafael Criança
	Anjo	— Rafael Criança
	Nós	— Rafael Criança
6	Divagações de um Quase Bêbado	— Rabelo Mendes
	Libertação	— Rabelo Mendes
	616 = (486 + 925 + 304) — 420...	— Rabelo Mendes
7	Fuga	— Micaela
	O Sonho	— Micaela
	Misticismo	— Micaela

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
8	— Verdade de um Sonho	— Merilau
	Recortes de um Dia Qualquer	— Merilau
	Bana...a...rm...a...dura	— Merilau
9	— De Mudança	— João da Chica
	A Briga	— João da Chica
	Rua dos Canários	— João da Chica
10	— Sinhá-Dama	— SLU
	Herança	— SLU
	Vestida de Vermelho	— SLU
11	— Textículo	— Luno
	Auto-Montagem	— Luno
	Espaço Um	— Luno
12	— Mutação no Céu	— Henrique M. P.
	O Vendedor de Violetas Azuis	— Henrique M. P.
	Dó-à-Ré para o Menino	— Henrique M. P.
13	— Eufrásio	— Chico Mulato (M. Honrosa)
	Ovo de Ema	— Chico Mulato
	O Aluá de Padre André	— Chico Mulato
14	— Cantada de um Brinquedo...	— Sem
	... Quando a Madrugada Chega...	— Sem
	Quando o Bolo se Chama Gente...	— Sem
15	— Azul	— Sem
	A Sublime Loucura	— Sem
	A Bilha Quebrada	— Sem
16	— Espiral	— Lídia Alvarenga
	Escultura Etérea	— Lídia Alvarenga
	Auto-Retrato de uma Criança	— Lídia Alvarenga
17	— Recusa	— Fondue Piemontês
	Os Verdes	— Fondue Piemontês
	Cena (Em Um Ato)	— Fondue Piemontês
18	— Bolinha de Papel	— Cognome
	O Oásis	— Cognome
	A 18ª Dimensão	— Cognome
19	— Roda Viva	— Heer
	O Túnel	— Heer
	O Sol por Testemunha	— Heer (M. Honrosa)
20	— Perroti	— Barata
	Papéis de Embrulho	— Barata
	Sívio	— Barata

Nº	TITULO	PSEUDÓNIMO
21	— Coisas de Favela	— Satero Parente
	Manhã de João e Maria	— Satero Parente
	Mãos de Jardineiro	— Satero Parente
22	— A Pedra Grande	— Mefisto
	Antologia Poética de um Todo	— Mefisto
	Devaneio Solar	— Mefisto
23	— Dílio	— Ucha
	Conto Por um Momento Final	— Ucha
	Primeira Estória Sobre Patrício...	— Ucha
24	— A Tela	— Marajó
	O Beco	— Marajó
	Marcelino, o Bobo	— Marajó
25	— A Velha	— Pálamo
	Cotidiano	— Pálamo (M. Honrosa)
	Margot	— Pálamo
26	— Virgem Lulza	— Peste
	Lágrima de Urso	— Peste (M. Honrosa)
	De Como Adormecer Pintos...	— Peste
27	— O Rato Esquizofrênico	— Freitas
	Antônio Candidato	— Freitas
	Triangulado	— Freitas
28	— Borboleta	— Antônio D'Óculos
	De Como Contrair no Tornozelo	— Antônio D'Óculos
	Relógio	— Antônio D'Óculos
29	— Icaro	— Sem
	O Suicida	— Sem
	A Vida Depois de um Sonho	— Sem
30	— Aula de Filtros	— Bruxa Henra
	Passagens	— Bruxa Henra
	Estória de uma Menina e um Primavera	— Bruxa Henra
31	— O Verdadeiro Profeta do Apocalipse	— Arcanjo Gabriel (3º lugar)
	O Verdadeiro Profeta do Apocalipse	— Arcanjo Gabriel
	O Verdadeiro Profeta do Apocalipse	— Arcanjo Gabriel
32	— Das Breves Notas de um Desaparecido	— Aruera (M. Honrosa)
32	— Das Breves Notas de um Desaparecido	— Aruera
32	— Das Breves Notas de um Desaparecido	— Aruera

# P O E M A S

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1 —	Evangelho	— Cincofônio Theofrates
	Profissões de Fé	— Cincofônio Theofrates
	Ofertório	— Cincofônio Theofrates
	Ato Penitencial	— Cincofônio Theofrates
	Liturgia da Palavra	— Cincofônio Theofrates (1º Lugar)
2 —	O Ciclo	— Zacarias
	O Rosto de Deus	— Zacarias
	Os Leões Alados	— Zacarias
	O Medo	— Zacarias (3º Lugar)
	A Cavalgada	— Zacarias
3 —	Você Consegue Carregar...	— Maria — Maria
	Bestificação	— Maria — Maria
	Peitoral de Janela	— Maria — Maria (M. Honrosa)
	Caterina de Ponta de Rua	— Maria — Maria
	Judição	— Maria — Maria
4 —	Estilhaços	— Faca Amolada
	Status	— Faca Amolada
	Orgasmo	— Faca Amolada
	Triturância	— Faca Amolada
	Considerações Latinas	— Faca Amolada (M. Honrosa)
5 —	Não Traga Lembranças	— Carrinho de Rolimã (M. Honrosa)
	Um Santo Aterroriza	— Carrinho de Rolimã
	Da Mesma Forma	— Carrinho de Rolimã
	O Vento Bate no Lençol ao Varal	— Carrinho de Rolimã
	Um Caixaote na Rua	— Carrinho de Rolimã
6 —	Poema Éden	— Asazul
	Sem Rumo	— Asazul
	Retrato	— Asazul (M. Honrosa)
	Conforme a Música	— Asazul
	Lembrança-Antigo Caminho	— Asazul
7 —	Brasília	— Tiago (M. Honrosa)
	Água	— Tiago
	Na Boca da Noite	— Tiago
	Disponibilidade	— Tiago
	Pátria	— Tiago



Nº	TITULO	PSEUDÓNIMO
8	— Transição	— Flor de Lótus
	Vozes	— Flor de Lótus
	Roda-Viva	— Flor de Lótus
	Silêncio	— Flor de Lótus
	Vazio	— Flor de Lótus
9	— Tempo	— Gato
	Utilidade	— Gato
	Limite	— Gato
	Anatomia	— Gato
	Roupas	— Gato
10	— Metamorfose	— Algi
	Algumas Considerações...	— Algi
	Teu Sorriso	— Algi
	Antigamente, Quando o Vento...	— Algi
	Resumo	— Algi
11	— A Primeira Fêmea	— Pálamo
	Horas Mortas	— Pálamo
	Rendição	— Pálamo
	Dor que Lavra a Dor	— Pálamo
	Natureza Morta	— Pálamo
12	— Vinte Anos e um Anjo	— Antônio D'Óculos
	Fominhas	— Antônio D'Óculos
	Os Pombos de Polmares	— Antônio D'Óculos
	América Latina	— Antônio D'Óculos
	Não Verei meu Enterro	— Antônio D'Óculos
13	— Maga-Audaz Mágica	— Racklem
	Noite de Estrelas	— Racklem
	Rosa da Morte	— Racklem
	80 de Outubro	— Racklem
	Flutu-Ar	— Racklem
14	— Estaca Zero	— Poupoux
	Barroco Barroco	— Poupoux
	No Dia da Libertação	— Poupoux
	Solidão	— Poupoux
	Declaração de Amor...	— Poupoux
15	— Vão Cego	— Albert
	Um Testemunho Coacto	— Albert
	Seu Secador de Cabelo...	— Albert
	De Voluta	— Albert
	(To) Amar Sor(ve)te	— Albert

Nº	TITULO	PSEUDÓNIMO
16	— Abismos de Sonhos	— Duquel
	O Edifício	— Duquel
	Pensamento Espacial	— Duquel
	Natureza Esquecida	— Duquel
	Primavera	— Duquel
17	— Lamento	— Nandy
	Desoreença	— Nandy
	Entre Flores	— Nandy
	Berço de Fantasias	— Nandy
	Morena Flor	— Nandy
18	— Carta para RM	— Orpheu
	Desesperado	— Orpheu
	Estado Crespular	— Orpheu
	Ausência	— Orpheu
	Meia Noite	— Orpheu
19	— Badinerie a Salomé	— Shiran
	Bravura Interior	— Shiran
	Vishnu Veio Levar-me	— Shiran
	Insônia Mumificada	— Shiran
	Trago-me em Nuvens	— Shiran
20	— 1º Instante	— Momento
	2º Instante	— Momento
	3º Instante	— Momento
	4º Instante	— Momento
	5º Instante	— Momento
21	— Ritmo Sincopado	— Artemiz Dorus
	Endecha ao Monstro Banido	— Artemiz Dorus
	Poema Populoso de Sombras	— Artemiz Dorus
	Demarcação Execrável	— Artemiz Dorus
	Cercarte-el Único	— Artemiz Dorus
22	— Dissolvência	— Lamed
	Inventário	— Lamed
	Poética	— Lamed
	Demonstrativo	— Lamed
	Carta Para Marília	— Lamed
23	— Versus Nada	— Anara
	O Ser Retroativo	— Anara
	Epopéia	— Anara
	Compasso de Vida	— Anara
	(Anti) Retrato	— Anara

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
24 —	Estátua	— Marcopolo
	Grades	— Marcopolo
	Orgasmo	— Marcopolo
	Poema em Dois Compassos	— Marcopolo
	Duplação	— Marcopolo
25 —	Mercado	— If
	O Anjo	— If
	Evasão	— If
	Do Tempo	— If
	Sou	— If
26 —	A Vida	— Tullia
	A Vida em 3 Tempos	— Tullia
	BH-75	— Tullia
	Porque Gosto de Viver	— Tullia
	O Meu Mundo	— Tullia
27 —	Metamorfose	— Garcia
	Canto de Guerra	— Garcia
	Prece	— Garcia
	Quimeras	— Garcia
	Canção da Ausência	— Garcia
28 —	Folha em Branco	— Marialva
	Cantiga de Ninar II	— Marialva
	Ser	— Marialva
	Vaga-Lume	— Marialva
	Canção de Ninar I	— Marialva
29 —	Eu Poderia Crer...	— Brederodes
	Sobremorrer	— Brederodes
	Compasso Binário	— Brederodes
	Bandeira Branca	— Brederodes
	Correnteza	— Brederodes
30 —	Estou Aqui	— Luiz Daniel
	Da Janela do Quinto Andar	— Luiz Daniel
	Hoje	— Luiz Daniel
	Sala de Aula	— Luiz Daniel
	Cantiga	— Luiz Daniel
31 —	Poesia do Nada	— Rafael Criança
	Poesia do Amor	— Rafael Criança
	Poesia ?	— Rafael Criança
	Para Quem Quiser Ouvir	— Rafael Criança
	De Quem Para Quem ?	— Rafael Criança

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
32	— O Homem e a Janela Depois Cena Vôo Eclosão	— Gabriel Navaboreda — Gabriel Navaboreda — Gabriel Navaboreda — Gabriel Navaboreda — Gabriel Navaboreda
33	— Meia Gente Minha Gente Bien Hoa Mossa em Síntese De Seis em Seis A Wladimir Egregiov	— Thio — Thio — Thio — Thio — Thio
34	— Pela Cidade Se Fim de Aula Bodas Espelho	— Peluson — Peluson — Peluson — Peluson — Peluson
35	— Poema de Aniversário Retrospectiva Cósmica Naufrágio Tempo Futuro Mito	— L. Nibita — L. Nibita — L. Nibita — L. Nibita — L. Nibita
36	— Visão Abismos Imagem Absorção Sensorial	— Bil — Bil — Bil — Bil — Bil
37	— Vá Dormir Enquanto é Tempo Variações em Torno de Maria Eu, Você e o Vento My-Lai Balada Trágica com Muito Amor	— Viancus — Viancus — Viancus — Viancus — Viancus
38	— Dia Final: Princípio Ponto de Fuga Pedra Tempo Pontuado O Que Quero	— Guabé — Guabé — Guabé — Guabé — Guabé
39	— Ponto Integral Datas Dentro do Ventre Pé Descalço Círculo.	— Gerúndio — Gerúndio — Gerúndio — Gerúndio — Gerúndio

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
40 —	O Bêbado	— Behto
	O Bar	— Behto
	Morro & Morte	— Behto
	Débora Sete Dias	— Behto
	Poema Tirado de um Jornal Matutino	— Behto
41 —	4 0000	— Marimbondo-Cavalo
	Morte de...	— Marimbondo-Cavalo
	De Bonzos!...	— Marimbondo-Cavalo
	Poetar?	— Marimbondo-Cavalo
	Vira-te	— Marimbondo-Cavalo
42 —	Madrugada	— Rabelo Mendes
	Nostalgia	— Rabelo Mendes
	Protesto	— Rabelo Mendes
	Ninar	— Rabelo Mendes
	Distância	— Rabelo Mendes
43 —	Amor	— Aira
	Primavera	— Aira
	Recordações do Outono	— Aira
	Lembranças	— Aira
	Silêncio	— Aira
44 —	Hora	— E. Silvaglio
	Viver	— E. Silvaglio
	Liberdade	— E. Silvaglio
	Viagem dos Santos do Passado	— E. Silvaglio
	A Guerra	— E. Silvaglio
45 —	Aconteceu	— E. Silvaglio
	Eu	— E. Silvaglio
	Tempo	— E. Silvaglio
	Dor de Cabeça	— E. Silvaglio
	Vida Paixão e Morte	— E. Silvaglio
46 —	Ópera do Verde e do Sal	— La Kali (2º Lugar)
	Fica Postulado	— La Kali
	A Minha Carne Dói	— La Kali
	Pacto	— La Kali
	Vai	— La Kali

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- "Atas Poemas"*, de Carlos Drummond de Andrade e outros; organização de Plínio Doyle — Rio de Janeiro — RJ.
- "Memória Literária II"*, publicação da Fundação Casa de Rui Barbosa — Rio de Janeiro — RJ.
- "Monchão-Coroado"*, de Geraldo Dias da Cruz — Belo Horizonte — MG.
- "A Rua dos Meninos Mortos"*, de Walter de Souza Barbeiro — São Paulo — SP.
- "Poesia e Protesto em Gregório de Matos"*, de Fritz Teixeira de Salles — Interlivros — Belo Horizonte — MG.
- "Philologica Pragensia"*, da Academia de Ciências da Tchecoslováquia — Volume 18 — 1975 — Tchecoslováquia.
- "The Centennial Review"*, do College of Arts and Letters da Michigan State University — Volume XIX — nºs 2 e 4 — Michigan — EUA.
- "José Adriano Marrey Júnior — Um Humanista da Velha Escola"*, de Otto Cyrillo Lehmann — São Paulo — SP.
- "Courrier du Centre International D'Etudes Poétiques"*, da Maison Internationale de la Poesie — Números 107 e 109 — Bruxelas — Bélgica.
- "O Peregrino"*, *"Claresfera"* e *"Ofício Lírico"*, de Wilson Alvarenga Borges — Rio de Janeiro — RJ.
- "Hoja"*, da Editorial Universitaria Centroamericana — Número 2 — Costa Rica.
- "O Bronca"*, da Faculdade de Filosofia de Ituiutaba — Número 7 — Ituiutaba — Minas Gerais.
- "Totem"*, Suplemento Cultural do jornal "Cataguazes", números 1 e 2 — Cataguazes — MG.

- "Botija Parda"*, jornal de Araguari — Araguari — MG.
- "Vertentes"*, de Júlio Gastafion Guimarães — Rio de Janeiro — RJ.
- "Franciscanum"*, Revista de Las Ciências del Espiritu — nº 49, janeiro a abril de 1975 — Universidade de San Buenaventura — Bogotá — Colômbia.
- "Vomivempo"*, de Cascão Júnior — Belo Horizonte — MG.
- "Stromata"*, Revista da Faculdade de Filosofia e Teologia da Universidad del Salvador — nº 1 — Ano XXXI — Janeiro a junho de 1975 — San Miguel — Argentina.
- "Et Cetera"*, nº 3 — Varginha — MG.
- "Teixeira de Freitas"*, de Walter de Souza Barbeiro — Guarulhos — SP.
- "Aspectos Estéticos da Literatura do Rio Grande do Sul"*, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos — 1973 — RGS

## ALGUMAS CRÍTICAS À REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

### CARTAS

... aumenta o interesse... no ponto em que está, se esta Revista deixar de existir teremos perdido um dos grandes estímulos para os literatos futuros que têm nela a oportunidade de valorizarem..

**Reni Roberto de Vasconcelos — Santo Antônio do Monte — MG.**

... a excelente publicação ... desejamos continuar sempre recebendo...

**Faculdade de Direito da UFMG — Biblioteca — Belo Horizonte — MG.**

... devido à excelente qualidade dos trabalhos ali apresentados...

**Ricardo Viana Decat — Belo Horizonte — MG.**

... esta excelente obra que é a Revista Literária...

**Josefina Toledo — Alfenas — Minas Gerais**

... de grande valia para as pesquisas e informações literárias...

**Prof. José Luís Guilherme — Rio Claro — São Paulo**

... apresentar congratulações pela iniciativa, que tanto êxito alcançou...

**Oswaldo Pierucetti — Belo Horizonte — MG.**

... para parabenizá-los por essa louvável promoção, que desperta grande interesse nos estudantes da Universidade...

**Centro Pedagógico da UFMG — Belo Horizonte — MG.**

... o prazer de receber a Revista Literária...

**Prof. José Nastri Filho — Universidade de São Carlos — São Paulo**

... há anos que venho acompanhando as atividades desta Revista e constatado que vem cumprindo com destaque sua finalidade de divulgar



novos valores, aberta a todas as tendências literárias. Esta revista é conhecida tanto no Brasil como no exterior e contará sempre com nosso apoio e incentivo, pois o serviço por ela prestado à literatura nacional é de fundamental importância...

**Octávio R. Mendonça Neto — São Paulo — SP**

... continua justa na escolha dos melhores...

**Carlos Alfredo Cordeiro — Belo Horizonte — MG.**

... excelente a Revista! Parabéns...

**Nilton Mendes Lima — Belo Horizonte — MG.**

... excelente ... vocês têm alunos geniais ... parabéns ao corpo docente e ao discente.

**Maria Etelvina Cunha Fernandes — Ribeirão Vermelho — MG.**

... publicação de grande proveito para as pesquisas de alunos e de professores...

**Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras — Lorena — São Paulo**

... trabalho realizado no sentido de divulgar valores artísticos da UFMG e não poderíamos nos omitir de cumprimentá-los, uma vez que se trata de algo cuja repercussão se faz sentir até no exterior...

**Centro de Estudos Históricos da Faculdade de Filosofia de Itulutaba — Minas Gerais**

... prazer do conhecimento da Revista Literária... participar aos colegas a descoberta da Revista...

**Miriam Maranhão — Rio de Janeiro — RJ.**

... esta publicação será, aqui no interior, um excelente meio de acompanharmos a evolução da nossa literatura...

**Escola Estadual Antônio Novais — Ribeirão Vermelho — MG**

... magnífica obra literária que revela o quanto pode realizar nossa mocidade e como é capaz de dizer em prosa e verso o que vai em sua alma. Sua leitura é envolvente e profunda...

**Sylla Ribas — Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas — Rio Grande do Sul**

... como sempre, trazendo um conteúdo de alto nível e bom gosto. A RL tem o seu lugar...

**Norton Andrade — BH - MG.**

... palmas calorosas ao «élan» dessa generosa mocidade, sem cujo calor (diz Bernanos) o mundo bateria queixo...

**Antônio Augusto de Mello Cançado — Belo Horizonte — MG**

... tendo lido as elogiosas referências ... sobre a Revitsa Literária, interessei-me em conhecê-la...

**Júlio Castañon Guimarães — Rio de Janeiro — RJ**

... me senti uma grande privilegiada ... receber a Revista Literária... este esforço demonstrado ... que nos fazem acreditar que ainda existe idealismo em nossa Pátria ... votos de continuidade da excelente publicação...

**Celina Simão Mattar — Franca — São Paulo**

... a RL ... vem sendo muito procurada pelos professores e alunos...

**Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Mogi Mirim — São Paulo**

... apresentação gráfica excelente ... Revista Literária sacode para todo o Brasil a mensagem nova da cultura mineira como prova do seu amor à literatura e ao futuro deste grande País. São dezenas ou centenas de escritores novos — contistas, ensaístas e poetas — que alçam os primeiros vôos em busca da glória e da celebridade ... futuros escritores deste grande Brasil...

**M. Rodrigues de Melo — Natal — Rio Grande do Norte**

... da magnífica Revista Literária, que faltava em minha coleção...

**Plínio Doyle — Rio de Janeiro — RJ**

... a magnífica qualidade da sua revista, que orgulhosamente cito nas minhas aulas de literatura brasileira, tem motivado grande interesse pelas letras brasileiras... lêem suas publicações avidamente... fico altamente agradecido pela inspiração que a sua Revista Literária tem despertado e criado...

**Dr. Noël Guilherme Ortega — Harvard University — Cambridge — Massachusetts — EUA**

... remessa da RL... para uso de nossos professores e centenas de alunos, nos seus trabalhos de pesquisa, averiguações, contato e conhecimento com as novas gerações literárias...

**Prof. João Pinto Oliveira — Vice-Diretor da Escola da Comunidade Santiaguense — São Tiago — MG**

... desta interessante Revista ...

**Alfredo Peres — Rio de Janeiro — RJ**

... excelente Revista Literária ... são muitos os elogios que poderia fazer a esta espetacular RL ... literatura de alto nível ... a falta de uma revista desse tipo aqui em Salvador me faz sentir uma enorme inveja dos mineiros, que têm a sorte de contar com a RL...

**João Antônio C. Cajazeira — Salvador — BA**

... felicito-lhe e a todo o corpo discente... da UFMG por tão brilhante iniciativa que é a RL ... excelente publicação ... reflete bem o pensamento da mocidade mineira atual...

**Dupuy Antônio Cortes — Florianópolis — SC**

... como sempre, a RL está sensacional. Parabéns a todos os responsáveis...

**Aparecida Bastos Ventura — São Paulo — SP**

... famosa e conceituada Revista Literária... leitura útil e proveitosa...

**Luiza Valadares Vasconcelos — Barbacena — MG**

para o enriquecimento de nosso acervo e deleite dos alunos...

... Revista que tanto me interessava...

**Prof. Antônio Hohlfeldt — Porto Alegre — RGS**

... sua renomada Revista Literária...

**Dra. Ivone Pinto — João Pessoa — Paraíba**

... envio da excelente Revista Literária da UFMG...

**Sônia M. M. Beatrice — Biblioteca da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Mogi Mirim — SP.**

... RL, lida com atenção devida e inteira. Felicitações pelo empenho ativo de manter a palavra em liberdade. Absoluta...

**Stefan Baciu — University of Hawaii — Honolulu — Hawaii**

... interessei por essa publicação ... o interesse é pessoal e também reflete o desejo do DA «Jaques Maritain» das Faculdades Associadas do Ipiranga e do Centro Acadêmico de Estudos Literários da Universidade de São Paulo...

**Amador Ribeiro Neto — São Paulo — SP**

... números editados posteriormente dessa maravilhosa Revista Literária...

**Biblioteca Deocypl — Cruzeiro — SP**

## JORNALIS

«... este número me parece ainda mais sugestivo e de muito realce como materialização de cultura dos contistas, poetas, ensaístas promissores, vocação talvez nascida em escola arejada e evoluída cujos altos propósitos se confirmam através de periódico do porte de RL, de elogiável aspecto gráfico, ilustrada. Vale a pena conhecê-la. Utilíssima e, mais ainda, exemplar, digna de apoio.»

**Oswaldo Lopes de Brito — Coluna «DM Livros», jornal  
Diário da Manhã — 22 de junho de 1975 — São Paulo**

«... já está circulando... sido considerada de utilidade cultural... alguns nomes que integram determinada geração de escritores mineiros escreveram e continuam colaborando na Revista... a Revista Literária da UFMG vem batendo o récorde de permanência na praça ... se a Revista vai revelar grandes escritores nacionais só o tempo dirá ... até agora, porém, tem se prestado admiravelmente bem à revelação de nomes que, sem ela, permaneceriam para sempre no limbo das gavetas ... a Revista Literária da UFMG, única no gênero... só poderia ter nascido mineira...»

**Suplemento Literário do «Minas Gerais» — 28 de junho  
de 1975 — Belo Horizonte — MG**

«... publicação exclusivamente voltada à produção literária do estudante, há nove anos divulga contos e poemas de alunos e ex-alunos da UFMG...»

**Perspectiva Universitária, órgão de divulgação da Fun-  
dação MUDES — nº 51 — 1975 — Rio de Janeiro  
— RJ**

«... em Minas tudo pode acontecer: por exemplo, a Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais chega ao número 9, enfrentando todas as tormentas... Outra coisa boa para os ficcionistas e poetas: em mais de três dezenas de matérias, um só ensaio...»

**Wladyr Nader, Coluna «Livros Novos» — Folha de  
São Paulo — 16 de junho de 1975 — São Paulo**

«... já está no número 9 a Revista Literária... Plínio Carneiro dá-lhe boa adequação editorial... bom trabalho de Danilo Gomes, «notas para o Roteiro de um Romance», onde perpassa, pulsando, o talento deste escritor...»

**Euclides Marques Andrade, Coluna «Gente, Livros &  
Fatos» — Jornal «Minas Gerais» — 12 de agosto de  
1975 — Belo Horizonte — MG**

